

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS**

**MARIA CECILIA MARTINS BAINI**

**DISCURSOS NO FACEBOOK ACERCA DO LANÇAMENTO DO FILME MULHER-  
MARAVILHA: UMA DISCUSSÃO DE QUESTÕES FEMINISTAS**

Pelotas

2017

**MARIA CECILIA MARTINS BAINI**

**DISCURSOS NO FACEBOOK ACERCA DO LANÇAMENTO DO FILME MULHER-  
MARAVILHA: UMA DISCUSSÃO DE QUESTÕES FEMINISTAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração Linguística Aplicada, da Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Linha de Pesquisa: Texto, Discurso e Relações Sociais

Orientador: Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral

Pelotas

2017

**MARIA CECILIA MARTINS BAINI**

**DISCURSOS NO FACEBOOK ACERCA DO LANÇAMENTO DO FILME MULHER-  
MARAVILHA: UMA DISCUSSÃO DE QUESTÕES FEMINISTAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração Linguística Aplicada, da Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Linha de Pesquisa: Texto, Discurso e Relações Sociais

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral (UCPEL)

---

Profa. Dra. Camila Lawson Scheifer (FURG)

---

Profa. Dra. Raquel da Cunha Recuero (UFPEL)

Pelotas, 24 de novembro de 2017

**Para minha filha Sophia, minha maior  
inspiração, com todo meu amor.**

## AGRADECIMENTOS

Sophia, primeiro quero agradecer a ti. Pela paciência, pelo carinho, pela parceria. Acompanhaste toda a minha trajetória neste Mestrado. Vibraste comigo desde a seleção até a reta final. Foste compreensiva em todos os finais de semana em que estive ausente. Agradeço a ti por tudo isso e por me ajudares a ser uma mulher e mãe melhor. Sei que carregas em ti toda ternura e força de uma menina sensível, curiosa e questionadora. Espero, com este estudo, ajudar a construir um mundo mais doce para ti. E que continues inquieta, defendendo e construindo teus espaços no mundo. Que possas ser quem quiseres ser e viver do jeito que quiseres viver. Estarei sempre contigo! Até o infinito, ida-e-volta!

Mãe e pai, nossa história me construiu a mulher que sou hoje. E sou grata a isso. Agradeço o apoio incondicional, o modelo emprestado e o amor dedicado. Agradeço muito a vocês! Vocês são minha inspiração e minha força!

Gugu e Márcia, gratidão por cada papo, cada conselho, cada puxão de orelha, cada troca sempre amorosamente compartilhada. Vocês foram decisivos nesta minha trajetória.

Sinto-me grata, também, por ter incríveis mulheres por perto, que me inspiram tanto! Letícias, Simones, Stelas, Gigis, Natálias, Anas, Vanisses, Adrianas, Fabis, Andreas, Sibelies, Fernandas, Lucias, Marias, Rebecas, Euranis e tantas outras mulheres-maravilhas.

Agradeço à Raquel, à Camila e ao Adail por serem tão inspiradores, por generosamente compartilharem suas experiências comigo e me transformarem numa pesquisadora e profissional melhor. Gratidão pelo empoderamento e carinho. Gratidão por me conduzirem nessa jornada, por confiarem em mim e por me ensinarem a voar!

Agradeço e reverencio à Deus, à Deusa, à Bába e à Consciência Suprema que me abençoa tanto!

Gratidão.

*"A gente tem que andar sempre "assim", com a  
coluna bem ereta! Poderosa! Tu já viste a  
Mulher-Maravilha encolhida?"  
(Evani Baine, minha mãe e heroína favorita)*

## RESUMO

A personagem Mulher-Maravilha é reconhecidamente feminista e figura, juntamente com Superman e Batman, uma das principais super-heroínas da *DC Comics*. Ela é a super-heroína feminina mais conhecida da grande massa. No entanto, foi só em 2017, 75 anos depois de seu lançamento que a personagem ganha uma obra cinematográfica própria. Com o advento das tecnologias da informação e com a apropriação dos espaços dos sites de redes sociais, a temática do feminismo vem ganhando força e tem sido amplamente discutida. Neste estudo analiso, então, a discussão nos sites de redes sociais sobre as questões de gênero, no que se refere ao lançamento do filme Mulher-Maravilha, em quatro publicações na página de Facebook oficial da obra. Investiguei, nos comentários sobre o lançamento do filme, a presença de debate sobre as questões feministas, a fim de identificar os temas discutidos. Minha hipótese era de que o filme fosse capaz de mobilizar discursos sobre empoderamento feminino. Para este projeto, primeiro traço um breve histórico sobre como as questões de gênero têm sido discutidas desde os anos 1930 até os dias atuais. Em seguida, abordo sobre como os estudos de gênero são entendidos hoje e sobre a presença do feminismo na Internet. Questões sobre poder e discurso são trazidas à tona ancoradas nos preceitos de Bourdieu (1996) e Foucault (2013), que descrevem elementos para se pensar na produção do discurso como sendo um produto das relações de poder em uma sociedade. Entendo a linguagem, enquanto forma de naturalizar o poder, através do conceito de *habitus* (BOURDIEU 1989), e a considero como uma das formas de perpetuação da desigualdade dos gêneros. Recorro à Recuero (2012, 2014) para descrever a comunicação mediada pelo computador e seus aspectos relevantes para análise deste estudo, compreendendo-a como um produto social, capaz de simular elementos da conversação oral. Entendo, assim como Herring (2001), que a comunicação textual é parte dos discursos que vêm a construir comportamentos. Assim, utilizo aportes teóricos e metodológicos da Análise do Discurso Mediada por Computador, desenvolvidos por Herring (2001, 2004) na tentativa de encontrar padrões capazes de indicar a presença de discussão sobre o empoderamento feminino, bem como identificar outros padrões recorrentes de discurso.

**Palavras-chave:** Mulher-Maravilha. feminismo. empoderamento feminino. Comunicação Mediada pelo Computador. Facebook. Análise do Discurso Mediada pelo Computador.

## ABSTRACT

Wonder Woman character is acknowledgedly feminist and figured, along with Superman and Batman, one of *DC Comics*'s top superheroes. She is the female's best-known female superhero. However, it was only in 2017, 75 years after its release, that the character gains a cinematographic work of its own. With the advent of information technology and the appropriation of the spaces of social networking sites, the theme of feminism has been gaining strength and has been widely discussed. This study analyzes the discussion on social networking sites on gender issues, in relation to the Wonder Woman movie release, in four publications on the official Facebook page. We investigated, in the comments on the release of the film, the presence of a debate on feminist issues, in order to identify the topics discussed. The idea is that the film would be able to mobilize discourses about female empowerment. We trace a brief history of how gender issues have been discussed from the 1930s to the present day. We discuss how gender studies are understood today and about the presence of feminism on the Internet. Questions about power and discourse were brought to the fore anchored in the precepts of Bourdieu (1996) and Foucault (2013), who describe elements to be considered in speech production as being a product of power relations in a society. We understand language as a form of naturalizing power through the concept of *habitus* (BOURDIEU 1989), and we consider it as one of the ways of perpetuating gender inequality. We recourse to Recuero (2012, 2014) to describe computer mediated communication and its relevant aspects for the analysis of this study, understanding it as a social product, capable of simulating elements of oral conversation. We understand, as Herring (2001), that textual communication is part of the discourses that come to construct behaviors. Thus, we use theoretical and methodological contributions of the Computer Mediated Analysis Discourse, developed by Herring (2001, 2004) in an attempt to find patterns capable of indicating the presence of a discussion about female empowerment, as well as to identify other recurrent patterns of discourse.

**Keywords:** Wonder Woman. feminism. female empowerment. computer mediated communication. Facebook. Computer Mediated Analysis Discourse.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Comentário de postagem na página "Moça, Você é Machista", no Facebook.....	49
Figura 2: Comentário de postagem na página "Eu me chamo KéééHTLyN", no Facebook.....	49
Figura 3: Publicações extraídas através de pesquisa com uso da hashtag #EuPrefiroTwitterPq, no Twitter.....	51
Figura 4: Conversação retirada da página "Empodere Duas Mulheres", no Facebook.....	53
Figura 5: Comentários retirados de uma publicação da página de Facebook "Empodere Duas Mulheres".....	56
Figura 6: Postagem retirada da página de fãs oficial do filme Mulher-Maravilha.....	64
Figura 7: capa da matéria veiculada na revista Veja.....	72
Figura 8: Postagem de Facebook da página Quebrando Tabu sobre o filme Mulher-Maravilha.....	73
Figura 9: Comentários na publicação da página de Facebook Quebrando Tabu sobre o filme Mulher-Maravilha.....	74
Figura 10: Comentários na publicação da página de Facebook Quebrando Tabu sobre o filme Mulher-Maravilha.....	75
Figura 11: Print topo da página de fãs no Facebook do filme Mulher-Maravilha.....	82
Figura 12: Exemplo de comentário retirado da Página de Facebook Quebrando Tabu, na publicação sobre o filme Mulher-Maravilha.....	102
Figura 13: Exemplo de comentário retirado da Página de Facebook Quebrando Tabu, na publicação sobre o filme Mulher-Maravilha.....	102
Figura 14: Exemplo de comentário retirado da Página de Facebook Quebrando Tabu, na publicação sobre o filme Mulher-Maravilha.....	103

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Aspectos Analisados na CMC.....	59
Tabela 2: Quatro domínios de linguagem.....	80
Tabela 3: Aspectos observados quanto à Estrutura e o número de ocorrências...	101
Tabela 4: Aspectos observados quanto ao Sentido e o número de ocorrências....	102
Tabela 5: Aspectos observados quanto à Interação e o número de ocorrências...	105
Tabela 6: Aspectos observados quanto ao Comportamento Social e o número de ocorrências.....	106

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Prints das postagens analisadas, suas respectivas legendas e número de curtidas de cada uma das publicações.....	84
Quadro 2: Print da 1ª publicação analisada e os respectivos comentários selecionados para análise. ....	85
Quadro 3: Print da 2ª publicação analisada e os respectivos comentários selecionados para análise.....	87
Quadro 4: Print da 3ª publicação analisada e os respectivos comentários selecionados para análise.....	89
Quadro 5: Print da 4ª publicação analisada e os respectivos comentários selecionados para análise.....	91

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1 QUESTÕES DE GÊNERO .....</b>	<b>20</b>
1.1 O MOVIMENTO FEMINISTA .....	20
1.2 POR UMA EPISTEMOLOGIA FEMINISTA .....	26
1.3 ESTUDOS DE GÊNERO .....	29
1.4 O EMPODERAMENTO FEMININO .....	33
1.5 O FEMINISMO NA INTERNET: ALGUMAS OBSERVAÇÕES .....	35
1.6 PODER E DISCURSO .....	39
1.7 DISCURSO DE GÊNERO .....	44
<b>2 A COMUNICAÇÃO MEDIADA POR COMPUTADOR.....</b>	<b>47</b>
2.1 CONVERSAÇÃO E CONVERSAÇÃO MEDIADA POR COMPUTADOR .....	48
2.2 TIPOS DE CMC .....	55
2.3 OS SITES DE REDES SOCIAIS .....	57
2.4 O FACEBOOK .....	62
<b>3 A MULHER-MARAVILHA .....</b>	<b>67</b>
<b>4 METODOLOGIA .....</b>	<b>78</b>
<b>5 ANÁLISES .....</b>	<b>82</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>114</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>120</b>
APÊNDICE A - ESTUDO PILOTO .....	120

## INTRODUÇÃO

O filme Mulher-Maravilha foi lançado em 1º de junho de 2017 e conta a história de uma heroína que decide deixar seu reinado para salvar a Terra. O trailer do novo filme foi lançado no Facebook, na página de fãs oficial brasileira do filme, dia 23 de julho de 2016<sup>1</sup>. Nesta oportunidade, também, uma outra página de fãs no Facebook que discute o empoderamento feminino, divulgou o trailer do filme através da imagem<sup>2</sup> de uma cena do filme, publicada dia 25 de julho de 2016. Nesta publicação continha um diálogo que chamou minha atenção. A conversa se passa entre a personagem Mulher-Maravilha e um homem. Ele diz: “Não posso deixar você fazer isso”. Ao que ela responde: “Não cabe a você decidir o que eu faço”. Assim, replicando, ela o destituiu da posição de poder e dominação quanto às suas decisões.

Em um contexto sócio-histórico em que as discussões sobre gênero tomam força, especialmente através dos sites de redes sociais, acredito que o lançamento do filme Mulher-Maravilha tornar-se um terreno fértil para análise e discussão das questões feministas, como o empoderamento feminino, por exemplo. O tema do filme Mulher-Maravilha sob a perspectiva feminista já tem sido discutido nos sites de redes sociais, como por exemplo em páginas de fãs no Facebook chamadas “Empodere Duas Mulheres”<sup>3</sup> e “Mulher-Maravilha”<sup>4</sup>. Para analisar a viabilidade deste trabalho, realizei um estudo piloto (vide Apêndices). Neste pré-estudo, analisei a publicação do trailer no filme em ambas as páginas e observei que as questões feministas são fortemente trazidas à tona pelos usuários do Facebook. Aspectos como empoderamento feminino e a beleza da atriz foram levantados nos debates sobre o filme.

A primeira aparição da Mulher-Maravilha nas revistas em quadrinhos foi em 1941. Na época, de acordo com Marston, criador da personagem, a Mulher-Maravilha representava a propaganda psicológica sobre um novo tipo de mulher que ele acreditava que deveria dominar o mundo, uma mulher inteligente, capaz, forte, independente e livre. Nos dias de hoje, acredito que essa discussão tenha mais

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/MulherMaravilhaFilme/videos/271910516505118/>> Acesso em: 30 out 2016.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/photos/a.793090670764923.1073741827.282908221783173/1129637890443531/>> Acesso em: 06 ago 2016.

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/empodereduasmulheres>>

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/MulherMaravilhaFilme/>>

espaço para vir à tona e uma personagem feminina, que figura uma super-heroína, como a Mulher-Maravilha, deve servir de objeto para discussões de gênero, uma vez que quebra estereótipos outrora retratados no cinema e reproduz o movimento em direção ao empoderamento feminino visto na sociedade atual. Sendo assim, a hipótese deste trabalho é que a personagem da Mulher-Maravilha vai ao encontro das questões debatidas pelo movimento feminista e que, por isso, desperta nas redes sociais a discussão sobre gênero.

Atualmente observo que as produções cinematográficas têm posicionado a figura da mulher em um outro lugar, diferente daquele representado pelas produções hollywoodianas em que as mulheres figuravam mocinhas indefesas e mulheres fatais, ou os homens apresentados como heróis e vilões. Lopes Louro (2008) afirma que a audiência do cinema que aprendeu a decodificar essa linguagem, torcendo para os heróis e pelo romance, está se reformulando, uma vez que estas representações, nos dias de hoje, mudaram muito e as representações de gênero tornaram-se menos dicotômicas.

Um exemplo disso é o filme *Caça-Fantasmas*, lançado em 2016, que subverte a produção original (de 1984) e substitui os heróis masculinos por heroínas femininas. O filme retrata uma mulher morena, uma loira, uma negra e uma ruiva numa sequência de provocações contra os parâmetros machistas. Críticas em sites especializados, como o Omelete<sup>5</sup>, por exemplo, afirmaram que a autora do filme o coloca numa posição de favorecimento do empoderamento feminino. Nas redes sociais, o tema também é tratado. Na página de fãs do Facebook oficial do filme<sup>6</sup>, por exemplo, identifiquei comentários dos usuários abordando questões feministas.

Com as tecnologias da comunicação e da informação, as interações sociais encontraram novos ambientes para serem desenvolvidas, caracterizando sistemas interativos próprios (LEMOS, 2008), como por exemplo, os sites de redes sociais. As potencialidades comunicativas da era digital viabilizam que os discursos sobre gênero encontrem no ambiente virtual um lugar de expressões coletivas, antes desconhecidas, com novas significações (TOMAZETTI, 2015). Através da necessidade de construir um discurso próprio, provocar mudanças e empoderar as

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://omelete.uol.com.br/filmes/criticas/caca-fantasmas/?key=111711>>. Acesso em: 20 ago 2016.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CacaFantasmas>>

mulheres, o movimento feminista passa a organizar a produção de seus espaços de comunicação.

A noção de empoderamento feminino deste estudo passa pelo viés da dominação e exprime a ideia de que as mulheres possam tomar suas decisões de forma independente dos homens. O conceito de empoderamento surgiu com os movimentos de direitos civis, nos Estados Unidos, nos anos 1970, juntamente com a bandeira do poder negro como uma forma de auto-valorização da raça e conquista da cidadania (COSTA, 2000). O termo empoderamento passou a ser utilizado pelo movimento feminista ainda nessa década, compreendido como “a alteração radical dos processos e estruturas que reduzem a posição de subordinada das mulheres como gênero.”. (COSTA, 2000, p. 7)

Foi nos anos 1980, o termo empoderamento popularizou-se, mas sua disseminação só ocorreu recentemente (MARTINS, 2003). A discussão sobre o empoderamento das mulheres surge como resultado de muitas críticas e debates importantes gerados pelo movimento feminista em todo o mundo, em que se percebeu que as estratégias de desenvolvimento e as intervenções não obtiveram um progresso significativo no melhoramento do status das mulheres (MAGESTE, MELO & CKAGNAZAROFF, 2008).

Deste modo, verificar como se articulam as discussões sobre o empoderamento feminino nos dias de hoje no ambiente das redes sociais é uma importante forma de contribuir com o desenvolvimento de estratégias que visem uma sociedade mais igualitária e justa. Estudos de gênero devem estar articulados com os acontecimentos do cotidiano, a fim de trazerem para a realidade atual, uma fonte mais fidedigna de investigação, e que converse com os movimentos feministas para além da Academia. Além disso, estudar os discursos sobre o empoderamento feminino no contexto das redes sociais contribui para o debate das questões de gênero entre a comunidade acadêmica de modo a enriquecer os estudos científicos na área em diferentes contextos, como na Internet.

Para fins de contextualizar este estudo, então, apresento um breve histórico do movimento feminista e defino a noção de empoderamento feminino. O termo feminismo, no sentido atual, começou a ser utilizado na América no primeiro decênio deste século (TILLY, 1994). A definição de feminismo envolve três componentes: 1) a defesa da igualdade dos sexos ou oposição à hierarquia dos sexos; 2) o reconhecimento de que a condição das mulheres é construída socialmente; e 3) a

identificação com as mulheres enquanto grupo social e o apoio a elas (COTT, *apud* TILLY, 1994). O feminismo, enquanto movimento social, segundo Costa (2013), é um movimento moderno que surge no contexto das ideias iluministas e das ideias transformadoras da Revolução Francesa e da Americana e se espalha, em um primeiro momento, por uma demanda por direitos sociais e políticos. Foi na Inglaterra, nas duas últimas décadas do século XIX, no contexto da luta pelo direito ao voto, que as mulheres, conhecidas por sufragistas, iniciaram as primeiras articulações do movimento feminista. A partir dos anos 1920 a luta sufragista se espalha para os países latino-americanos, sob a condução das mulheres de classe alta e média.

Em 1964, com o Golpe Militar, muitos movimentos populares, como o movimento feminista, foram silenciados, segundo Costa (2013). Sob impacto do movimento feminista internacional e como forma de resistência à opressão militar dos anos 1970, o movimento feminista toma força novamente no Brasil (MATOS, 2010). Em 1975, como parte das comemorações do Ano Internacional da Mulher, promovido pela Organização das Nações Unidas, foram realizadas várias atividades públicas em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, reunindo mulheres interessadas em discutir a condição feminina em nossa sociedade, à luz das propostas do novo movimento feminista que se desenvolvia na Europa e nos Estados Unidos (COSTA, 2013). De acordo com Costa (2013), os anos 1980 trouxeram novos dilemas ao movimento feminista no Brasil.

Com a redemocratização dos anos 1980, o feminismo no Brasil entra em uma fase de efervescência na luta pelos direitos das mulheres. Costa afirma que o fortalecimento do movimento fez do eleitorado feminino um importante alvo de interesse político nesta época.

No início dos anos 1990, segundo Costa (2013), se multiplicaram as várias modalidades de organizações e identidades feministas. As mulheres pobres articuladas nos bairros através das associações de moradores, as operárias através dos departamentos femininos de seus sindicatos e centrais sindicais, as trabalhadoras rurais através de suas organizações começaram a identificar-se com o feminismo.

Atualmente, o cenário do movimento feminista avançou muito. Mais atuante, o movimento aproximou-se do Estado, reivindicando suas pautas. Com a democratização da informação através da Internet, o movimento feminista teve sua voz ampliada, e luta por direitos de forma mais enfática destacando, questionando e apontando abusos sofridos pelas mulheres.

O movimento feminista tem uma característica muito particular: é um movimento que produz sua própria reflexão crítica, sua própria teoria (PINTO, 2010). Este alinhamento entre militância e teoria é rara e deve-se, entre outras razões, ao tipo social de militante que impulsionou, em um primeiro momento, o feminismo da segunda metade do século XX: mulheres de classe média, educadas, principalmente, nas áreas das Humanas, da Crítica Literária e da Psicanálise (PINTO, 2010). O movimento feminista tem por características defender os interesses de gênero das mulheres, questionar os sistemas culturais e políticos construídos a partir dos papéis de gênero historicamente atribuídos às mulheres e é autônomo em relação a outros movimentos, organizações e ao Estado (ÁLVAREZ, *apud* COSTA, 2013). É através desse movimento feminista, então, que os conceitos de empoderamento feminino são trazidos à tona.

Para Batliwala (1997), o empoderamento feminino tem a ver com obtenção de maior controle sobre as fontes de poder e esta definição tem sido ampliada pelo movimento feminista. O empoderamento feminino, então, tem sido considerado como além da equidade entre homens e mulheres e está relacionado ao fortalecimento dos atores sociais, considerando-se que a questão das desigualdades de gênero não se resume a carência ou precariedade de recursos, mas na falta de oportunidades sociais, políticas e econômicas, e exige uma expansão das capacidades humanas e das liberdades reais. Ou seja, o empoderamento das mulheres representa um desafio às relações patriarcais, garantindo a elas autonomia para controlar o próprio corpo, a sua sexualidade, o seu direito de ir e vir, bem como um repúdio à violência, ao abandono e às decisões unilaterais masculinas que afetam a toda a família (MAGESTE, MELO & CKAGNAZAROFF, 2008). Assim, a noção de empoderamento feminino deste estudo corrobora as ideias de Mageste; Melo e Ckagnazaroff (2008) e exprime a ideia de as mulheres poderem decidir sobre sua própria vida nos espaços públicos e privados, bem como exercer poder nos espaços em que são tomadas decisões acerca das políticas públicas e de outros acontecimentos relativos aos rumos da sociedade e que interferem direta ou indiretamente sobre os seus interesses.

De acordo com Mageste; Melo e Ckagnazaroff (2008), o interesse sobre as questões de gênero vem crescendo e se aprofundando nas ciências sociais. Acredito que isso se deva ao movimento atual das mulheres que têm reivindicado condições de vida mais igualitárias e, também, ao fato de haver uma maior inserção de mulheres no desenvolvimento de pesquisas científicas. O empoderamento feminino agrupa

diferentes preocupações quanto ao impacto do desenvolvimento sobre as mulheres, sobre a necessidade de redistribuição do poder, e envolve aportes teóricos de diferentes disciplinas como psicologia, antropologia, ciência política, sociologia, educação, direito, administração e economia (MAGESTE; MELO e CKAGNAZAROFF, 2008).

O movimento feminista encontrou hoje, no ambiente digital da Internet e dos sites de redes sociais, um contexto democrático para ampliar a discussão sobre o empoderamento feminino. Os discursos de gênero passam a ter mais impacto e encontram um espaço questionamento, confrontando discursos de poder e hegemônicos. A comunicação midiática tem importante papel na articulação do discurso de gênero. O tema do empoderamento feminino tem sido amplamente discutido nos sites de redes sociais. Páginas de fãs no Facebook como “Empodere Duas Mulheres<sup>7</sup>”, “Feminismo Empoderador<sup>8</sup>”, “Não Me Kahlo<sup>9</sup>”, “Empoderadas<sup>10</sup>” somam mais de dois milhões de seguidores que discutem a temática de gênero diariamente. Neste sentido, Susan Herring (2008) diz que o discurso mediado pelo computador não garante uma interação democrática. Arranjos sociais preexistentes (como o da nossa cultura patriarcal) são transferidos para o ciberespaço e criam condições de concorrência desiguais. A autora afirma que a comunicação mediada por computador pode ser uma ferramenta de opressão ou de resistência.

Meu principal objetivo neste estudo foi investigar discursos no Facebook acerca do lançamento do filme Mulher-Maravilha a fim de verificar a presença de questões feministas e quais são os temas debatidos. Mais especificamente, pretendi identificar se o filme mobilizou discursos sobre o empoderamento feminino.

Pontualmente, procurei:

- 1) Identificar se e de que maneira discursos sobre a super-heroína Mulher-Maravilha se articulam com questões feministas;
- 2) Analisar se discursos sobre a Mulher-Maravilha têm relação com o empoderamento feminino.

---

<sup>7</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/> Acesso em 07 out. 2017

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/feminismoempoderador/>> Acesso em 07 out. 2017

<sup>9</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/NaoKahlo/> Acesso em 07 out. 2017

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/programaempoderadas/>> Acesso em 07 out. 2017

Em conexão com esses objetivos, considerei as seguintes questões norteadoras:

- 1) De que maneira discursos sobre a super-heroína Mulher-Maravilha se articulam com as questões feministas?
- 2) Nos discursos sobre a Mulher-Maravilha, há relação com o empoderamento feminino?

Para discutir essas questões, utilizei o método da Análise do Discurso Mediada por Computador (*Computer-Mediated Analysis Discourse* - CMDA), de Susan Herring (2001). A autora entende que os comportamentos são construídos pelo discurso, e a comunicação textual é parte importante deste processo. Para ela, as pessoas deixam rastros textuais que tornam a interação entre os atores ainda mais acessível do que a comunicação falada, por exemplo. A orientação metodológica da CMDA é direcionada para uma análise do conteúdo da linguagem. E esta análise pode ser qualitativa (observações de fenômenos de discurso em uma amostra de texto) ou quantitativa (fenômenos podem ser codificados e contados) (HERRING, 2004).

Para este estudo, os dados foram selecionados por recortes de tempo e coletados na página de fãs do Facebook oficial do filme Mulher-Maravilha, chamada “Mulher-Maravilha<sup>11</sup>”. Quatro publicações (e comentários) foram analisados, a saber: 1) um post da 2ª semana que antecede o lançamento do filme; 2) um post na semana que antecede o lançamento do filme; 3) um post da semana do lançamento do filme; e 4) um post da 1ª semana que sucede ao lançamento do filme. Os posts analisados foram os mais curtidos em cada uma das semanas citadas. Além disso, os comentários dessas publicações também foram analisados, sendo estes os sete comentários que mais receberam interações nestas postagens (conforme algoritmo do Facebook). A identificação do post mais curtido da semana e dos comentários deu-se às 00h do domingo da respectiva semana.

Por fim, e antes de apresentar o embasamento teórico desta pesquisa, parece-me fundamental apontar as minhas motivações para realizar este trabalho, as quais giram, obviamente, em torno da busca pelo empoderamento feminino. Pessoalmente, sempre busquei empoderar-me diante das situações da vida. Com o advento das

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/MulherMaravilhaFilme/>> Acesso em 01 jul. 2016

mídias sociais, pude identificar que esta era uma questão não só minha, mas de milhares de mulheres; e que as questões femininas são debatidas por diversos grupos. Os sites de redes sociais, serviram, para mim, como um espelhamento e incentivadores de questões muito particulares, conduzidas, agora, não só por mim, mas por muitas outras vozes. Neste sentido, entendo que um estudo é sempre motivado por questões pessoais e parte de um lugar carregado de história, que, inevitavelmente, participa do debate.

Para desenvolver este trabalho, então, primeiro apresento as questões de gênero, contextualizadas pelo movimento feminista e as relações de poder que envolvem o tema. Em seguida, abordo a comunicação mediada por computador. Além disso, apresento um capítulo que contextualiza a personagem Mulher-Maravilha e a repercussão do lançamento do filme na mídia. Finalmente, apresento a metodologia de análise e o meu corpus, para, em seguida, analisar os dados deste estudo.

## 1 QUESTÕES DE GÊNERO

Para iniciar este estudo, apresento neste capítulo um breve histórico que contextualiza a história das mulheres e do movimento feminista. Em seguida, para dar início ao debate desta pesquisa, apresento o tema da epistemologia feminista como meio de desenvolver estudos científicos sobre as questões femininas. Por questões femininas, entendo: a inserção da mulher no mercado de trabalho e na ciência, a liberdade da mulher para vivenciar a sexualidade, a violência contra mulher, o empoderamento feminino etc. Por fim, elucido a noção de gênero como categoria de análise, discuto a noção de empoderamento feminino e busco refletir sobre o papel do movimento feminista na Internet.

Ainda que definidas pelo sexo, as mulheres são mais do que uma categoria biológica; elas existem socialmente e compreendem pessoas do sexo feminino de diferentes idades, de diferentes situações familiares, pertencentes a diferentes classes sociais, nações e comunidades; suas vidas são modeladas por diferentes regras sociais e costumes, em um meio no qual se configuram crenças e opiniões decorrentes de estruturas de poder (TILY, 1994). Neste sentido, a socióloga Ann Oakley evidenciou em 1972, a diferença entre sexo e gênero e afirmou que 'sexo' é uma palavra que faz referência às diferenças biológicas entre machos e fêmeas. Já 'gênero', é um termo que remete à cultura e diz respeito à classificação social em masculino e feminino (TILY, 1994).

### 1.1 O MOVIMENTO FEMINISTA

Ao longo da história ocidental, sempre houve mulheres que se rebelaram contra sua condição, que lutaram por liberdade e muitas vezes pagaram com suas próprias vidas. A Inquisição da Igreja Católica era implacável com as mulheres que desafiassem os princípios pregados como dogmas.

O feminismo, enquanto movimento social, segundo Costa (2013), é um movimento moderno que surge no contexto das ideias iluministas e das ideias transformadoras da Revolução Francesa e da Americana e se espalha, em um primeiro momento, por uma demanda por direitos sociais e políticos. A chamada primeira onda do feminismo, conforme Pinto (2010), aconteceu a partir das últimas

décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro que se popularizou foi o direito ao voto. As sufragistas, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918.

No Brasil, a primeira onda do feminismo também se manifestou mais publicamente por meio da luta pelo voto (PINTO, 2010). As sufragistas brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto. Foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que fez campanha pública pelo voto, tendo inclusive levado, em 1927, um abaixo-assinado ao Senado, pedindo a aprovação do Projeto de Lei, de autoria do Senador Juvenal Larmartine, que dava o direito de voto às mulheres. Este direito foi conquistado em 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro. Ainda nesta primeira onda do feminismo no Brasil, Pinto (2010) chama a atenção para o movimento das operárias de ideologia anarquista, reunidas na “União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas”.

Este feminismo inicial, tanto na Europa e nos Estados Unidos, como no Brasil, perdeu força a partir da década de 1930 e só aparece novamente, com importância, na década de 1960, na chamada segunda onda do feminismo. No decorrer destes trinta anos, um livro marca as mulheres e é fundamental para a nova onda do feminismo: *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado pela primeira vez em 1949. Nele, Beauvoir estabelece uma das máximas do feminismo: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (p. 09). Assim, Beauvoir traz a reflexão de que para se fazer mulher dependia-se das marcas, dos gestos, dos comportamentos, das preferências e dos desgostos que lhes eram ensinados e reiterados, cotidianamente, conforme normas e valores culturais (LOPES LOURO, 2008).

A década de 1960 é particularmente importante para o mundo ocidental: os Estados Unidos entravam com todo o seu poderio na Guerra do Vietnã, envolvendo um grande número de jovens. No mesmo país surgiu o movimento hippie, na Califórnia, que propôs uma forma nova de vida, que contrariava os valores morais e de consumo norte-americanos, propagando seu famoso lema: “paz e amor”. Na Europa, em Paris, aconteceu o “Maio de 68”, quando estudantes ocuparam a

Sorbonne, pondo em xeque a ordem acadêmica estabelecida há séculos; somou-se a isso, a própria desilusão com os partidos burocratizados da esquerda comunista (PINTO, 2010).

O movimento alastrou-se pela França, onde os estudantes tentaram uma aliança com operários, o que teve reflexos em todo o mundo. Foi também nos primeiros anos da década que foi lançada a pílula anticoncepcional, primeiro nos Estados Unidos, e logo depois na Alemanha. A música vivia a revolução dos Beatles e Rolling Stones. Em meio a esta efervescência, Betty Friedan lança, em 1963, o livro que seria uma espécie de bíblia do novo feminismo: *A Mística Feminina*. Durante a década, na Europa e nos Estados Unidos, o movimento feminista surge com toda a força e as mulheres, pela primeira vez, falam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres (PINTO, 2010). O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. Aponta que existe uma outra forma de dominação – além da clássica dominação de classe –, a dominação do homem sobre a mulher (PINTO, 2010).

No Brasil, a década de 1960 teve uma dinâmica diversa em relação ao resto do mundo. O país, nos primeiros anos da década, teve grande efervescência: a música revolucionava com a Bossa Nova; Jânio Quadros, após uma vitória avassaladora, renunciava; e Jango chegava ao poder, aceitando o parlamentarismo, a fim de evitar um golpe de estado. O ano de 1963 foi de radicalizações: de um lado, a esquerda partidária, os estudantes e o próprio governo; de outro, os militares, o governo norte-americano e uma classe média assustada. Em 1964, veio o golpe militar, moderado no seu início, mas que se tornaria, no ano de 1968, uma ditadura militar rigorosa, por meio do Ato Institucional n. 5 (AI-5), que transformava o Presidente da República em um ditador (PINTO, 2010).

Neste contexto, muitos movimentos populares, como o movimento feminista, foram silenciados (COSTA, 2013). Portanto, enquanto na Europa e nos Estados Unidos o cenário era muito propício para o surgimento de movimentos libertários, principalmente aqueles que lutavam por causas identitárias, no Brasil o que se tinha era um momento de repressão da luta política legal, obrigando os grupos de esquerda a irem para a clandestinidade e partirem para a guerrilha (PINTO, 2010).

Sob impacto do movimento feminista internacional e como forma de resistência à opressão militar dos anos 1970, o movimento feminista toma força novamente no Brasil (MATOS, 2010). Pinto (2010) afirma que o regime militar via com grande desconfiança qualquer manifestação de feministas, por entendê-las como política e moralmente perigosas. Em 1975, na I Conferência Internacional da Mulher, no México, a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou os próximos dez anos como a década da mulher. No Brasil, aconteceu, naquele ano, uma semana de debates sob o título “O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira”, com o patrocínio do Centro de Informações da ONU.

Como parte das comemorações, foram realizadas várias atividades públicas em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, reunindo mulheres interessadas em discutir a condição feminina em nossa sociedade, à luz das propostas do novo movimento feminista que neste momento se desenvolvia na Europa e nos Estados Unidos (COSTA, 2013). No mesmo ano, Terezinha Zerbini lançou o Movimento Feminino pela Anistia, que terá papel muito relevante na luta pela anistia, que ocorreu em 1979 (COSTA, 2013). Enquanto as mulheres no Brasil organizavam as primeiras manifestações, as exiladas, principalmente em Paris, entravam em contato com o feminismo europeu e começavam a reunir-se, apesar da grande oposição dos homens exilados, seus companheiros na maioria, que viam o feminismo como um desvio na luta pelo fim da ditadura e pelo socialismo (PINTO, 2010).

De acordo com Costa (2013), os anos 1980 trouxeram novos dilemas ao movimento feminista no Brasil. O feminismo no país entra em uma fase de grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres: há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de temas, como: violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais (PINTO, 2010). Estes grupos organizavam-se, algumas vezes, muito próximos dos movimentos populares de mulheres, que estavam nos bairros pobres e favelas, lutando por educação, saneamento, habitação e saúde, fortemente influenciados pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. Este encontro foi muito importante para os dois lados: o movimento feminista brasileiro, apesar de ter origens na classe média intelectualizada, teve uma interface com as classes populares, o que provocou novas percepções, discursos e ações em ambos os lados (PINTO, 2010).

Neste período, como afirma Costa (2013), o avanço do movimento fez do eleitorado feminino um alvo do interesse político, que começou a incorporar as demandas das mulheres aos seus programas e plataformas eleitorais e a criar Departamentos Femininos dentro das suas estruturas partidárias. Uma das mais significativas vitórias do feminismo brasileiro foi a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM), em 1984, que, tendo sua secretária com status de ministro, promoveu junto com importantes grupos – como o Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA), de Brasília – uma campanha nacional para a inclusão dos direitos das mulheres na nova carta constitucional.

O movimento feminista brasileiro, enquanto movimento social, extrapolou os limites do seu status e do próprio conceito (COSTA, 2013). Foi mais além da demanda e da pressão política na defesa de seus interesses específicos. Entrou no Estado, interagiu com ele e, ao mesmo tempo, conseguiu permanecer como movimento autônomo. Através dos espaços conquistados (conselhos, secretarias, coordenadorias, ministérios etc.) elaborou e executou políticas. Sendo assim, o movimento feminista do Brasil é um dos mais respeitados do mundo e referência fundamental em certos temas do interesse das mulheres no plano internacional (CARNEIRO, 2003). É também um dos movimentos com melhor performance dentre os movimentos sociais do país.

Fato que ilustra a potência deste movimento foram os encaminhamentos da Constituição de 1988, que contemplou cerca de 80% das suas propostas, o que mudou radicalmente o status jurídico das mulheres no Brasil. A Constituição de 1988, entre outros feitos, destituiu o pátrio poder. Esse momento destaca-se, ainda, pelas decisivas contribuições no processo de democratização do Estado produzindo, inclusive, inovações importantes no campo das políticas públicas (CARNEIRO, 2003). Salienta-se, nesse cenário, a criação dos Conselhos da Condição Feminina – órgãos voltados para o desenho de políticas públicas de promoção da igualdade de gênero e combate à discriminação contra as mulheres. A luta contra a violência doméstica e sexual estabeleceu uma mudança de paradigma em relação às questões de público e privado. A violência doméstica, tida como algo da dimensão do privado, alcança a esfera pública e torna-se objeto de políticas específicas.

Esse deslocamento faz com que a administração pública introduza novos organismos, como: as Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher (Deams), o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), os abrigos institucionais para a

proteção de mulheres em situação de violência; e outras necessidades para a efetivação de políticas públicas voltadas para as mulheres, a exemplo do treinamento de profissionais da segurança pública no que diz respeito às situações de violência contra a mulher, entre outras iniciativas (CARNEIRO 2003).

Entretanto, o CNDM perdeu completamente a importância com os governos de Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso. No primeiro governo de Luiz Inácio Lula da Silva, foi criada a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, com status de Ministério, e foi recriado o Conselho, com características mais próximas do que ele havia sido originalmente.

Ainda na última década do século XX, o movimento sofreu, seguindo uma tendência mais geral, um processo de profissionalização, por meio da criação de Organizações Não-Governamentais (ONGs), focadas, principalmente, na intervenção junto ao Estado, a fim de aprovar medidas protetoras para as mulheres e de buscar espaços para a sua maior participação política (PINTO, 2010). Uma das questões centrais dessa época era a luta contra a violência, da qual a mulher é vítima, principalmente a violência doméstica. Além das Delegacias Especiais da Mulher, espalhadas pelo país, a maior conquista foi a Lei Maria da Penha (Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006), que criou mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Vale ressaltar as duas Conferências Nacionais para a Política da Mulher, ocorridas em 2005 e 2007, que mobilizaram mais de 3.000 mulheres e produziram alentados documentos de análise sobre a situação da mulher no Brasil (PINTO, 2010)

Atualmente, o cenário do movimento feminista toma outras proporções. Hoje em dia, o movimento reivindica, propõe, pressiona, monitora a atuação do Estado, não só com vistas a garantir o atendimento de suas demandas, mas acompanhar a forma como estão sendo atendidas (COSTA, 2013). Com a globalização e a democratização da informação através da Internet, o movimento feminista questiona e aponta a violência e os abusos sofridos pelas mulheres em todo mundo, buscando uma maior reverberação. Assim, observo uma forte apropriação das mídias sociais como ferramenta para discutir sobre as questões de gênero na atualidade. Deste modo, não parece ser por acaso que um novo filme da Mulher-Maravilha seja lançado exatamente hoje, 75 anos depois da veiculação da primeira obra, a qual não teve tanta aceitação, possivelmente por questões patriarcais da época.

Por fim, destaco que o movimento feminista hoje tem por características defender os interesses de gênero das mulheres, questionar os sistemas culturais e políticos construídos a partir dos papéis de gênero historicamente atribuídos às mulheres, é autônomo em relação a outros movimentos, organizações e ao Estado (ÁLVAREZ, *apud* COSTA, 2013). A seguir, aprofundo a questão da ciência feminista e dos estudos de gênero enquanto categoria de análise.

## 1.2 POR UMA EPISTEMOLOGIA FEMINISTA

De acordo com Rago (1998), ao considerar-se que a epistemologia define um campo e uma forma de produção do conhecimento, o campo conceitual a partir do qual se articula ao produzir o conhecimento científico, a maneira pela qual se estabelece a relação sujeito-objeto do conhecimento e a própria representação de conhecimento como verdade, dever-se-ia prestar atenção ao movimento que direciona para a constituição de uma epistemologia feminista - ou de um projeto feminista de ciência, segundo a autora.

Rago (1998) afirma que o movimento feminista não apenas tem produzido uma importante crítica ao modo dominante de produção do conhecimento científico, como também propõe um modo alternativo de operar neste contexto. A própria autora reflete e afirma que a questão é muito mais complexa do que ela formula, uma vez que, acredita que seria ingênuo considerar que a teoria feminista rompa com os modelos de conhecimento dominantes nas Ciências Humanas, sem reconhecer que, se há rupturas, há também muitas permanências em relação à tradição científica.

Ainda assim, segundo Rago (1998), as teóricas feministas propuseram não apenas que o sujeito deixasse de ser tomado como ponto de partida, mas que fosse considerado como efeito das determinações culturais, inserido em um campo de complexas relações sociais, sexuais e étnicas, além das relações discursivas. Neste sentido, então, para Rago (1998), em se considerando os “estudos da mulher”, a mulher não deveria ser pensada como uma essência biológica pré-determinada, anterior à História, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos instituintes. A categoria do gênero, segundo a autora, encontra um cenário favorável, na medida em que desnaturaliza as identidades sexuais e aponta para uma dimensão relacional do movimento constitutivo das diferenças sexuais.

Sob esta perspectiva, então, a História Cultural ganha espaço e enfatiza a importância da linguagem e das representações sociais culturalmente constituídas, e postula que não há anterioridade das relações econômicas e sociais em relação às culturais (RAGO, 1998). Não há anterioridade porque parte de uma visão discursiva que entende que não há um "real" exterior à linguagem, uma realidade à qual a linguagem se remeta. Ao contrário, a noção de língua como discurso implica entender que o discurso constrói a realidade. Logo, ao assumir-se a natureza discursiva da identidade, pode-se afirmar que a identidade também se constrói na linguagem. A importância desse entendimento reside no fato de que a identidade, devido à natureza discursiva, pode ser questionada e reconstruída através do próprio discurso (RAGO, 1998).

Neste contexto, o discurso passa a ser percebido como a principal matéria-prima, entendendo-se que se o mesmo não cria o mundo, apropria-se deste e lhe proporciona múltiplos significados (RAGO, 1998). Desta forma, Scott (1990) explica que a diferença sexual é sempre construída pelos discursos que a fundam e a legitimam. A autora considera insustentável a tese de que a industrialização provocou uma separação entre o trabalho e o lar, obrigando as mulheres a escolher entre o trabalho doméstico e o assalariado. Para ela, o discurso masculino que estabeleceu a inferioridade física e mental das mulheres provocou uma divisão sexual da mão-de-obra no mercado de trabalho.

É difícil falar de uma epistemologia feminista sem abordar a discussão dos perigos da reafirmação do sujeito mulher e de todas as cargas constitutivas dessa identidade no imaginário social (RAGO, 1998). Afinal, a questão das relações sexuais (e da mulher) nasce a partir das lutas pela emancipação deste sujeito antes definido como sexo frágil (RAGO, 1998). Para Rago, é através da luta pela visibilidade das questões femininas, ou seja, pela conquista e ampliação dos direitos, pelo fortalecimento da identidade da mulher, que nasce um contradiscurso feminista e que se constitui um campo feminista do conhecimento.

Para a autora, o modo feminista de pensar rompe com os modelos hierárquicos de funcionamento da ciência e com vários dos pressupostos da pesquisa científica. Se a crítica feminista deve encontrar seus próprios temas, sua própria teoria e sua própria voz, é possível dizer que as mulheres estão construindo uma linguagem nova, criando seus argumentos a partir de suas próprias premissas.

É possível, também, então, considerar uma epistemologia feminista como uma forma específica de produção do conhecimento que sob uma perspectiva feminina, tem um viés libertário e emancipador. Neste sentido, para Rago (1998), há uma construção cultural da identidade feminina, da subjetividade feminina e da cultura feminina que se evidencia no momento em que as mulheres entram em massa no mercado e na ciência. As mulheres entram no espaço público e nos espaços do saber transformando estes campos, repensando e debatendo novas questões.

Mesmo no âmbito do movimento feminista, é possível identificar tensões. Há grupos de mulheres que entendem ser necessário um maior aprofundamento nas questões das políticas públicas (FARAH, 2004), outros grupos que se dedicam a debater a questão da negritude feminina (CARNEIRO, 2003), e assim por diante. A agenda feminista é marcada por vieses de discussão que não cabem ser debatidas neste estudo, mas precisam ser levados em conta. Percebo<sup>12</sup> (assim como BITTENCOURT, 2015) que, no âmbito do movimento feminista também há grupos que tentam ser hegemônicos, normatizar a partir de seus pontos de vista o que é ou não válido. Fora dele, há coerções sociais que também impõem agendas. Enfim, há grupos, feministas ou não, que tentam determinar o que interessa ou não ao feminismo. Minha motivação está em entender o empoderamento como forma de legitimação ou autolegitimação, quaisquer que sejam os enfoques dado às questões feministas, o que não significa que aceito todas.

Nesse sentido, corroboro as ideias de Rago (1998) que delineia um novo agente epistêmico, não isolado do mundo, mas inserido em um contexto social; não isento e imparcial, mas subjetivo e afirmando sua particularidade. Ao contrário do desligamento do cientista em relação ao seu objeto de conhecimento, que permitiria produzir um conhecimento neutro e livre de interferências subjetivas, uma epistemologia feminista clama pelo envolvimento do sujeito com seu objeto.

Sobral, Soligo e Prado (2017) também apontam para a questão da legitimidade desse caminho:

Todo autor pretende sempre legitimar de algum modo a presença de suas próprias convicções pessoais. E o faz porque, como “a” verdade não existe, tem-se de assumir, sem distorções além das inerentes à

---

<sup>12</sup> Conforme leitura em revista virtual: <http://desacato.info/situacao-atual-dos-nossos-movimentos-feministas/> Acesso em 27 ago.2017

condição humana – marcada por um aqui-agora singulares, porém com um pé na universalidade –, as nossas verdades como verdades provisórias, porém válidas, que outras não anulam, mas compõem (Sobral, Soligo e Prado, 2017, p.175).

Para os autores, nenhuma escolha é livre de juízo de valor e deve ser entendida considerando o contexto do autor do texto, mesmo em Dissertações e Teses, em que há um pretense distanciamento entre o autor e o tópico estudado. Deste modo, também proponho uma nova forma da produção do conhecimento: não o cientista isolado, neutro, livre das emoções e do contato social; mas um processo de conhecimento construído por indivíduos em interação, em diálogo crítico, contrastando seus diferentes pontos de vista, alterando suas observações, teorias e hipóteses. Assim, como pensa Rago (1998), questiono a noção de um conhecimento que vise atingir a verdade pura, aceitando em vez disso que esta não existe, mas há antes um agir impregnado de um sujeito que não pode deixar de ser autoral. A verdade pura é, assim, apenas mais uma versão da verdade, na hipótese de que ela exista.

### 1.3 ESTUDOS DE GÊNERO

Conforme Sardenberg e Macedo (2008), o termo gênero foi emprestado da lingüística onde se aplica às desinências diferenciadas existentes em determinados idiomas para se designar não apenas o que se refere a indivíduos de sexos diferentes, mas também a classes de termos, palavras ou ‘coisas’ sexuadas. Na gramática, por definição, gênero se refere à propriedade que têm certas classes de palavras de se flexionarem para indicar o sexo. Por exemplo, no Português, os substantivos costumam ser sexualizados, sendo ou do gênero masculino ou feminino. Em contrapartida, no Inglês, os substantivos comuns são geralmente neutros. Assim, observa-se que, tanto no Português quanto no Inglês (ou em qualquer outro idioma) a designação do gênero das palavras é arbitrária; uma convenção social que se fundamenta na tradição lingüística e, logo, histórico-cultural de uma determinada comunidade idiomática (SARDENBERG & MACEDO, 2008). Deste modo, com a intenção de diferenciar ‘sexo’ de ‘gênero’, as teóricas feministas ressaltam o caráter arbitrário do masculino e feminino, razão pela qual ‘gênero’ tem sido objeto de contínuas teorizações, tornando-se conceito-chave do campo de estudos sobre as

relações entre homens e mulheres e a condição feminina (SARDENBERG & MACEDO, 2008).

Sardenberg e Macedo (2008) afirmam que, embora hoje se reconheça que tal conceituação efetivamente já é uma construção de gênero, a definição de sexo e gênero nos termos originais, têm permitido entender não apenas masculino e feminino, mas, também, homem e mulher como categorias socialmente construídas. Além disso, para as autoras, essa distinção é fundamental como contra-argumento ao determinismo biológico, pois possibilitou a desnaturalização tanto das identidades sexuais como da divisão sexual do trabalho e das assimetrias sociais com base no sexo. Para Scott (1990), essa perspectiva tem emprestado ao construto gênero uma conotação prático-política fundamental: a de servir como instrumento científico de legitimação das lutas feministas, tanto na sociedade quanto no campo da produção de científica.

De acordo com Costa, Silveira e Madeira (2012), o surgimento das relações de gênero como conceito científico está diretamente relacionado à história do movimento feminista. As autoras afirmam que as primeiras concepções das relações de gênero estabeleciam as análises entre o binarismo masculino e feminino, sob os pólos dominantes e dominados, que enfoca o sistema de sexo/gênero e não desnaturaliza os sujeitos, restringindo-se, então, a distinções apenas nas características biológicas. Quando se referiam ao poder, o abordavam como atributo único dos homens, vitimizando a mulher. Ao conceituar rigidamente as relações de gênero tratava-se a temática de modo essencialista, desconsiderando as possíveis resistências às relações desiguais postas às mulheres (COSTA, SILVEIRA & MADEIRA, 2012).

Muitos estudos feministas tiveram como uma das preocupações centrais as relações de poder, desejando explicitar a subordinação e exploração das mulheres, o que foi essencial ao evidenciar sua situação social, econômica e política. No Brasil, em 1980, surge e legitima-se, especialmente no meio acadêmico, os chamados estudos de gênero que realizou outras análises conceituais da condição da mulher, fazendo com que o movimento feminista da época repensasse questões essenciais, principalmente aqueles referenciais que tratavam a temática feminista sob a perspectiva biológica – sexuais (BENOIT *apud*, COSTA, SILVEIRA & MADEIRA, 2012). As investigações passaram a considerar a cultura e o simbólico para entender as relações de gênero entre mulheres e homens. Conforme Benoit (*apud*, COSTA, SILVEIRA & MADEIRA, 2012), as pesquisas acadêmicas sobre o assunto

contribuíram para um avanço teórico dos temas trabalhados pelo movimento feminista.

Para Scott (1990), as preocupações teóricas relativas ao gênero como categoria de análise apareceram no final do século XX, uma vez que estavam ausentes na maior parte das teorias sociais formuladas desde o século XVIII até o começo do século XX. Neste espaço de tempo, algumas teorias construíram a sua lógica sob analogias com a oposição masculino/feminino, outras reconheceram uma questão feminina, ou preocuparam-se com a formação da identidade sexual subjetiva, mas o gênero, como o meio de falar de sistemas de relações sociais ou entre os sexos, não tinha aparecido, segundo Scott (1990).

A definição de gênero, para Scott (1990), é composta de duas partes e várias sub-partes, ligadas entre si. O núcleo da definição de gênero baseia-se na conexão de duas proposições fundamentais: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (p.14).

Para a autora, como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos, o gênero implica quatro elementos relacionados:

1) símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas – Eva e Maria, como símbolo da mulher, por exemplo, na tradição cristã do Ocidente, mas também mitos da luz e da escuridão, da purificação e da poluição, da inocência e da corrupção;

2) conceitos normativos que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos são expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tipicamente tomam a forma de uma oposição binária que afirma o sentido do masculino e do feminino;

3) o mercado de trabalho (um mercado de trabalho sexualmente segregado faz parte do processo de construção do gênero), a educação (as instituições de educação socialmente masculinas, não mistas ou mistas fazem parte do mesmo processo), o sistema político (o sufrágio masculino universal faz parte do processo de construção do gênero); e

4) a identidade subjetiva, que deve ser compreendida na sua construção histórica e relacionada com as atividades, organizações e representações sociais.

As relações de gênero, como categoria histórica analítica, oferecem reflexões e explicitações sobre as práticas culturais e sociais que condicionam as formações identitárias dos sujeitos. De tal forma que ser homem ou ser mulher não é definido pelo sexo biológico, mas a partir de relações sociais e culturais que determinam lugares, deveres e direitos distintos (COSTA, SILVEIRA & MADEIRA, 2012). Assim, gênero é uma categoria que não trata de diferença sexual, mas sim de relação social entre mulheres e homens entendendo como se constrói enquanto sujeitos sociais. Tal categoria não se caracteriza apenas como analítica e descritiva, é também histórica. Desta forma, a categoria gênero surge a fim de dar conta da discussão acerca da subordinação da mulher, sua reprodução e as várias e diversas formas que sustentam a supremacia masculina na sociedade, através da desigualdade de gênero (COSTA, SILVEIRA & MADEIRA, 2012).

Comentando o gênero como modo de significar as relações de poder, Scott diz:

O gênero é então um meio de codificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando as (os) historiadoras(es) buscam encontrar as maneiras pelas quais o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, elas (eles) começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as maneiras particulares e situadas dentro de contextos específicos, pelas quais a política constrói o gênero, e o gênero constrói a política (1990, p. 23).

Beauvoir (2014) também apontou sobre a questão do poder do homem em relação à mulher quando destacou que o homem é sempre visto como elemento neutro e positivo, aquele que designa a condição humana. E a mulher, como elemento negativo. Nas palavras da autora:

A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois polos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens” para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo latino vir o sentido geral do vocábulo homo. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. Agastou-me, por vezes, no curso de conversações abstratas, ouvir os homens dizerem a mim: “Você pensa assim porque é uma mulher.” Mas eu sabia que minha única defesa era responder: “Penso-o porque é verdadeiro”, eliminando assim minha subjetividade. Não se tratava, em hipótese alguma, de replicar: “E você pensa o

contrário porque é um homem”, pois está subentendido que o fato de ser um homem não é uma singularidade; um homem está em seu direito sendo homem, é a mulher que está errada. (2014, p. 18).

Assim, se gênero é a primeira maneira de significar as relações de poder, Costa, Silveira e Madeira (2012) afirmam ser fundamental compreender como estas relações se perpetuam socialmente e fazem parte da construção social do masculino e feminino. As relações de poder, para as autoras, estão imersas e permeiam as relações de gênero, não se consegue apreender gênero sem esmiuçar como o poder se constitui nas relações sociais que se apresentam nas diferenças construídas entre masculino e feminino. Isso não significa que gênero seja o único campo de existência do poder, mas um espaço essencial que possibilita o entendimento da organização da vida social (COSTA, SILVEIRA & MADEIRA, 2012). Diante destes aspectos da relação de gênero com o poder, surge, então, o empoderamento feminino como forma de resistência à cultura patriarcal, sobre o qual discorrerei a seguir.

#### 1.4 O EMPODERAMENTO FEMININO

De acordo com Costa (2000), o termo empoderamento feminino começou a ser utilizado pelo movimento feminista por volta dos anos 1970, para se referir à alteração radical dos processos e estruturas que reduzem a mulher a uma posição subordinada. A partir de meados da década de 1980, o termo empoderamento vem se popularizando, mas sua disseminação só ocorreu recentemente, embora o conceito seja ainda difuso e pouco claro na maior parte dos trabalhos que o utilizam (MARTINS, *apud* MAGESTE, MELO & CKAGNAZAROFF, 2008). Justamente por apresentar uma vasta possibilidade de empregos do termo, em muitos casos ainda existe certa confusão acerca das implicações do empoderamento das mulheres nos assuntos organizacionais, sociais, econômicos e políticos.

Costa (2000), define empoderamento como o mecanismo pelo qual as pessoas, as organizações, as comunidades tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, tomam consciência da sua habilidade e competência para produzir, criar e gerir. Segundo Stromquist (*apud* ANTUNES, 2002), dentro do contexto do movimento feminista, as características do empoderamento são: a construção de uma auto-imagem e confiança positiva, o desenvolvimento da

habilidade para pensar criticamente, a construção da coesão de grupo, a promoção da tomada de decisões e a ação. E este processo, conforme Antunes (2002), dá-se através de cinco níveis de igualdade: de bem-estar; de acesso aos recursos; de conscientização; de participação e de controle.

Ainda segundo esta autora, uma definição de empoderamento deve incluir os componentes cognitivos, psicológicos, políticos e econômicos. O componente cognitivo refere-se à compreensão que as mulheres têm da sua subordinação, assim como das causas desta em níveis micro e macro da sociedade. Envolve a compreensão de ser e a necessidade de fazer escolhas, mesmo que possam ir contra as expectativas culturais e sociais. O componente psicológico inclui o desenvolvimento de sentimentos que as mulheres podem pôr em prática no nível pessoal e social para melhorar sua condição, assim como a ênfase na crença de que podem ter êxito nos seus esforços por mudanças. O componente político supõe a habilidade para analisar o meio circundante em termos políticos e sociais, que também significa a capacidade para organizar e promover mudanças sociais. O componente econômico supõe a independência econômica das mulheres.

A discussão sobre o empoderamento das mulheres surge como resultado de muitas críticas e debates gerados pelo movimento feminista em todo o mundo, em que se percebeu que as estratégias de desenvolvimento e as intervenções não obtiveram um progresso significativo no melhoramento do status das mulheres (MAGESTE, MELO & CKAGNAZAROFF, 2008). Para Batliwala (1997), as falhas se devem aos enfoques de bem-estar que não resolvem os problemas estruturais que perpetuam a opressão e a exploração das mulheres. Percebeu-se que para uma maior equidade entre homens e mulheres é necessário mais que bem-estar (SEN, 2001). Sendo assim, o empoderamento tem a ver com o processo de desafio das relações de poder existentes e com a obtenção de maior controle sobre as fontes de poder (BATLIWALA, 1997). Esta ampla definição tem sido refinada pelos estudiosos e pelas teóricas feministas e passa a se referir a uma gama de atividades que vão desde a afirmação individual até a resistência coletiva, o protesto e a mobilização para desafiar as relações de poder (BATLIWALA, 1997).

Romano (2002) sugere duas perspectivas para se considerar o empoderamento. A primeira é a abordagem de empoderamento que coloca as pessoas e o poder no centro dos processos de desenvolvimento, ou seja, parte da premissa de que a ação social leva à transformação. E a segunda é o processo pelo

qual as pessoas, as organizações e as comunidades percebem sua competência para produzir, criar e gerir e assumem o controle sobre seus próprios temas, sobre sua própria vida, agindo em prol de uma mudança nas relações de poder existentes. Neste sentido, o processo de empoderamento, para Sen (2001) implica no desenvolvimento das capacidades para superar as fontes de privação das liberdades, assim como construir novas opções, terem a possibilidade e saber como escolher, bem como implementar suas escolhas e se beneficiar delas. As capacidades, segundo o autor, são poderes que as pessoas têm para fazer ou deixar de fazer coisas, suas habilidades e as oportunidades reais que essas pessoas têm de fazer o que querem fazer.

O empoderamento feminino está, então, relacionado ao fortalecimento dos atores sociais, considerando-se que a questão das desigualdades de gênero não se resume a carência ou precariedade de recursos, mas na falta de oportunidades sociais, políticas e econômicas, e exige uma expansão das capacidades humanas e das liberdades reais.

No contexto dos sites de redes sociais o movimento feminista encontrou um espaço democrático para reivindicação de direitos mais igualitários entre homens e mulheres. Esta visibilidade das discussões de gênero foi destacada por Bernardes (2014). A autora afirma que a visibilidade e a participação proporcionadas pela Internet não garantem mais igualdade nas relações de gênero, mas disseminam ideias e multiplicam o alcance das ações e aumentam a possibilidade de uma expressão livre em uma efetiva rede de atuação. As redes sociais virtuais constituem-se, então, como um espaço de confronto a esses discursos hegemônicos.

## 1.5 O FEMINISMO NA INTERNET: ALGUMAS OBSERVAÇÕES

Segundo Bernardes (2014), as tecnologias digitais revitalizaram as formas de participação, as possibilidades de interação e transformaram as fronteiras das esferas pública e privada. Da mesma forma, possibilitaram a criação de espaços de apropriação de conteúdos, de geração ou multiplicação de acontecimentos, construídos dentro ou fora das redes, mas que geram desdobramentos variados e

ressignificações dentro desses ciberespaços. Neste sentido, Castells afirma que da segurança do ciberespaço as pessoas passaram a ocupar o espaço público, e acrescenta que “os movimentos espalharam-se por contágio num mundo ligado pela internet sem fio e caracterizado pela difusão rápida, viral, de imagens e idéias” (2013, p.12).

Para Allen (2008, *apud* BUZATO & SEVERO, 2010), os usuários da Internet, na Web 2.0<sup>13</sup>, tornaram-se “prodsuários”, isto é, consumidores de conteúdos que funcionam, também, como agentes que criam as informações que consomem. E, neste movimento de produzir conteúdo, percebem na Internet, uma possibilidade de exercer a liberdade de expressão e empoderamento do cidadão comum.

Para Bernardes (2014), as discussões sobre as questões de gênero não ficam de fora desse contexto, através do uso da Internet e das redes como plataformas de comunicação e geração (ou apropriação) de acontecimentos e mobilização das questões feministas. Observa-se que no ambiente virtual as questões de gênero aparecem de forma evidente e acionam rapidamente a geração de valor, deixando claro que há fortes tensões nesse contexto, e podem apresentar-se, inclusive, na forma de violência enunciativa (BERNARDES, 2014).

Bernardes afirma que as significativas mudanças nas relações sociais que aconteceram nos últimos anos, refletidas no acesso, consumo, na produção e distribuição da informação, fomentadas pelos avanços tecnológicos, são refletidas nas práticas sociais e culturais da sociedade. A produção e a reprodução das relações sociais entre indivíduos, grupos e movimentos da sociedade, a discussão sobre como produzem sua cultura e atribuem sentidos às suas experiências e vivências encontram nas tecnologias da comunicação um terreno fértil para significativas mudanças.

Sendo assim, o uso da Internet pode ser uma estratégia de intervenção com potencial transformador e que produz um cenário comunicativo diferenciado para as mulheres, para o feminismo e para os movimentos de gênero, revelando perspectivas de transformação nas relações sociais de gênero, na medida em que através da Internet e das redes sociais, pode-se alterar a percepção de relações construídas e aceitas culturalmente, mantidas e repetidas por muito tempo. Neste sentido, para Buzato e Severo (2010), as pessoas enxergam na Internet, uma possibilidade de

---

<sup>13</sup> Web 2.0 refere-se à segunda geração da World Wide Web que reforça o conceito de troca de informações e colaboração dos internautas com sites e serviços virtuais, em um ambiente online mais dinâmico e onde os usuários colaboram para a organização de conteúdo.

resistir ao poder, apresentando os temas de discussão de forma emancipatória, libertária e democrática, como se o poder pudesse ser driblado. “Tem-se, com isso, um mascaramento dos efeitos do poder que operam, entre outros, produzindo discursos verdadeiros sobre modos de ser, concepções de mundo ou formas de se relacionar, sem que tais discursos sejam problematizados” (BUZATO & SEVERO, 2010, p.06).

Diante deste cenário, e em confluência com as potencialidades comunicativas da era digital, o feminismo identifica, no ambiente virtual um lugar de práticas e expressões coletivas, com novas significações e endereçamentos variados (TOMAZETTI, 2015). O movimento começou nos anos de 1990, na perspectiva de criar espaços alternativos de visibilidade, em que as mulheres pudessem protagonizar posicionamentos ao converterem-se no papel de autoras, produtoras e transmissoras de conteúdo, diversos grupos feministas se posicionam no terreno comunicativo da Internet (TOMAZETTI, 2015). O espaço da Internet foi reivindicado oficialmente pela primeira vez no Simpósio Internacional sobre a mulher e os meios de comunicação, organizado pela UNESCO, em Toronto no Canadá, em 1995 (TOMAZETTI, 2015).

Nessa oportunidade, conforme relata Ureta (*apud* TOMAZETTI, 2015), as feministas manifestaram suas reflexões sobre a importância de sua presença na Internet, com o objetivo de impactar um maior número de mulheres com informações que as ajudassem e as apoiassem no desenvolvimento de práticas cotidianas. Também, no mesmo ano, na Conferência da Mulher, em Beijing, as feministas expuseram as necessidades de “estimular e reconhecer as redes de comunicação das mulheres, entre elas as redes eletrônicas e outras novas tecnologias aplicadas à comunicação, como meio para a difusão de informação e intercâmbio de ideias” (URETA, 2005, p.386, *apud* TOMAZETTI, 2015).

É também na década de 1990 que se inicia um movimento chamado ciberfeminismo (LEMOS, 2009). Para Lemos (2009), o ciberfeminismo, na época, buscava a inserção da mulher nas profissões ligadas às novas tecnologias, sua ocupação nas redes eletrônicas e, através da propagação de vozes, estabelecer uma rede de comunicação entre as mulheres. Movido pela compreensão do uso das tecnologias para práticas enunciativas, e relacionado à convergência entre mulher, mundo digital e arte, o ciberfeminismo tornou-se uma prática múltipla que está espalhada hoje por diversas partes do mundo.

A presença do feminismo na Internet posiciona o movimento em um ciclo de novas oportunidades alavancadas pela construção de laços solidários entre mulheres e feminismos de todo o mundo. De acordo com Ureta (*apud* TOMAZETTI, 2015), o espaço social e virtual dinamizado pelas redes sociais digitais proporcionou experiências de ativismo mais livres e acentuou as possibilidades de desenvolvimento de outros canais de comunicação e de trocas de informação, ampliados para além dos contextos localizados entre as mulheres e suas comunidades. É o que aponta um estudo<sup>14</sup> realizado pela organização Think Olga e a Agência Ideal que mostra que a discussão sobre o feminismo nos sites de redes sociais tem aumentado significativamente nos últimos anos. No Google Trends<sup>15</sup>, conforme o mesmo estudo, as buscas por “feminismo” e “empoderamento feminino” cresceram 86,7% e 354,5% respectivamente entre janeiro de 2014 a outubro de 2015.

Entre os principais blogs feministas na atualidade, Tomazetti (2015) destaca o Blogueiras Feministas<sup>16</sup>, site que reúne textos e discussões sobre diferentes assuntos ligados à luta das mulheres, construído por uma rede de blogueiras de várias partes do país, o blog hoje encontra-se como referência nacional do movimento na Internet. Outro importante blog apontado pela autora é o Escreva Lola Escreva<sup>17</sup>, no qual é possível encontrar conteúdo reflexivo de pautas importantes para o feminismo, além de textos sobre política nacional e questões de gênero. Além dos blogs, o site Marcha Mundial das Mulheres<sup>18</sup> configura-se enquanto um espaço de auto-organização do movimento na Internet, reunindo informações, conteúdo e agenda das marchas da mulher pelo mundo.

Diversos outros grupos, organizados em coletivos, presentes na Internet em sites, blogs e sites de redes sociais, encabeçam discussões que se pautam na temática das questões feministas. A própria organização Think Olga<sup>19</sup>, por exemplo, criada em 2013 pela jornalista Juliana de Faria, define como missão o propósito de empoderar as mulheres por meio da informação, retratando as ações femininas. Em

---

<sup>14</sup> Disponível em: <http://thinkolga.com/2015/12/18/uma-primavera-sem-fim/> e em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-03/com-internet-feminismo-esta-em-alta-entre-jovens-diz-especialista> Acesso 08 nov. 2017

<sup>15</sup> Google Trends é uma ferramenta do Google que mostra os mais populares termos buscados em um passado recente. Disponível em <https://trends.google.com.br/trends/> Acesso 08 nov. 2017

<sup>16</sup> Disponível em: <http://blogueirasfeministas.com/> Acesso em 07 out. 2017

<sup>17</sup> Disponível em <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/> Acesso em 07 out. 2017

<sup>18</sup> Disponível em <https://marchamulheres.wordpress.com/> Acesso em 07 out. 2017

<sup>19</sup> Disponível em <http://thinkolga.com/> Acesso 07 out. 2017

2015, por exemplo, a organização lançou uma campanha através do uso da hashtag<sup>20</sup> #primeiroassedio, após uma explosão de comentários sexistas a respeito de uma menina de 12 anos, que participava de um programa de televisão. A hashtag foi usada mais de 100 mil vezes no Twitter e fez milhares de mulheres relatarem o primeiro caso de assédio sexual ocorrido com elas, segundo a organização.

Um outro exemplo é a organização Anis<sup>21</sup>, que há 17 anos desenvolve pesquisa social e projetos de comunicação voltados para a promoção da igualdade de gênero. Conta com a participação de experientes cientistas e está cadastrada no diretório de grupos de pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico (CNPq) como instituição de pesquisa em bioética, ciências sociais e humanas. O grupo procura romper as fronteiras da Academia para disseminar conhecimentos científicos e fomentar o debate de gênero na mídia, além de criar e monitorar políticas públicas.

No ambiente dos sites de redes sociais, é possível encontrar diversos grupos, comunidades, porta-vozes do movimento feminista. O Facebook, site de rede social mais acessado no Brasil, conta com várias páginas de fãs voltadas à temática feminista, como por exemplo, Moça, você é Machista – comunidade com mais de 800.000 seguidores; Empodere Duas Mulheres – comunidade com mais de 1 milhão de seguidores; e Não me Kahlo - comunidade com mais de 1,2 milhões de seguidores.

Bernardes (2014) acredita que na Internet residem inúmeras possibilidades de avanço para as questões de gênero e feminilidade, incluindo a superação do binômio masculino e feminino. A sociedade em rede é marcada pelas possibilidades democráticas e livres, por permitir uma flexibilidade e temporalidade de mobilização. Encontrar esse espaço plural e apropriar-se dele despindo-se de marcações normativas e superando as disputas de poder é um desafio para comunicadores, movimentos sociais, feministas e cidadãos, possibilitando a escuta de novas vozes e colocando em prática novas ações (BERNARDES, 2014).

## 1.6 PODER E DISCURSO

---

<sup>20</sup> Hashtag é composta pela palavra-chave do assunto antecedida pelo símbolo cerquilha (#) que viram hiperlinks dentro das redes sociais, indexáveis pelos mecanismos de busca. É utilizada para categorizar os conteúdos publicados nas redes sociais e cria uma interação dinâmica do conteúdo com os usuários.

<sup>21</sup> Disponível em <http://anis.org.br/> Acesso 07 out. 2017

Refletir sobre as relações de gênero e poder conduz para o entendimento das identidades e desigualdades de gênero, discussão tão primordial na contemporaneidade, ao expor que homens e mulheres possuem papéis e funções sociais diferenciadas, distinção esta que coloca tais sujeitos, conforme sua identidade de gênero, em processos desiguais nas suas condições de vida, no trabalho e nas relações afetivas e sexuais (COSTA, SILVEIRA & MADEIRA). Neste trabalho, estudo as formas de perpetuação da desigualdade dos gêneros através da linguagem.

De acordo com Viana (2009), linguagem são os recursos simbólicos utilizados na comunicação humana, isto é, os recursos gráficos e sonoros utilizados para se realizar a comunicação entre os seres humanos. A linguagem, devido seu caráter social, está submetida ao processo social, possuindo, portanto, a mesma dinâmica, historicidade e singularidade da sociedade onde ela emerge. Ela acaba tendo, naturalmente, uma formação semelhante ao da sociedade existente, em determinada época e com determinadas relações sociais (VIANA, 2009).

Através do exercício da linguagem, então, conduz-se o convívio social, atrelado à cultura patriarcal, ou seja, sob as normas morais e sociais que os homens impõem sobre as mulheres. No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais, recebendo autorização ou a tolerância da sociedade para punir o que lhes apresenta como desvio (SAFFIOTI, 2001). A força da ordem masculina pode ser aferida pelo fato de que ela não precisa de justificação: a visão androcêntrica se impõe como neutra e não tem necessidade de se enunciar, visando sua legitimação.

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica, tendendo a ratificar a dominação masculina na qual se funda: é a divisão social do trabalho, distribuição muito restrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu lugar, seu momento, seus instrumentos (BOURDIEU, 2015). Neste sentido, este poder de dominação constitui, por si só, uma violência, uma violência simbólica que se institui por meio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominador (logo, à dominação), uma vez que este dominado apenas dispõe para pensar sua relação com a dominação os instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum, e que, não sendo senão a forma incorporada da relação de dominação, mostram esta relação como natural (BOURDIEU, 2015).

Bourdieu (1996) diz que se pode conferir à linguagem uma eficácia simbólica de construção da realidade, porque estrutura a percepção que os atores sociais têm

do mundo, e como eles se relacionam nesse mundo. Nesse sentido, a língua pode então ser compreendida como um sistema simbólico que constitui dessa forma instrumentos de conhecimento e de comunicação, e, portanto, de visões de mundo, de percepção do mundo social. Assim, a linguagem não é somente um instrumento de comunicação ou de conhecimento, mas um instrumento de poder (BOURDIEU & MICELI, 1974).

A linguagem, enquanto forma de naturalizar o poder, pode ser entendida através do conceito de *habitus*, que Bourdieu (1989) define como um sistema de disposições, esquemas básicos de percepção, compreensão e ação. O autor sentia-se incomodado com o peso atribuído às estruturas sociais e com a pouca importância dada às estruturas simbólicas. As estruturas mentais, para ele, não seriam apenas consequência das estruturas sociais, sendo relevante considerar-se, também, o poder do simbólico na constituição das estruturas sociais. O conceito de *habitus*, então, traz uma dimensão individual e simbólica aos fenômenos sociais. A dimensão do agente que interage com a realidade, não apenas como um resultado de suas determinações, nem, por outro lado, determinando-a (BOURDIEU, 1989). Em uma análise sobre este jogo tratado por Bourdieu, Araújo, Alves e Cruz (2008) afirmam:

As nossas estruturas mentais sofrem condicionamento social. Existe uma dimensão do social que está inscrita em nós. Compartilhamos com os outros agentes, categorias, percepções que orientam nossas condutas e que as tornam significativas. É o “*habitus*”, este princípio gerador de nossas práticas, de nossas ações no mundo, fundamento da regularidade de nossas condutas. Todas as nossas condutas são orientadas em relação a determinados fins sem que este processo seja consciente ou signifique uma obediência cega a regras. É como se tivéssemos, de forma internalizada, o sentido do jogo, o que nos faz entender, conhecer as regras e poder jogar, mas não de forma preestabelecida (p. 38).

Assim, entendo que para Bourdieu, há o lado ativo do agente que, sim internaliza as representações da estrutura social, mas que também age e que não é apenas o resultado de condicionamentos sociais. Assim, para o autor, os *habitus* são estruturados (pelas condições sociais e pela posição de classe) e estruturantes (geradores de práticas e esquemas de percepção e apreciação); e a união destas duas capacidades do *habitus* constitui o que ele denomina ‘estilo de vida’, de onde surgem as práticas sociais, e onde a linguagem se coloca como lugar das formas de

se compreender e perceber o mundo (GIORDANI, 2011). Por isso a linguagem não tem apenas a função de informar. Ela comunica, também, a posição que o falante ocupa, e, portanto se constitui em uma arena de jogos onde são travadas disputas ideológicas, onde são exercidas formas de poder (GIORDANI, 2011).

Bourdieu (1996) propõe que o poder das palavras não está nas palavras em si, mas na legitimidade que lhes é conferida pelos que falam e pelos que escutam. Nessa perspectiva o teórico destaca que o poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato linguístico. O autor salienta, ainda, que a linguagem pode ser entendida também como discurso e, portanto mecanismo de poder simbólico de construção da realidade, que tende a estabelecer uma ordem de conhecimento e apreensão, e, assim, uma visão de mundo.

Ainda no que se refere ao poder simbólico exercido através da linguagem, Bourdieu (1989, p.14 e 15) explica:

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. [...] se define numa relação determinada - e por meio desta - entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras.

Neste sentido, Traverso-Yépez (1999) diz que as ideias, crenças e as práticas simbólicas do mundo social estão vinculadas ao processo de legitimar relações assimétricas de poder e estão permeando todas as práticas sociais e atividades da vida cotidiana que tendem a naturalizar o *status quo* existente. Esta prática social de uso da linguagem é entendida como discurso (FAIRCLOUGH, 2001). Desta forma, como observado, a produção dos discursos é controlada por uma série de mecanismos de poder. Tal controle pode ser feito através de princípios que excluem determinados discursos na sociedade ou que limitam a circulação dos mesmos, como o discurso das mulheres, por exemplo.

No que se refere ao discurso, Foucault (2013) afirma que se trata de uma rede de signos que se conecta a outras tantas redes de outros discursos, em um sistema aberto, e que registra, estabelece e reproduz valores de uma sociedade que devem ser perpetuados. O discurso, segundo ele, não é um encadeamento lógico de palavras e frases que pretendem um significado em si mesmo, mas uma importante organização funcional em que se estrutura um imaginário social. O discurso, para Foucault, é, então, o encadeamento de significantes em si mesmo e de outros discursos externos.

Não possui foco no significado e sim no significante e, portanto, no imaginário dos receptores. Reproduz “de” e “para” esse imaginário consolidando a função de perpetuar as leis, regras, normas, valores implícitos “no verdadeiro” socialmente aceito. Para Domingos (2015), “esse poder do discurso de instituir “verdades” leva a se repensar a relação do homem com a verdade, com o verdadeiro de sua época” (p. 19). E, assim como disse Foucault, cada sociedade tem seu próprio regime de verdades. Trata-se de um sistema ancorado naqueles tipos de discursos que funcionam como verdadeiros em detrimento de discursos tidos como falsos. Assim, por meio dos discursos supostamente verdadeiros, constitui-se toda a cultura de uma época. É uma construção complexa, pois traz em si modos de separações e exclusões ao naturalizar determinadas práticas (DOMINGOS, 2015), havendo neste discurso verdadeiro uma interdependência com o desejo e o poder (FOUCAULT, 2013).

Neste sentido, e considerando que o discurso é um instrumento de poder, o discurso é uma formação de compromisso resultante da transação entre o interesse que é expresso e a censura inerente às relações de produção linguísticas que se impõe a um locutor dotado de uma competência determinada, isto é, de um poder simbólico sobre essas relações de produção (BOURDIEU & MICELI, 1974).

Deste modo, entendo, então, que é através do discurso que a ideologia de poder é naturalizada. No próximo capítulo, aprofundo a temática do discurso e da naturalização do poder. Entendo que refletir sobre as relações de gênero e poder conduz ao entendimento das identidades e desigualdades de gênero, discussão tão primordial na contemporaneidade, ao expor que homens e mulheres possuem papéis e funções sociais diferenciadas, distinção esta que coloca tais sujeitos, conforme sua identidade de gênero, em processos desiguais nas suas condições de vida, no

trabalho e nas relações afetivas e sexuais (COSTA, SILVEIRA & MADEIRA).<sup>22</sup> Neste trabalho, verifico formas de perpetuação da desigualdade dos gêneros através da análise de dizeres de um corpus específico.

## 1.7 DISCURSO DE GÊNERO

Há muito as mulheres lutam por suas causas feministas. Com o advento da Comunicação Mediada pelo Computador (tema que abordo em seguida), as mulheres passaram a encontrar nos espaços cibernéticos, um meio de veicular seus discursos de empoderamento, na busca de desnaturalizar o patriarcado.

Bourdieu e Foucault descrevem elementos para pensar a produção do discurso como um produto das relações de poder em uma sociedade. Bourdieu e Miceli (1974) afirmam que para explicar o discurso, é preciso conhecer as condições de constituição do grupo no qual ele funciona. Deve-se considerar tanto as relações de força simbólicas – que fazem com que alguns estejam impossibilitados de falar (por exemplo, as mulheres) – quanto as próprias leis de produção, que fazem com que certas categorias estejam ausentes ou representadas por porta-vozes, como o movimento feminista, por exemplo. Para Foucault (2013), o discurso se manifesta de acordo com as relações de poder na sociedade, o que significa que existe a supremacia da classe dominante, no caso de nossa sociedade, a supremacia masculina. Segundo o autor, a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos. Assim, o poder impede a manifestação livre do discurso e cria um processo de exclusão através da interdição.

Neste sentido, no livro *Mulheres, Linguagem e Poder* (FREITAG & SEVERO, 2015), Cristiane Severo apresenta um estudo que investigou a identidade de gênero de rendeiras em Florianópolis. O estudo abordou a relação entre a constituição da identidade feminina e tradicional das rendeiras de Florianópolis e suas práticas linguístico-discursivas (as cantigas de ratoeira), buscando compreender como se dá a construção de significados locais de identidade de gênero em interseção com a identidade de tradição e pela linguagem. Foram avaliados, sobretudo, os sentidos de

---

<sup>22</sup> Disponível em:

<<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/viewFile/56/196>> Acesso em: 05 out 2016.

“feminino” e de “tradição” considerando-se as narrativas dos sujeitos, os discursos folclóricos e as políticas de patrimonialização.

Para Freitag e Severo (2015), a construção da relação entre identidade de gênero e língua extrapola a dimensão propriamente linguística, incluindo práticas linguísticas mais amplas, como nas práticas sociais, por exemplo. No contexto das práticas sociais, uma série de recursos semióticos são integrados para a produção de sentidos. Assim, as identidades são vistas como produtos e produtoras das práticas sociais. E os usos linguísticos emergem contextualizados a essas práticas. As conclusões do estudo trouxeram à tona algumas reflexões que também fazem parte da presente pesquisa, na medida em que trata da naturalização dos discursos de gênero através da linguagem. No estudo de Severo, ela identificou que os usos linguísticos assumem significado social de tradição em práticas linguísticas locais e passam a ser assimilados, ressignificados e propagados pelas interações locais, pelas mídias, pelas instituições.

Abordando o discurso de gênero, Nogueira (2001) afirma que as ideologias e distinções também são evidenciadas nos discursos. Segundo ela, gênero é uma ideologia na qual diversas narrativas são criadas e que carrega diversos significados. Neste sentido, o discurso de gênero envolve a construção de masculinidade e feminilidade como polos opostos (NOGUEIRA, 2001). Segundo Heberle, Ostermann e Figueiredo (2006), a fala de homens e mulheres está fadada à diferença, uma vez que homens e mulheres, ao se construírem linguisticamente dentro de um gênero, aproximam-se ou afastam-se, em maior ou menor grau, dos padrões que se convencionaram como a fala masculina e a fala feminina.

O gênero é, deste modo, uma invenção das sociedades humanas que tem o papel de construir os arranjos sociais que sustentem as diferenças nas consciências de homens e mulheres, tais como a divisão das esferas da vida (privado/público) e a criação de significado, isto é, criar as estruturas linguísticas que modelam e disciplinam a nossa imaginação, segundo Hare-Mustin e Marecek (*apud*, NOGUEIRA, 2001).

Assim, Costa, Silveira e Madeira (2017) afirmam que os mecanismos de poder contribuem para a afirmação das desigualdades de gênero e que no cerne das relações de poder se manifestam as desigualdades e diferenças, expressas nas análises das categorias de gênero, por exemplo, já que o poder pode se manifestar de maneira sutil. E, no caso das relações de gênero, implica em malefícios expressos

por várias manifestações de violência. No entanto, para as autoras, a mulher não é por natureza dominada. Ela oferece resistências às situações impostas. Neste sentido, citam Barbieri:

As (os) dominadas (os) têm um campo de possibilidades de readequação de obediência aparente, mas desobediência real, resistência, manipulação da subordinação. Daí então é que os lugares de controle sobre as mulheres – em nossas sociedades- o desempenho dos papéis das mães-esposas-donas de casa – sejam também espaços de poder das mulheres: o reprodutivo, o acesso ao corpo e a sedução, a organização da vida doméstica. [...] Tornam-se então espaços contraditórios inseguros. Sempre em tensão. As mulheres podem, por exemplo, ter filhos que não sejam do marido, aparentar esterilidade ou se negar simplesmente a tê-los, engravidar em momentos inoportunos, se relacionar sexualmente com outras e outros, seduzir com diferentes objetivos, se negar a trabalhar no lar impedindo a sobrevivência de seus integrantes, incluindo-se aí as crianças recém- nascidas, etc (1993, p. 12 *apud* COSTA, SILVEIRA & MADEIRA, 2017)

Deste modo, a mulher também possui seu campo de poder e o exerce, mesmo em graus menores (COSTA, SILVEIRA & MADEIRA, 2017). Neste cenário em que se identifica um jogo de poder entre dominador e dominado, o discurso contestador existe (como o discurso de empoderamento feminino, por exemplo) mesmo que, às vezes, seja subordinado ao discurso dominante (VIANA, 2009). Para Viana (2009), o discurso de resistência pode muitas vezes ser um discurso emancipador; quando rompe a censura do discurso dominante e se transforma num meio de libertação. Assim, a percepção de gênero, a condição de dominada ou de empoderada é construída socialmente através dos discursos.

Na Web 2.0, segundo Buzato e Severo (2010), as pessoas têm impressão de romperem o poder da classe dominante através de discursos emancipatórios. Por serem produtores de conteúdo e terem liberdade de expressão, as pessoas acreditam que podem romper os discursos de opressão. Porém, segundo os autores, a vigia e disciplina também estão fortemente presentes na Internet, coexistindo, assim, tanto forças de opressão, quanto de resistência atuando mutuamente no ambiente digital. Tal dinâmica é amplamente identificada nos discursos de gênero na Internet, especialmente nos sites de rede sociais.

## **2 A COMUNICAÇÃO MEDIADA POR COMPUTADOR**

Neste capítulo discuto a conversação como sendo uma apropriação da Comunicação Mediada por Computador (CMC) e as características desta CMC. Destaco, também, aspectos relevantes para se compreender os sites de redes sociais e, mais especificamente, o Facebook.

Com as tecnologias da comunicação e da informação, as interações sociais encontraram novos ambientes para serem desenvolvidas, caracterizando sistemas interativos próprios, como por exemplo, os sites de redes sociais. Segundo Rebs e Zago (2011) estes sistemas interativos são auto-organizáveis e auto-configuráveis, não apenas por máquinas que estabelecem e mantêm a conexão entre os usuários, como também pelos atores que ali estão interagindo.

Embora a conversação seja compreendida como um fenômeno falado oral, a apropriação das ferramentas textuais da mediação do computador indica uma

simulação de uma conversação (RECUERO, 2014). O uso de convenções para simular elementos da fala e criar semelhanças com a conversação fora do ambiente da Internet, tais como *emoticons*<sup>23</sup>, onomatopeias, gírias etc., passou a ser frequentemente observado por diversos pesquisadores e, segundo Recuero (2014), com isso, a CMC passou a ser comparada com a comunicação oral. Para a pesquisadora, é possível afirmar que a CMC é uma apropriação, isto é, uma adaptação de meios que originalmente são textuais e não propícios às interações orais para um fim: o da conversação.

De acordo com Schinestsck (2015), a CMC é muito mais do que uma simples conversa dada a partir da mediação de uma ferramenta tecnológica. Para ela, a CMC tem se mostrado como um meio alternativo de expressar valores e crenças coletivas que nem sempre são manifestados fora do contexto digital. Como exemplo, a Primavera Árabe<sup>24</sup>, uma onda de protestos e revoluções iniciadas em 2010 no Oriente Médio e no Norte da África. Logo, revoluções na Tunísia e no Egito e uma guerra civil na Líbia e na Síria aconteceram e fortaleceram outros grandes protestos marcados por técnicas de resistência civil que tiveram os sites de redes sociais como Facebook, Twitter e Youtube como ferramentas determinantes para organizar e comunicar os eventos, além de engajar e sensibilizar a população mundial - e ainda alertar para a possível repressão e censura da Internet por parte dos Estados. A relevância foi reconhecida em relatório divulgado pela Dubai School of Government<sup>25</sup>, enaltecendo a potencialidade de serviços para a propagação de informações e conteúdos de interesse popular, que ganharam respaldo e apoio ao se espalharem pelo mundo.

De acordo com Recuero (2012) a CMC não é apenas influenciada pelas suas ferramentas. É, também, um produto social. Assim como para Jones (*apud* Recuero, 2012), que afirma que a CMC não é somente constituída de um conjunto de ferramentas, mas é um motor de relações sociais, que além de estruturar essas relações, proporciona um ambiente para que elas aconteçam. É na CMC que as relações sociais são forjadas através das trocas de informação entre os indivíduos.

---

<sup>23</sup> Emoticons são as famosas “carinhas” ou “smileys”. São convenções construídas através dos caracteres do teclado para representar emoções faciais.

<sup>24</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Primavera\\_%C3%81rabe](https://pt.wikipedia.org/wiki/Primavera_%C3%81rabe). Acesso em 13 de jan. de 2017

<sup>25</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Primavera\\_%C3%81rabe](https://pt.wikipedia.org/wiki/Primavera_%C3%81rabe). <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/18943/redes+sociais+foram+o+combustivel+para+as+revolucoes+no+mundo+arabe.shtml>>. Acesso em: 13 de jan. 2017

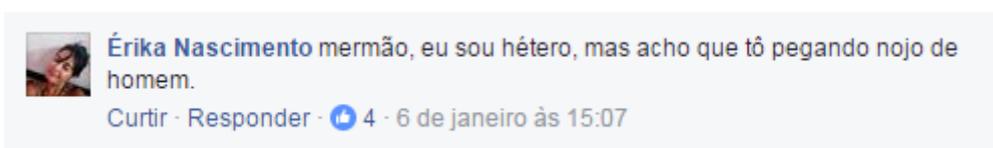
Ela não é, portanto, apenas uma estrutura técnica de suporte à linguagem mas, também, um conjunto de ferramentas cujo sentido é construído pelos usuários. E, parte dessa construção, foca as práticas de conversação (RECUERO, 2012). A conversação é, assim, a porta através da qual as interações sociais acontecem e através da qual as relações sociais são estabelecidas.

## 2.1 CONVERSAÇÃO E CONVERSAÇÃO MEDIADA POR COMPUTADOR

Pridham (*apud* Schinestsck, 2015) explica que a conversação é qualquer troca interativa falada entre duas ou mais pessoas. No entanto, não é apenas constituída de linguagem oral, mas de uma série de elementos como tom de voz, entonação, silêncios e elementos não verbais que vão delimitar o sentido daquilo que é dito, dando pistas do sentido (SCHINESTCK, 2015).

Hilgert (2000) discute as estratégias de construção de texto da conversação na Internet (CINT) à luz do que já se estudou sobre a conversação face a face (CFF). Segundo o autor, apesar de se dar em um meio necessariamente escrito, a CINT apresenta características semelhantes às da comunicação oral. O autor diz que um texto falado é marcado por fatores linguísticos, tem pouco ou nenhum planejamento prévio, sendo processual e provisório, apresentando uma estruturação sintática extensiva, linear e agregativa e uma densidade informacional diluída. Na CINT, por força das características do meio eletrônico, tem-se um texto falado, onde os interlocutores sentem-se numa interação falada. Neste sentido, Recuero (2012) afirma que as práticas conversacionais no ciberespaço tende a ser “oralizada”. Trata-se de uma apropriação linguística focada no uso limitado dos caracteres do teclado para simular a linguagem oral. Também refere-se às limitações que a CMC possui, exigindo dos participantes, o uso de algumas pistas não verbais que auxiliam na criação do contexto conversacional (RECUERO, 2012). Uma vez que não há um contato direto entre os interlocutores, o contexto pode tornar-se um problema. Para ajudar na construção de um contexto, os usuários usam elementos paralinguísticos, recursos como os *emoticons* para representar as emoções, onomatopéias e cores para representar expressões faciais, entonação e tom de voz (RECUERO, 2012)

Nos exemplos a seguir (Figura 1<sup>26</sup> e 2<sup>27</sup>), apresento a escrita falada.



**Figura 1: Comentário de postagem na página “Moça, Você é Machista”, no Facebook**



**Figura 2: Comentário de postagem na página “Eu me chamo KéééHTLyN”, no Facebook**

Na Figura 1, a conversação apresenta aspectos da CFF, como uso da expressão “mrmão” para representar a expressão “Meu irmão”, gíria regional especialmente empregada na região carioca. Já na Figura 2, o uso de um termo em inglês “hell” como uma pronúncia “abrasileirada” de “Rio” para identificar o calor na cidade do Rio de Janeiro, uma vez que a tradução de “hell” é “inferno” e denota calor. Para Recuero (2012), a entonação é obtida através da oralização da linguagem escrita, em que as palavras são escritas do modo como soam e não pela forma da língua padrão. Neste sentido, Hilgert aponta que:

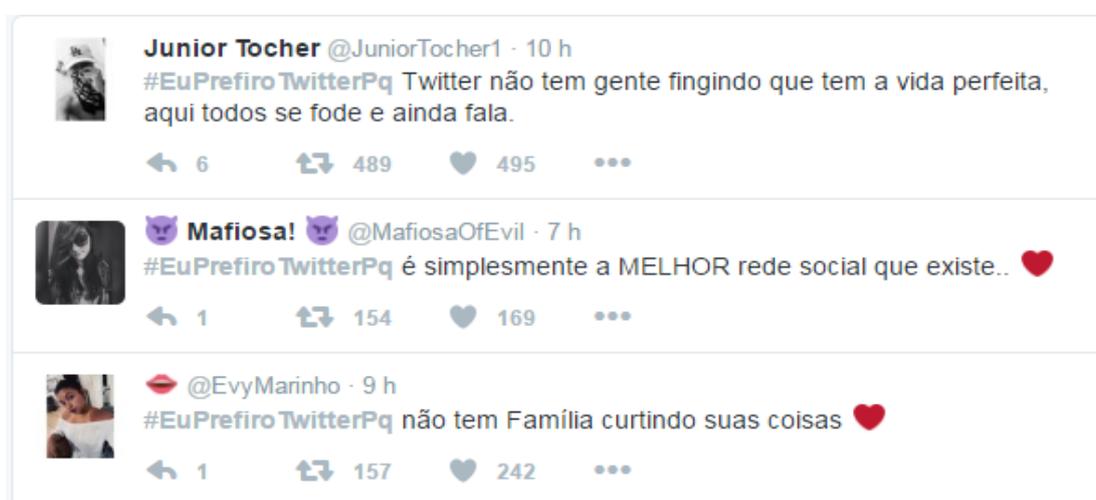
A CINT revela um crescente processo de re-oralização. Os interactantes, uma vez garantida a eficiência comunicativa da interação, tendem a livrar-se das coerções da codificação da língua escrita, recodificando-a em favor de uma interatividade possível por meio de uma manifestação escrita. É à luz da re-oralização que se explicam, por exemplo, o recurso a longas sequências de sinais de pontos de exclamação e de interrogação e também os sinais icônicos conhecidos como caracteretas. É de se esperar que a criatividade dos interlocutores e o próprio desenvolvimento tecnológico no âmbito das interações por computador vá desenvolver ainda muito mais a oralização da escrita em busca de interatividade cada vez mais intensa (HILGERT, 2000, p.53).

<sup>26</sup> A publicação pode ser visualizada no sítio:

<https://www.facebook.com/MocaVoceEMachista/?fref=ts>. Acesso em 14 jan. 2017.

<sup>27</sup> A publicação pode ser visualizada no sítio: <https://www.facebook.com/eumechamoketlyn/?fref=ts>. Acesso em 14 jan. 2017.

Deste modo, para Recuero (2012), a conversação, no espaço da CMC é resultado da apropriação das ferramentas e não uma determinação destas. É produto das práticas que criam novos sentidos para o ambiente online como um espaço de interação, capaz de suportar conversações. Para a autora, cada forma de CMC oferece características próprias que geram o contexto da conversação. No caso do Twitter, por exemplo, usa-se a hashtag como indicativo contextual daquilo que está sendo dito e prevê à rede uma informação contextual do que se está falando. Vide exemplo na Figura 3<sup>28</sup>.



**Figura 3: publicações extraídas através de pesquisa com uso da hashtag #EuPrefiroTwitterPq, no Twitter.**

No exemplo da Figura 3, os usuários estão comentando porque preferem a rede social Twitter. Sem o uso da hashtag, as mensagens estariam descontextualizadas e pareceriam confusas aos interagentes. Neste sentido, Recuero diz que:

A negociação e a construção do contexto é uma parte importante da conversação como apropriação das ferramentas de CMC. Especialmente nas ferramentas assíncronas, o desenvolvimento do diálogo necessita de um contexto que seja provido de forma permanente. Como a maior parte das CMC é dotada de

<sup>28</sup> Disponível no sítio <https://twitter.com/hashtag/EuPrefiroTwitterPq?src=tren>. Acesso em 14 jan. 2017.

permanência e muitas dessas ferramentas possuem ainda sistemas de busca, os novos participantes da conversação facilmente conseguem interpretar as pistas do contexto e tomar parte no diálogo. Em ferramentas síncronas, por outro lado, as interações são menos permanentes e acessíveis. Por isso, o contexto é muito mais fluido e menos perceptível (2012, p.09).

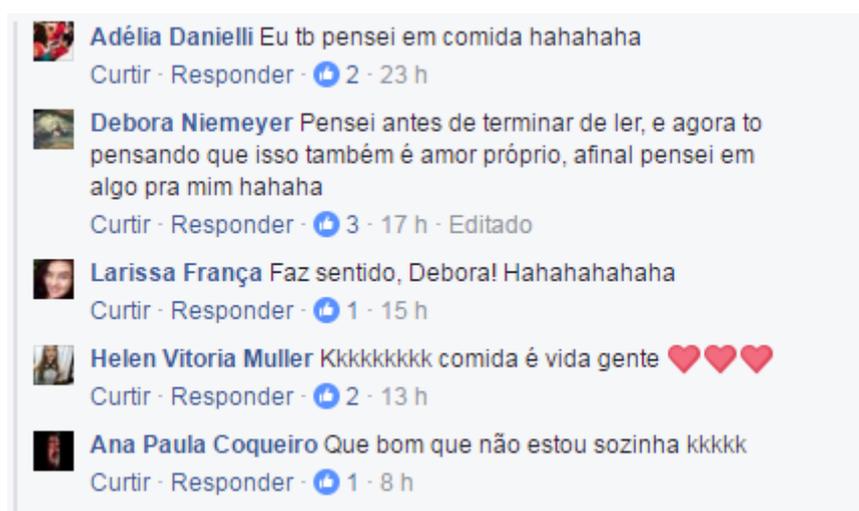
Ainda segundo Recuero, quanto ao contexto:

A conversação, no caso da mediação do computador, deste modo, é constituída de práticas conversacionais que vão organizar as trocas informativas entre os agentes para a construção de contextos sociais. Para compreendê-la, é preciso verificar a interação e os elementos apontados entre as representações de interlocutores no ambiente virtual, dentro de um mesmo contexto interacional que é negociado pelos interagentes (2012, p.10)

Para Schinestsck (2015), as apropriações que os usuários fazem da ferramenta para se comunicar estão associadas aos suportes não verbais da conversação face a face, aos gestos, contexto, entonação da voz, lapsos de fala e diversos outros fatores que atuam no momento da conversação off-line e que não estão disponíveis online. Uma vez mediados por uma ferramenta, os sujeitos dominam as possibilidades existentes e, a partir do ambiente virtual, recriam elementos que possam ser significantes o suficiente para comunicar o que se deseja. Corroborando esta ideia, Recuero (2012) pontua que a conversação no ciberespaço é capaz de simular elementos da conversação oral, através de convenções que são criadas para substituir, textualmente, os elementos da conversação oral e da interação, gerando uma “escrita oralizada”. Para Hilgert (2000), o que marca a construção de um texto da CINT é a interação. E como a interação, de uma forma mais completa, acontece face a face, os interagentes veem-se compelidos a escrever e investem criativamente na escrita a fim de atribuir à CINT marcas relacionais da CFF (HILGERT, 2000).

Um outro ponto que é importante ressaltar é a troca de turnos na CMC. A alternância de turnos constitui a explicitação mais evidente do caráter interacional da CFF e seu princípio de organização básico (HILGERT, 2000). Por turno, Hilgert (2000) define como sendo aquilo que um indivíduo faz e diz, enquanto está na vez de falar e cada turno é um passo dado por um e outro falante, na evolução do processo conversacional.

Para Hilgert (2000), na CINT também ocorre alternância de turnos, mas de modo diferente da CFF e obrigatoriamente realizada através da ferramenta utilizada para comunicar. Enquanto que na conversação falada, quase não há tempo para elaboração da fala, na CMC este tempo é relativizado. Em uma publicação de Facebook, por exemplo, pode-se encontrar comentários realizados em espaços de tempo diferentes, mas que intencionam o diálogo, como pode ser observado na Figura 4<sup>29</sup>. Ainda assim, conforme Recuero (2012), as trocas interacionais realizadas no ciberespaço acontecem de forma relativamente organizada, com turnos e convenções de contexto e as conversações no ambiente virtual simulam a organização conversacional oral. Para Recuero (2012), no ambiente virtual, a questão temporal torna-se elástica, pois as ações podem acontecer durante espaços de horas ou até mesmo dias. Por exemplo, na Figura 4 a conversação acontece num intervalo de horas e, ainda sim, mantém o contexto e a sincronicidade.



**Figura 4: conversação retirada da página “Empodere Duas Mulheres”, no Facebook.**

No que se refere à elasticidade temporal da CMC, Baron (2002) traz o conceito de CMC síncrona e assíncrona. Síncronas são aquelas que possuem o potencial para a interação “em tempo real” dos participantes, enquanto as assíncronas são aquelas ferramentas que não possuem esse potencial. Descreverei melhor estas características mais adiante. O que Recuero (2012) destaca como principal quanto aos conceitos de síncrona e assíncrona é o fato de que no ambiente virtual nem

<sup>29</sup> A publicação está disponível no sítio: <https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/?fref=ts>. Acesso em 14 jan 2017.

sempre ocorre em uma unidade temporal onde há co-presença dos participantes. Além disso, a autora aponta que as interações são capazes de persistir no tempo, isto é, um conjunto de trocas conversacionais pode acontecer em um período de tempo alargado e sem a co-presença física dos envolvidos. Essa “presença” pode ser compreendida como virtual, uma vez que os interagentes são representados e essas representações também tendem a permanecer no espaço virtual mesmo quando não estão online.

Assim, Recuero (2012) destaca que a “representação da presença” é uma característica importante da CMC. Isto é, os interagentes não estão necessariamente presentes online ao mesmo tempo, mas presentes através de, por exemplo, um perfil em um site de rede sociais ou um *nickname*<sup>30</sup> numa sala de *chat*. Tratam-se de presenças que referenciam ao indivíduo mesmo quando ele está off-line.

Na CMC, os indivíduos fazem parte de uma comunidade mais ampla, formando um público que, segundo Boyd (*apud* RECUERO, 2012) é intrinsecamente diferente do público que não é mediado pela ferramenta virtual. Isto é, mais do que possibilitar a comunicação entre estranhos, oferece a possibilidade dos indivíduos articularem-se e formarem suas próprias redes. Recuero (2012) afirma que este tipo de conversação, que ela chama de “conversação em rede” se estabelece em um espaço anônimo, viabilizando aos indivíduos construir uma imagem online e um contexto das conversações realizadas através da mediação do computador, formando uma rede de interações. Estas redes de interações deixam o que Recuero chama de “rastros na web” e proporciona à conversação, o que Boyd (2007) chamou de “audiências invisíveis”. Mais especificamente, as conversações em rede, além de terem a presença de audiências invisíveis, possuem características de persistência, buscabilidade e replicabilidade (BOYD, 2007). A persistência refere-se à permanência das informações na rede, diferente do que acontece na conversação face a face (RECUERO, 2012). Na CMC, as informações se mantêm. Isso direciona para outra característica, a buscabilidade. Uma vez que o conteúdo está na rede, ele pode ser rastreado (RECUERO, 2012). No que concerne à replicabilidade, Recuero (2012) diz que é a capacidade que um conteúdo tem de ser multiplicado em larga escala. Para a autora, estas características são extremamente úteis para a compreensão das conversações online, pois são características da interação entre o espaço e a

---

<sup>30</sup> Do inglês: apelido, alcunha.

mediação e, para ela, é nessa intersecção que se desenvolve o ambiente no qual a conversação toma espaço.

No que tange ao público, ou seja, às audiências invisíveis, que têm acesso às informações (informações que são permanentes, buscáveis e replicáveis), Recuero salienta que como um corpo físico não está presente nas interações, há uma presunção de anonimato e é por isso que, para ela, as audiências são invisíveis por princípio. Isto é, há um distanciamento físico entre os interagentes, o que Recuero relaciona com ao deslocamento do processo conversacional da co-presença. Nesse sentido, para Schinestsck (2015) o interagente pode ter uma noção de quem seja seu público, de quem acessa suas informações, mas nunca terá certeza se suas suposições são reais. Para a autora, são “características dinâmicas que mudam de acordo com a ferramenta utilizada” (2015, p. 53).

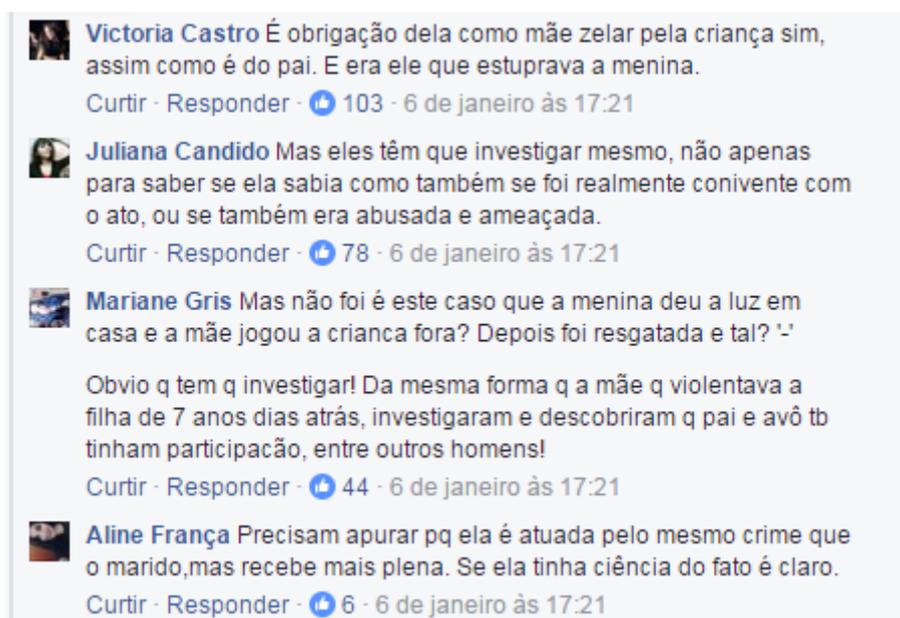
Em síntese, Schinestsck (2015) pontua que a CMC não consiste em apenas uma “mediação do computador”, uma vez que não pode acontecer sozinha e depende da cooperação e da negociação (RECUERO, 2012) entre os indivíduos. Na CMC, então, cria-se um novo campo, em que os processos de representação vão sendo construídos e interiorizados como uma nova realidade (a virtual) pelos envolvidos. Forma-se uma nova estrutura, um ambiente de convivências (o ciberespaço), onde surgem novos papéis sociais.

## 2.2 TIPOS DE CMC

A CMC pode ser classificada como síncrona ou assíncrona (REID, 1991). Uma comunicação síncrona é aquela que atua em tempo real e os interagentes trocam informações simultaneamente. Assíncrona é aquele tipo de conversação em que não há a expectativa de resposta imediata e espera-se que o outro interagente leve um tempo para responder. Isto significa que um interagente está consciente que o outro pode não estar presente no momento da interação. É um tipo de diálogo que se estende no tempo, sem que seja preciso que os usuários estejam presentes no contexto da interação. Um exemplo de CMC do tipo síncrona são as salas de bate-papo ou aplicativos de conversa como o Whatsapp e o Facebook Messenger. Já exemplos de CMC do tipo assíncrona são as trocas de e-mails e os fóruns de discussão.

Para Goffman (2013), quanto mais assíncrona a conversação, mais difícil é a negociação dos contextos. No entanto, Schinestsck (2015) afirma que mais importante do que as características de cada ferramenta, é a capacidade de apropriação dos usuários. Ou seja, a característica de ser síncrona ou assíncrona pode depender do momento e dos interagentes envolvidos. Uma conversa de e-mails, por exemplo, apesar de começar de forma assíncrona pode tornar-se síncrona na medida em que os usuários passem a responder às mensagens em tempo real. O mesmo vale para uma comunicação do tipo síncrona, que pode iniciar em tempo real e terminar em turnos alternados assincronamente.

No que se refere à apropriação das ferramentas, os comentários de Facebook, por exemplo, que originalmente é um recurso destinado para uma comunicação assíncrona, pode tornar-se síncrono, na medida em que os usuários passem a comentar em tempo real, formando uma espécie de bate-papo. Como ilustrado na Figura 5<sup>31</sup>, em que, segundo o recurso do próprio Facebook, identifica-se o horário das postagens. No exemplo a seguir, os comentários foram feitos ao mesmo tempo:



**Figura 5: Comentários retirados de uma publicação da página de Facebook “Empodere Duas Mulheres”**

<sup>31</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/empodereduasmulheres/?fref=ts>. Acesso em 14 jan. 2017.

Primo (2007), por sua vez, entende as interações mediadas pelo computador a partir de uma abordagem sistêmico-relacional e distinguiu dois tipos de interação: a mútua e a reativa. Na interação mútua os interagentes relacionam-se em torno de contínuas problematizações. As soluções são momentâneas. A própria relação é um problema que motiva uma negociação. Cada ação expressa tem um impacto sobre a relação e sobre o comportamento dos interagentes. Ou seja, o relacionamento entre os participantes vai definindo-se ao mesmo tempo em que acontecem os eventos interativos. Devido a essa dinâmica, a interação mútua é um constante “vir a ser”, que se atualiza através das ações de um interagente em relação à(s) do(s) outro(s) (PRIMO, 2007).

Enquanto a interação mútua se desenvolve em virtude da negociação relacional durante o processo, Primo (2007) destaca que a interação reativa depende da previsibilidade e da automatização nas trocas. Uma interação reativa pode repetir-se numa mesma troca: sempre os mesmos *outputs* para os mesmos *inputs* (PRIMO, 2007). Diferente das interações mútuas, as interações reativas precisam estabelecer-se segundo determinam as condições iniciais relações com potencial de estímulo-resposta impostas por pelo menos um dos envolvidos na interação. Na maioria das vezes a interação reativa se dá entre um interagente e um agente que media a interação (RECUERO, 2011). O diálogo em blogs ou a conversação em chats são exemplos de interações mútuas, pois geram relações mais complexas, do ponto de vista social. Já clicar no botão “curtir” do Facebook ou aceitar um amigo em uma rede social são exemplos de interações reativas, pois reduzem o espectro de reações que o ato pode gerar, teoricamente.

### 2.3 OS SITES DE REDES SOCIAIS

O interesse científico nas redes sociais não é novo. O estudo da sociedade a partir do conceito de rede é um dos focos da mudança que permeia a ciência durante o século XX (RECUERO, 2011). Nos anos anteriores, a ciência preocupava-se em analisar os fenômenos isoladamente, a fim de compreender o todo. No entanto, conforme Recuero (2011), a partir do início do século passado, os pesquisadores passam a dedicar seus esforços para entender os fenômenos como constituído das interações entre as partes. Este olhar sistêmico fez-se necessário para entender não apenas as partes, mas as partes em interação, segundo a autora.

Para Recuero (2011), a força desta abordagem de estudos em redes está na necessidade de uma construção empírica que busca, a partir da observação sistemática, identificar padrões e teorizar sobre eles. Deste modo, a pesquisadora afirma que estudar redes sociais é estudar os padrões de conexões expressos no ciberespaço. As redes sociais em sua representação no ciberespaço são diferentes das redes sociais no espaço off-line. Tanto porque as conversações e as trocas sociais deixam rastros no ambiente online, quanto porque a própria representação do grupo social no ciberespaço altera o grupo em si. Essas redes são representadas principalmente através dos sites de rede social e de outras ferramentas que permitem sua apropriação desse modo (RECUERO, 2014).

Uma das mais significativas mudanças que surgiu com o advento da Internet é a possibilidade de socialização através de ferramentas (RECUERO, 2011). Estas ferramentas, conforme Recuero (2011), proporcionam com que atores sociais possam construir-se, interagir e comunicar-se com outros atores, deixando rastros na rede de computadores, os quais permitem o reconhecimento de padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais. Para a autora, é o surgimento das possibilidades de estudo destas interações e conversações que fornece um novo fôlego aos estudos de redes sociais a partir da década de 1990. “É neste âmbito que a rede como metáfora estrutural para a compreensão dos grupos expressos na Internet é utilizada através da perspectiva de rede sociais” (RECUERO, 2011, p. 24). Conforme Recuero (2009), as redes sociais são constituídas por elementos característicos que são a base para que a rede seja percebida e as informações, apreendidas: a representação dos atores sociais e de suas conexões.

Os atores são o primeiro elemento das redes sociais, segundo a autora, e moldam as estruturas sociais através da interação e da constituição de laços sociais. Por causa do distanciamento entre os envolvidos na interação social, os atores não são imediatamente discerníveis. Assim, para Recuero (2009), deve-se trabalhar com representações dos atores sociais ou com que ela chama, com “construções identitárias no ciberespaço”, obtidas através da apropriação das ferramentas de CMC, que permitem gerar um processo de individualização (RECUERO, 2009). Um ator pode ser representado por um perfil no Facebook, por exemplo. Essas apropriações funcionam como uma presença do "eu" no ciberespaço, um espaço privado e, ao mesmo tempo, público. Essa individualização é essencial para a construção do processo de conversação, como explicou Donath (*apud* RECUERO 2009). É preciso

que um Outro seja perceptível, mesmo que apenas através das palavras. “Essas palavras, constituídas como “lugares de fala”, legitimados pelos agrupamentos sociais, constroem as percepções que os indivíduos têm dos atores sociais.” (RECUERO, 2009, p. 02). Os atores no ciberespaço podem ser compreendidos como os indivíduos que agem através das ferramentas de CMC, utilizando recursos de identificação, tais como o uso de *nicknames*, fotografias, linguagem etc. (RECUERO, 2001), que auxiliam a construir a percepção de um Outro.

Recuero (2011) afirma que “uma vez identificadas as representações dos atores que se deseja observar em uma determinada rede social, é preciso avaliar as conexões entre esses atores, para que a rede possa ser mapeada” (p.08). Para mapear essas conexões, a autora defende que a conversação estabelecida entre os interagentes é fundamental e, para tanto, aponta alguns elementos que auxiliam na compreensão dessas relações (RECUERO, 2011). O elemento mais importante da CMC, segundo ela, é o fato de que a conversação conecta as interações mediadas observadas no ciberespaço. Neste sentido, é através do estudo de sua estrutura é que é possível obter uma indicação da qualidade das conexões estabelecidas entre os interagentes. Em adição, Recuero (2011) diz que uma conversação não é constituída apenas de uma estrutura de mensagens. É também constituída de um sentido, o qual é construído entre os interagentes e “este aspecto semântico auxilia na compreensão das relações entre as mensagens e na interpretação do sentido daquilo que é trocado” (p. 09). Deste modo, Recuero (2011) pontua que:

O aspecto estrutural de uma conversação pode ser observado através da análise e negociação dos turnos estabelecidos entre os atores, bem como de aspectos entre as mensagens, de onde é possível se depreender a estrutura da rede social. O aspecto semântico auxilia na compreensão do significado das mensagens, de onde é possível depreender o conteúdo dos laços sociais (p. 10).

A partir desta premissa, a autora enumera aspectos a serem mapeados, como mostra a tabela a seguir.

**Tabela 1: Aspectos Analisados na CMC**

<b>Aspectos Semânticos</b>	<b>Aspectos Estruturais</b>
Conteúdo das interações	Sequenciamento das interações
Identificação dos pares conversacionais	Estrutura dos pares conversacionais
Negociação dos turnos de fala	Organização dos turnos de fala
Reciprocidade	Persistência
Multiplexidade	Migração

Fonte: Recuero (2009), p. 10

O outro elemento característico das interações são as conexões. Recuero (2011) aponta que as conexões são elementos que unem os atores em grupos sociais e são constituídas dos laços sociais, os quais são formados através da interação social. Para a autora, estas interações são identificadas graças à possibilidade de deixar rastros na web. Um comentário no Facebook, por exemplo, permanece online até que alguém o delete. As interações sociais são aquelas ações que têm um reflexo comunicativo entre um ator e seus pares, como um reflexo social (RECUERO, 2011), tendo, assim, um caráter social perene e diretamente relacionado ao processo comunicativo, mediado pelas ferramentas da CMC.

As relações sociais que são mediadas através das interações sociais é a unidade básica de uma rede social. As relações sociais no ambiente virtual também são mediadas pelas ferramentas da CMC. Como afirma Recuero (2011), as relações podem ser mediadas pelo computador, assim como as interações, e esta relação poderá ser diferente de uma relação face a face, devido às limitações contextuais da mediação. Deste modo, Recuero (2011) destaca que a mediação pelo computador traz aspectos importantes para a relação social, tais como o distanciamento entre os indivíduos envolvidos. Este distanciamento, segundo a pesquisadora, proporciona, por exemplo, o anonimato.

As relações sociais atuam na construção dos laços sociais (RECUERO, 2009). O laço é a efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações. O laço social constituído a partir das interações sociais é denominado laço relacional. Já o laço de associação independe da interação, sendo apenas necessário um “pertencimento a um determinado local, instituição ou grupo” (RECUERO, 2011, p. 39). Os laços sociais também podem ser classificados como fortes ou fracos, segundo Granovetter (*apud* RECUERO, 2011). Laços fortes são aqueles que têm por

característica a intimidade, a proximidade e a intencionalidade de manter uma conexão entre duas pessoas. Laços fracos, por sua vez, são relações mais esparsas e que não traduzem intimidade ou proximidade. Porém, fortes ou fracos, os laços sociais são sempre consequência da interação social que se dá através do conteúdo e das mensagens e representa uma conexão entre os indivíduos. O laço associativo, então, tende a ser mais fraco uma vez que possui menos trocas envolvidas entre os interagentes (RECUERO, 2011). Neste sentido, Recuero (2009) afirma que:

Os laços sociais são difíceis de ser percebidos, por si, na Internet. Para compreendê-los, é preciso a observação sistemática da estrutura e do sentido das interações que acontecem em um determinado espaço entre determinados atores, procurando compreender elementos das relações sociais, tais como grau de intimidade entre os agentes, a natureza do capital social trocado e outras informações que auxiliam na percepção da força do laço que une cada par. Esses elementos podem ser observados nas trocas que acontecem nas várias ferramentas. Essas trocas são características da conversação mediada por computador (p. 04).

Um outro ponto importante de ser destacado quando se refere aos estudos das relações sociais nos sites de redes sociais é o capital social. Nas interações sociais vão ocorrer trocas que vão se caracterizar por ser o capital social construído durante o processo de socialização. O capital social é um valor que é construído a partir das interações entre os atores sociais e é um elemento fundamental quando se pensa na qualidade das interações de uma rede social (RECUERO, 2011). Ou seja, são valores sociais compartilhados entre os membros da interação que é consolidada.

De acordo com Recuero (2011) não há consenso entre os estudiosos sobre o conceito e a aplicabilidade do capital social. Um dos pesquisadores citados pela autora é Coleman (1988, *apud* RECUERO, 2011) que afirma que o capital social é definido por sua função. Ele afirma que cada ator no sistema social tem o controle de certos recursos e interesses em outros recursos. O valor do capital social está na estrutura das relações e não nos atores. É a força dos laços entre os atores que gera o capital social. Já Putnam (2000, *apud* Recuero 2011) destaca que capital social está relacionado com a conexão entre indivíduos e que o conceito de capital social tem base na moralidade, pois se dá através de relações recíprocas. Trata-se dos interesses do indivíduo em fazer parte de um coletivo, de uma rede social e por isso as normas morais vêm à tona para o autor. As redes sociais, para Putman, têm base

na confiança e na reciprocidade e estas associações motivariam a cooperação e o surgimento de valores sociais.

Uma abordagem clássica do capital social é a de Bourdieu. A proposição central da teoria do capital social, segundo Bourdieu (1986, *apud* MACKE, CARRION & DILLY, 2010) é que as redes de relacionamentos são recursos fundamentais para conduzir os assuntos sociais, o que possibilita proporcionar aos membros da interação um capital que é coletivo. Segundo Bourdieu (1986), uma boa parte deste capital está relacionada às redes de conhecimento e reconhecimento mútuo, as quais envolvem sentimentos de gratidão, respeito e amizade. No entanto, também é possível encontrar capital social sob a forma de status e reputação social. O capital social que é gerado está relacionado à posição de um ator no contexto, uma vez que influencia a ação e esta influencia o posicionamento do ator no ambiente social (BOURDIEU, 1986). As proposições de Bourdieu embasam os aspectos de capital social que serão tratados neste estudo.

O capital social pode ser dividido em dois grandes grupos: capital do primeiro nível e capital do segundo nível (REBS, 2013). O capital social de primeiro nível pode ser distinguido como três tipos: relacional, normativo e cognitivo. Já o capital social de segundo nível é separado em confiança no ambiente social e institucional. Rebs (2013) apresentou uma breve descrição dos tipos de capital social em sua palestra. Segundo a pesquisadora, o tipo relacional é a soma das relações, laços e trocas e conectam os indivíduos que participam da interação social. Já o normativo é aquele capital que trata das normas de comportamento e valores de um grupo, a fim de manter a coesão entre os membros. O capital cognitivo é soma do conhecimento e das informações compartilhada entre o grupo. No segundo nível, em que os laços estão mais fortes, há o tipo confiança no ambiente social, que é aquele valor atribuído à possibilidade de adquirir confiança no comportamento dos indivíduos de um grupo. Através da confiança é possível estabelecer relações mais sólidas. Por fim o tipo institucional, conforme a pesquisadora, é aquele tipo que inclui as instituições formais e informais e que vão dar suporte ao grupo, havendo um alto nível de cooperação e coordenação, são as referências de um grupo.

Diante destas características das interações nos sites de redes sociais, apresentarei, a seguir, o Facebook, site de rede social que é objeto deste estudo. Antes, vale ressaltar que, conforme Schinestsck (2015), os sites de redes sociais têm impactado de forma significativa as trocas comunicacionais e este impacto vai além

do ambiente virtual: tem potencial de (re)construir diferentes contextos, ampliar o alcance de conexões. Trata-se de um fenômeno chamado por Recuero (2014) de “hiperconexão das redes sociais online”, ou seja, um processo de construção e negociação constante que gera novas convenções capazes de delinear o usuário e sua representação a partir da apropriação dos elementos disponíveis tanto pela CMC quanto pelo site eleito para implementar tais interações. Discutirei, assim, o Facebook.

## 2.4 O FACEBOOK

Os sites de redes sociais tiveram um impacto profundo no cotidiano das pessoas, alterando a forma como se relacionam, constroem e percebem valores e mesmo como constroem significados e sentidos. Eles não apenas refletem as redes, mas influenciam sua construção e, com isso, os fluxos de informação que circulam nesses grupos (RECUERO, 2012).

Os dados refletem a potência do site de rede social Facebook no Brasil. No início de 2016, 8 em cada 10 usuários estavam conectados à rede social<sup>32</sup>. O site é acessado por 1 bilhão de brasileiros todos os dias<sup>33</sup>. O Facebook, assim como outros sites de rede sociais, conforme Recuero (2014), é uma ferramenta apropriada simbolicamente para construir o espaço social no cotidiano dos atores, gerando práticas e ressignificando seus usos. Dentre essas apropriações, a autora aponta a conversação. Assim, segundo Recuero (2014):

Essa prática, geralmente focada nas trocas que acontecem entre falantes, passa a ser um uso dessas ferramentas, que são adaptadas para ferramentas primariamente textuais, muitas vezes assíncronas, através da criação de convenções e novos sentidos entre os atores. E esses sentidos são constantemente adaptados e reconstruídos pelas redes sociais que estão em movimento na ferramenta, pela dinâmica sistêmica que envolve esses grupos. Compreender essas práticas e seus

---

<sup>32</sup> Dado disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2016/01/facebook-revela-dados-do-brasil-na-cpbr9-e-whatsapp-vira-zapzap.html> Acesso em 15 jan. 2017.

<sup>33</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/04/facebook-atinge-marca-de-1-bilhao-de-usuarios-todos-os-dias.html> Acesso em 15 jan. 2017.

sentidos, assim, é essencial para compreender também os efeitos desses sites na sociedade (p. 114 e 115).

Qualquer pessoa pode ter um cadastro no Facebook. Para tal, basta criar um perfil na rede social. Neste perfil é possível apresentar uma breve descrição pessoal, inserir uma foto que irá representar seu avatar e uma foto de capa, que irá servir de fundo para ilustrar o perfil. Outros dados podem ser inseridos, tais como escolaridade, profissão, estado civil, cidade de nascimento, cidade em que mora, locais que visitou, lugares em que trabalhou etc. Estas informações ficam dispostas em ordem cronológica, na linha do tempo do usuário. Outras informações também ficam disponíveis na linha do tempo, tais como quando o indivíduo publica uma foto, uma frase, um acontecimento, comenta uma publicação, curte uma página de fãs, compartilha notícias etc. Além disso, é possível adicionar outros usuários à sua rede. No Facebook, é possível, ainda, criar Páginas de Fãs, comunidades para vendas, trocas, informações ou discussão de temas variados, grupos temáticos, eventos etc.

Página de fãs é um recurso que permite com que um usuário crie um perfil institucional e corporativo, de empresas, marcas, figuras públicas, personagens, bandas, produtos, causas etc. em que os usuários podem filiar-se e, assim, acompanhar as publicações da página. Ao criar uma página de fãs, o administrador pode direcionar o perfil do público com qual deseja se comunicar.

A ferramenta viabiliza três principais recursos para interação: o botão “curtir”, o recurso “comentar” e o botão “compartilhar”. Por exemplo, em uma publicação de uma página de fãs, um usuário pode realizar uma destas três ações ou pode, ainda, responder a um comentário específico (vide Figura 6<sup>34</sup>):

---

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/MulherMaravilhaFilme/?fref=ts> Acesso em 15 jan. 2017



Figura 6: Postagem retirada da página de fãs oficial do filme Mulher-Maravilha

Em um estudo realizado em 2014, Recuero identificou o modo como os usuários do Facebook se apropriam dos botões “curtir”, “compartilhar” e “comentar” como forma de tomar parte da conversação na rede. O botão “curtir” parece ser percebido como uma forma de tomar parte na conversação sem precisar elaborar uma resposta para a postagem. Sinaliza que a mensagem foi recebida. Trata-se de uma forma de legitimação. Além disso, ao “curtir” uma postagem, os usuários passam a ter seu perfil vinculado a ela e tornam público para toda a sua rede que a mensagem foi “curtida”. Deste modo, para Recuero, adquire o sentido de comprometer-se com a publicação, porém sem expor ideias a respeito. Também é uma forma de apoio e visibilidade. Para a autora, estes dois sentidos são duas formas de capital social focadas na difusão da informação e difusão de apoio. No entanto, o investimento é

mínimo, na medida em que o usuário não precisa necessariamente ler tudo o que foi dito para curtir (RECUERO, 2014).

Já o “comentário”, é um recurso mais conversacional. Através de um botão, o usuário pode agregar uma mensagem à postagem original e, esta mensagem, permanece visível para toda sua rede que tem acesso à publicação. Ao contrário do “curtir”, o “comentário” demonstra total engajamento com a publicação, na medida em que o usuário redige uma opinião, uma ideia, se posiciona sobre o que foi publicado. Trata-se de uma participação mais visível, denotando comprometimento (RECUERO, 2014). Inclusive, conversações podem ser geradas a partir do recurso dos comentários (SCHINESTOCK, 2015). Esta visibilidade do comentário pode ser entendida como um risco, na medida em que o usuário se expõe ao posicionar-se.

O “compartilhar” tem como principal função dar visibilidade para a conversação ou mensagem, ampliando seu alcance. Para Recuero (2014, p. 120):

Compartilhar uma informação também é tomar parte na difusão da conversação, na medida em que permite que os usuários construam algo que pode ser passível de discussão, uma vez que é de seu interesse, para sua rede social. O compartilhamento também pode legitimar e reforçar a face, na medida em que contribui para a reputação do compartilhado e valoriza a informação que foi originalmente publicada.

Deste modo, é possível dizer que a CMC influencia na construção das relações sociais (SCHINESTOCK, 2015), além de fortalecer discursos e negociar o poder (BUZATO & SEVERO, 2010). No próximo capítulo, apresento a personagem Mulher-Maravilha, a fim de contextualizar os aspectos feministas que busco identificar no lançamento do filme.

### 3 A MULHER-MARAVILHA

É possível identificar um padrão de discursos patriarcais na história dos meios de comunicação que contribui para a perpetuação de estereótipos sociais relacionados ao comportamento feminino, propagando padrões e naturalizando diferenças (LLOSA, 2009). Já no início do século XIX, pela força do movimento feminista da época, o surgimento de uma imprensa de massa se baseará no sucesso de um produto ligado ao público feminino, o folhetim, fusão histórica do romance burguês com o melodrama popular que constituirá, por sua vez, a base de todas as formas narrativas audiovisuais, especialmente o cinema (MIRA, 2003).

A tradição do romance e do melodrama, processadas pelo folhetim, marcam o cinema pela opção fundamental pela narrativa. No estilo clássico hollywoodiano, o filme sempre conta uma história. Neste sentido, segundo David Bordwell (*apud* MIRA, 2003) 95% das narrativas de Hollywood se constroem em torno de um relacionamento amoroso, heterossexual e romântico. Este padrão hollywoodiano, que fortaleceu a narrativa folhetinesca com a magia da imagem em movimento, foi o ponto de partida para outras fórmulas audiovisuais.

Llosa (2009) afirma que os meios de comunicação assumiram um lugar de fundamental importância na sociedade contemporânea: o de intermediar as relações entre o sujeito e a própria sociedade. De acordo com Mira (2003) nos dias de hoje ainda é grande a oposição entre masculino e feminino apresentado no universo da cultura popular de massa. Através dos discursos da cultura de massa, observa-se o controle e poder existentes em determinadas problemáticas sociais, como a da cultura patriarcal, por exemplo (LLOSA, 2009).

A compreensão desse aspecto é essencial, pois possibilita a identificação das relações de poder dentro desses discursos, incluídos os de gênero, já que existe uma correspondência intrínseca às práticas discursivas. O cinema, com a construção de personagens e contextos, provoca o surgimento de “verdades” sobre a identidade dos sujeitos (como também relacionadas às representações sociais do gênero feminino), e, de forma dialética, os seus discursos

podem contribuir com a reprodução e perpetuação dessas identidades sociais ou com a sua discussão e transformação (LLOSA, 2009).

As produções cinematográficas, maquiadas pela ideia de máquina que obedece a leis, ocultam seu caráter ideológico, pelo efeito que converte a realidade da representação cinematográfica e a construção de um sujeito espectador que transcende ao apreciar o enredo como uma experiência real (CASSETI, *apud* ANACLETO & TEIXEIRA FILHO, 2012). O cinema, portanto, por meio destes elementos, possui importante papel no que se refere a forma como a sociedade encara determinadas imagens, atitudes, comportamentos, ações, representações. As produções cinematográficas podem denunciar papéis e construir conceitos. Nesta perspectiva, o conceito de mulher e seus desdobramentos, são construídos também pela influência da sétima arte e suas produções de imagens, na vida cotidiana dos sujeitos (ANACLETO & TEIXEIRA FILHO, 2012).

Anacleto e Teixeira Filho (2012) afirmam que o cultural é uma área de intervenção da ideologia, e se a imagem representada da mulher é uma imagem estereotipada, pode-se dizer que a construção social da mulher, aquela trabalhada pelas diferentes mídias é baseada em critérios preestabelecidos socialmente e impõe uma imagem idealizada da mulher. O papel da mulher, representado pela cultura de mídia, especialmente o cinema, pode conter o viés de estereótipos que oprimem e anulam a mulher na sociedade, mascarando sua possibilidade de atuação política e empoderamento (GUBERNIKOFF, *apud* ANACLETO & TEIXEIRA FILHO, 2012).

Entretanto, no cinema hoje, já se pode pensar na presença de outra caracterização de mulher, descolada da tradicional e única imagem de feminino que a sociedade apresentava. Uma mulher mais empoderada de direitos, que dá a ela mais possibilidade de ser protagonista de sua própria história e de viver suas próprias nuances cotidianas. Uma mulher que se constrói em oposição à opressão patriarcal da sociedade, que demarca as desigualdades de gênero e a supremacia do homem perante a mulher (ANACLETO & TEIXEIRA FILHO, 2012), como no caso do filme *Mulher-Maravilha*, por exemplo.

Um número significativo de pesquisas desenvolvidas nas últimas décadas denuncia a visão patriarcal das mídias, seja em relação ao cinema, à televisão ou à mídia escrita (SIQUEIRA, 2004). Em *A mulher e o cinema*, Ann Kaplan apresenta análise do cinema produzido em Hollywood, em que demonstra as formas pelas quais

os mitos patriarcais funcionam para situar a mulher como silenciosa, ausente e marginal. Entretanto, a autora apresenta também a contribuição do movimento feminista na formulação de alguns discursos que se contrapõem a essa visão, através de produções que dão vozes às mulheres ou evidenciam a natureza construída das identidades, como no filme Mulher-Maravilha. De acordo com Anacleto e Teixeira Filho (2012), esta pluralidade de discursos apresentados pelo cinema, resulta em uma pluralidade de significados que circulam no contexto social, como as questões de empoderamento feminino. Um exemplo clássico de empoderamento feminino no cinema é a apresentação de personagens super-heroínas na figura da mulher.

A personagem super-heroína Mulher-Maravilha foi criada em 1941, em um contexto de nacionalismo norte-americano, durante a Segunda Guerra Mundial, período em que os homens foram para a guerra e as mulheres passaram a ocupar espaços públicos e posições de trabalho para sustentar a casa. O criador da personagem foi o psicólogo William Moulton Marston. Marston defendia a igualdade de gêneros e vivia um relacionamento poliamoroso com sua esposa Elisabeth Halloway Marston e Olive Byrne<sup>35</sup>. E foi inspirado em suas duas mulheres e motivado pela crença de que o mundo precisava de uma mulher forte que representasse as mulheres, que o psicólogo criou a super-heroína<sup>36</sup>. Outras personagens femininas haviam sido criadas para os quadrinhos antes da Mulher-Maravilha. No entanto, foi com o lançamento da heroína que as personagens femininas deixaram de ser coadjuvantes ou mocinhas em perigo e passaram a ser protagonistas de suas próprias histórias. De acordo com Greenberg (2003, *apud* ANDRADE, 2012), a Mulher-Maravilha representava a propaganda psicológica sobre o novo tipo de mulher que o autor acreditava que deveria dominar o mundo: uma mulher inteligente, capaz, forte, independente e livre que tivesse um lugar igual ao homem na sociedade, com os mesmos direitos civis e políticos.

Em 1942 a Mulher-Maravilha surgiu em sua primeira capa de revista em quadrinhos, na *Sensation Comics* #1. No verão desse mesmo ano foi publicada a primeira revista do título *Wonder Woman*. A rápida ascensão e a popularidade crescente da princesa das amazonas a colocaram no mesmo patamar de importância

---

<sup>35</sup> Olive Byrne era sobrinha de Margaret Sanger, uma reconhecida ativista feminista que foi pioneira no controle de natalidade.

<sup>36</sup> É creditado ao Marston a invenção, também, do detector de mentiras, que o inspirou a criar o Laço da Verdade - objeto utilizado como arma pela personagem Mulher-Maravilha.

e status icônico dos outros dois super-heróis mais importantes da DC<sup>37</sup>. Assim como Batman e Superman, a Mulher-Maravilha, ao longo dos anos, protagonizou animações, séries de TV e minisséries de quadrinhos, estampou centenas de produtos e se conhecida mesmo para o público não-familiarizado com as histórias em quadrinhos. A Mulher-Maravilha é uma personagem icônica para o empoderamento feminino, pois se trata de uma princesa amazona que abandonou seu lar, cujas residentes eram todas mulheres, para salvar a América dos nazistas e da “soberania masculina”.

A personagem, apesar de ser tão importante quanto outros super-heróis<sup>38</sup>, tem características peculiares em sua estrutura e sua aparência. Andrade (2012) analisa que essas características são, em geral, inerentes às personagens femininas, constantemente submetidas ao olhar masculino, como beleza e sensualidade. No entanto, suas falas registram seus valores, que refletem tendências feministas e de defesa de minorias e oprimidos. Andrade detecta que nos quadrinhos, os heróis são os grandes e poderosos e as heroínas costumam ficar em segundo plano. A Mulher-Maravilha, devido à sua importância e constante presença em histórias de outros heróis, acaba sendo um exemplo claro da diferença de representação entre personagens femininas e masculinas (ANDRADE, 2012).

As personagens femininas são constantemente objetificadas e fetichizadas, vestidas de maneira que não seria efetivamente prática para o combate corpo a corpo, mas muito atraente, para remeter ao sexo. As personagens masculinas representam o que o homem gostaria de ser, uma projeção ideal criada para estabelecer a ilusão de poder e masculinidade perfeita. Já as personagens femininas representam o que o homem gostaria de ter, uma mulher interessante, poderosa e incrivelmente bela, a única capaz de se equiparar ao homem superpoderoso presente na construção da autoimagem masculina (ANDRADE, 2012).

Atualmente, a Mulher-Maravilha extrapola os limites dos quadrinhos e representa um ícone de cultura popular, o que só reforça a importância da personagem e seu poder de estabelecer representações positivas do feminino

---

<sup>37</sup> A DC Entertainment é uma editora norte-americana de histórias em quadrinhos e mídias relacionadas, sendo considerada uma das maiores companhias, ligadas a este ramo no mundo. Fonte: Wikipedia. Acesso em 11 mar. 17

<sup>38</sup> Os leitores da revista Comic Heroes Magazine votaram para escolher os melhores e mais populares super-heróis e a Mulher-Maravilha, em 8º lugar, é a única mulher entre os 10 primeiros. O portal IGN, especializado em videogames e entretenimento fez uma lista dos 100 super-heróis mais importantes. A Mulher-Maravilha vem em 5º lugar. A próxima mulher na lista, Jean Grey, aparece em 13º lugar.

(ANDRADE, 2012). A personagem foi nomeada<sup>39</sup> pela ONU (Organização das Nações Unidas) como Embaixadora Honorária pelo Empoderamento das Mulheres e Meninas em outubro de 2016.

Em julho de 2017, foi lançado o filme Mulher-Maravilha. Nos sites de redes sociais, como o Facebook, antes mesmo do lançamento, observei a grande expectativa pela obra. Há mais de 10 páginas de fãs dedicadas à personagem e pelo menos 4 dedicadas ao lançamento do filme. No Facebook, antes do lançamento do filme, identifiquei discursos de empoderamento feminino acerca da personagem. Por exemplo, na oportunidade do lançamento do trailer do filme identifiquei pelo menos duas páginas de fãs voltadas à discussão do empoderamento feminino apresentando a divulgação do trailer como forma de discutir a problemática feminista através da obra cinematográfica. Para analisar melhor, realizei um estudo piloto (vide Apêndices) e pude detectar que a discussão sobre as questões feministas permeou o contexto do filme Mulher-Maravilha. Especialmente, por se tratar de uma super-heroína feminina.

Após o lançamento do filme, veículos de comunicação, como as revistas Veja, Marie Claire e Carta Capital também discutiram a questão do empoderamento feminino através da figura da personagem e do enredo da obra. Sites especializados em cinema e páginas de fãs no Facebook também destacaram o tema.

No dia 03 de junho de 2017, dois dias após o lançamento do filme, a Veja veiculou uma matéria sobre o filme com o título “Mulher-Maravilha: feminista desde o princípio”<sup>40</sup> em que foi apresentado uma análise histórica da personagem sob viés feminista (Figura 7). Na revista Marie Claire, a matéria<sup>41</sup> intitulou-se: “Mulher-Maravilha: protagonismo feminino ou reforço da imagem hipersexualizada”, veiculada dia 31 de maio de 2017 e questionou se a luta pelo protagonismo feminino em Hollywood não seria mais um reforço da imagem hipersexualizada da mulher. Na Carta Capital, em 09 de junho de 2017, o colunista Pablo Villaça comentou<sup>42</sup>:

---

<sup>39</sup> Disponível em <http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=55367#.Wf59KFtSzIU> Acesso em 05 ago. 2017

<sup>40</sup> Disponível em <http://veja.abril.com.br/especiais/mulher-maravilha-feminista-desde-o-principio/> Acesso em 05 ago. 2017

<sup>41</sup> Disponível em <http://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2017/05/mulher-maravilha-protagonismo-feminino-ou-reforco-da-imagem-hipersexualizada.html> Acesso 05 ago. 2017

<sup>42</sup> Disponível em <http://cinemaemcena.cartacapital.com.br/critica/filme/8375/mulher-maravilha> Acesso em 06 ago. 2017

Assim, não vou fingir ser capaz de perceber todas as maneiras como Mulher-Maravilha reflete e repercute a percepção do papel da mulher na sociedade, no Cinema ou no próprio gênero “ação”, embora seja impossível não abordar o empoderamento feminino (esta expressão tão temida por alguns) quando constatamos como foram necessárias mais de seis décadas desde sua criação para que a super-heroína finalmente ganhasse seu próprio veículo nas telas grandes – e, portanto, quando logo no início da projeção vemos a pequena Diana (Aspell) observando o treinamento das amazonas e imitando seus gestos, o que o filme está comentando é seu próprio papel como um espelho no qual as jovens espectadoras podem finalmente encontrar um reflexo de sua força.



Figura 7: capa da matéria veiculada na revista Veja

Nos sites especializados em cinema Omelete<sup>43</sup> e Observatório de Cinema<sup>44</sup> (da UOL), também apresentaram críticas ao filme e questionaram o empoderamento feminino apresentado (ou não) no filme.

No Facebook, a página de fãs Quebrando o Tabu<sup>45</sup> realizou uma postagem dia 09 de junho de 2017 (Figura 8) referindo ao fato de que uma personagem mulher figurando uma heroína deve estimular outras mulheres. Os comentários desta publicação giraram em torno do empoderamento feminino (Figura 9). Esta postagem foi compartilhada novamente no dia 13 de junho de 2017 e os comentários também giraram em torno das questões feministas (Figura 10).

---

<sup>43</sup> Disponível em: <https://omelete.uol.com.br/filmes/artigo/mulher-maravilha-feminismo-e-o-direito-de-escolher-diz-figurinista/> Acesso em: 06 ago. 2017

<sup>44</sup> Disponível em <https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/noticias/2017/05/mulher-maravilha-nao-e-so-sobre-empoderamento-feminino-e-sobre-justica-e-amor-diz-robin-wright> Acesso em: 06 ago. 2017

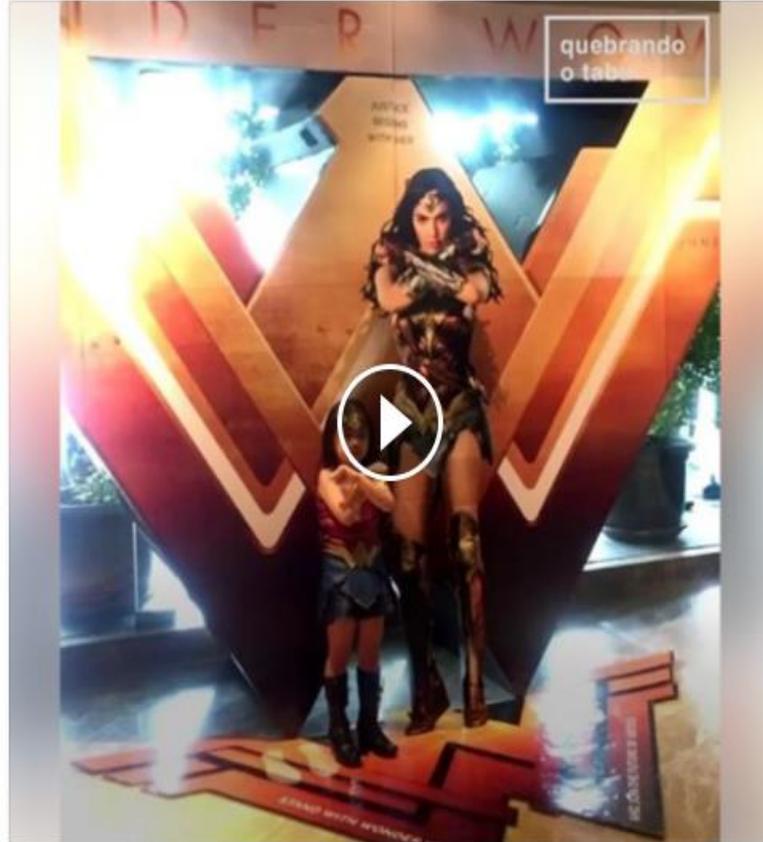
<sup>45</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/quebrandootabu/> Acesso em: 06 ago. 2017



**Quebrando o Tabu**

9 de junho às 12:00 · 🌐

Um filme da Mulher Maravilha pode inspirar um monte de mulheres maravilhas?  
Parece que sim ;)



472 mil visualizações

👍 Curtir

💬 Comentar

➦ Compartilhar



👍❤️🌈 26 mil

Comentários mais relevantes ▾

5.646 compartilhamentos

**Figura 8: Postagem de Facebook da página Quebrando Tabu sobre o filme Mulher-Maravilha**

 **Ana Moraes** Engraçado, pensei exatamente isso ao assistir o filme. Na real me emocionei muito em ver um filme com tantas mulheres lindas, fortes. o cinema estava lotado e em sua maioria eram mulheres, não era um filme sexy pra homens desejarem, eram sim com dezenas de m... Ver mais  
Curtir · Responder ·    591 · 9 de junho às 12:05

↳ 34 Respostas

 **Thaís André** E pode até parecer bobagem, mas eu saí do cinema com uma sensação de empoderamento sabe!?  
Uma sensação boa, de que agora não são só mais os homens os heróis, e tem uma parte do filme que ela indica que homens não são uma necessidade.  
Eu amei o filme e a Gal representou perfeitamente a Mulher Maravilha.  
Curtir · Responder ·    462 · 9 de junho às 12:04

↳ 41 Respostas

 **Luiz Guilherme Prado** Lembrando que a atriz gravou algumas cenas de ação grávida de 5 meses.  
Só pra provar que superpoderes femininos não estão só nas telonas.  
Obs: é um filmaço  
Curtir · Responder ·    467 · 9 de junho às 12:03

↳ 5 Respostas

 **Brenda Matos** Olhe, eu assisti, passei mal e minha única vontade ao sair do cinema foi a de colocar uma armadura e sair combatendo o mal por aí.    
  
Curtir · Responder ·    188 · 9 de junho às 12:06

↳ 7 Respostas

 **Eloisa Alves** Só um comentário " fora do contexto " : comprei uma bicicleta da Liga da Justiça pro meu sobrinho, e não vem a Mulher Maravilha, ou outra heroína da liga desenhada, porque é uma bicicleta para meninos.  
Representividade importa sim, mores  
Curtir · Responder ·   71 · 9 de junho às 12:50

↳ 9 Respostas

 **Bruno Abreu** Imaginem se a mulher maravilha fosse feita pelas feministas.  
No lugar da maravilhosa Gal Gadot colocariam uma gorda escrota com o sovaco cabeludo e o cabelo pintado com papel crepom.  
Esse filme está fazendo uma boa bilheteria, mas os esquerdistas estão putos porque colocaram uma atriz israelense.  
Os libaneses até proibiram o filme. Só que as feministas ficaram caladinhas...  
Isso só prova que feministas não entendem porra nenhuma de mulher. Quem essas pragas iriam querer para o papel da mulher maravilha? Melissa Macarty?  
Curtir · Responder ·    155 · 9 de junho às 12:22 · Editado

**Figura 9: Comentários na publicação da página de Facebook Quebrando Tabu sobre o filme Mulher-Maravilha**

 **Luciana Azalini Máximo** E antes que alguém diga o contrário, a Mulher Maravilha é feminista, a atriz é feminista e as diretoras são feministas. Ok? Ok!  
Curtir · Responder · 🇺🇵🇷🇬 381 · 13 de junho às 09:03  
↳ 49 Respostas

 **Francisco Junior** Tá vendo! Não precisa deixar os pelos do subacu crescer, nem enfiar Cruz no rabo ou pedir a extinção dos homens, basta ser mulher! Que por sinal essa daí é linda! Lembrando que alguns países paz e amor do islã proibiram a exibição deste filme, talvez por ela ser judia, quem sabe?  
Curtir · Responder · 🇺🇵🇷🇬 138 · 13 de junho às 09:10  
↳ 157 Respostas

 **Eliene Lima** Assisti e achei animal.. Ela falando p secretaria q se apresentou como faz tudo do cara que isso no mundo dela chama escravidão. Foi impagavel.. Q homem serve p procriar mas q São desnecessários na vida kkkk  
Achei muito fodaaaaa  
Curtir · Responder · 🇺🇵🇷🇬 66 · 13 de junho às 09:05  
↳ 24 Respostas

 **Danilo Xavier** Provando mais uma vez que representatividade é muito mais importante do que as pessoas pensam  
❤️👑  
Curtir · Responder · 🇺🇵🇷🇬 51 · 13 de junho às 09:03

 **Jacqueline De Mattos** Kkkkkk! Para quem já via a Mulher Maravilha na década d 80 , aquela série maravilhosa q passava na tv ..... Não s surpreendeu com nada ,nesse filme ! Qnd bobagem ! Na minha época , tinha Feiticeira , Jeannine é o Gênio .... Minha geração já via a mulher sendo dona do espaço dela ,decidida , com atitude e não havia esse papo chato d feminista ,empoderada ....Essa geração acha q TD esse movimento começou hj ....SQN !  
Curtir · Responder · 🇺🇵🇷🇬 21 · 13 de junho às 09:52  
↳ 12 Respostas

 **Isabella Maggesi de Moura** Gente eu tenho 40 anos, qdo eu tinha 4 anos era normal nos fantasiarmos no carnaval de mulher maravilha, nos ultimas anos vejo muitas mulheres tb colocando roupas de mulher maravilha. Não acho que a personagem seja feminista. Ela é uma Amazona, guerreira. Eu na verdade acho a Shena mais foda do que ela. Não acho que ela seja feminista. Não há no contexto da historia algo que reflita esse pensamento. Pois creio que pelo modo o qual ela foi criada, essa diferenciação não exista.  
Curtir · Responder · 🇺🇵 10 · 13 de junho às 09:24  
↳ 10 Respostas

 **Conrado Ferranti** É como diz uma das mulheres maravilhas da minha vida, Patrícia Bichara, que assim como minha mãe, Lena Ferranti, e minha esposa, Christina Almeida, trabalha, é livre, independente e tem "super poderes" (e são ótimos exemplos tanto para minha filha, quanto para meu filho): Vai, planeta! 😊  
Curtir · Responder · 🇺🇵🇷🇬 10 · 13 de junho às 13:34

 **Alan Cordeiro** É muito sintomático ver pessoas que vivem criticando a objetificação da mulher, mas está aqui falando "adorou" quando foi dito no filme que homens servem apenas para procriação e são dispensáveis e que isso foi uma mensagem de empoderamento  
O mais engraçado disso tudo é que no final o "empoderamento" veio mesmo através do amor dela pelo homem "dispensável" ou essa parte vocês já tinham saído da sala de cinema? 😊  
Curtir · Responder · 🇺🇵 5 · 13 de junho às 14:30  
↳ 13 Respostas

**Figura 10: Comentários na publicação da página de Facebook Quebrando Tabu sobre o filme Mulher-Maravilha**

A página de fãs “Quebrando o Tabu” é dedicada à discussão de temas considerados polêmicos. Compartilha informações e problematiza questões políticas,

de gênero, sobre racismo, sexualidade etc. Atualmente, conta com mais de 7 milhões e meio de seguidores que são impactados por suas publicações diariamente. Na sua descrição, apresenta o seguinte texto: “Por um mundo mais bem informado e menos careta”. Esta publicação, da página Quebrando Tabu, não faz parte do corpus deste estudo, mas entendo ser relevante para discussão do tema, uma vez que foi veiculada no mesmo período de tempo em que o corpus foi coletado e discute o mesmo tema deste trabalho, o empoderamento feminino através do filme Mulher-Maravilha.

O post é um vídeo, aparentemente desenvolvido pela própria página. Trata-se de uma coletânea de informações sobre o filme e sua repercussão no que tange às questões feministas. Apresenta o seguinte texto de legenda (acompanhado de imagens e cenas do filme): “*O primeiro filme de uma heroína nesta era de heróis, acaba de nascer ‘Mulher-Maravilha’ (cenas do filme). Protagonizado e dirigido por mulheres (capa de revista com a atriz e diretora do filme), tem provocado algumas reações de amolecer o coração (cenas de meninas imitando a personagem em frente aos cartazes no cinema). ‘Te digo que houve esse momento onde estava com a Gal de um lado e do outro Anne Wolfe, 8 vezes campeã mundial de boxe. Ela está ensinando meu filho pequeno a lutar e eu estou pensando: ‘Meu filho vai crescer pensando que mulheres fortes e incríveis são a melhor coisa que existe.’ (uma mulher falando). Além disso, a Legion of Women Writers, uma rede de mulheres roteiristas e escritoras que trabalham com entretenimento iniciaram uma arrecadação para levar jovens meninas de colégios de NY que não tem condições financeiras para ver ‘Mulher-Maravilha’ (cenas de meninas com cartazes, meninas em colégios e sites da internet). Porque se elas podem ver, elas podem ser (cenas de uma animação em que aparecem crianças caminhando e projetando uma sombra de super heroínas, finalizando com essas meninas da animação em um cinema, vibrando de alegria).’*”

Quando o vídeo termina, apresenta a imagem de uma menina fantasiada com o mesmo figurino da Mulher-Maravilha, em frente ao cartaz do filme, imitado a posição da personagem. No cartaz, vê-se uma imagem da Mulher-Maravilha em tamanho real. De fundo, o logotipo do filme em dourado.

Os comentários desta publicação giram em torno do empoderamento feminino, em ambas as postagens (retomo aqui o fato de que o post foi veiculado duas vezes). Fica nítido a disputa de poder entre os comentaristas, tanto homens quanto mulheres; uns a favor, outros contra o feminismo. Também fica claro a visão distorcida acerca da luta feminista. Houve quem se identificasse com a personagem dizendo sentir-se

empoderada, quem falasse da importância da representatividade, quem falasse da beleza da atriz como referência ao empoderamento, quem falasse que se ela fosse feminista seria fora dos padrões estéticos vigentes, quem expôs a contradição do filme sobre o fato da personagem se apaixonar por um homem, mostrando-se frágil, e quem disse que a personagem aponta o fato dos homens serem desnecessários. Parece-me curioso a crença dos comentaristas de que mulheres feministas querem parecer-se com homens e que os repudiam ao mesmo tempo. É bastante interessante a reflexão sobre esta relação de empoderamento feminino com as questões de beleza física identificadas nos comentários. Aprofundarei o tema nas Considerações Finais, onde não poderei deixar estes fragmentos textuais de fora. A seguir, discorro sobre o método utilizado neste trabalho e apresento minhas análises.

#### **4 METODOLOGIA**

Estudar como o discurso acontece entre sujeitos no ambiente digital e a maneira como o meio pelo qual a conversação ocorre é relevante para a compreensão dos novos modos de interação social estabelecidos a partir do uso massivo da comunicação mediada por computador especialmente estabelecidos através dos sites de redes sociais. Para Soares (2013), cada ambiente influencia o discurso de diferentes formas e interfere na linguagem e no curso das interações, trazendo variados efeitos em uma sociedade.

Herring (2001) entende que os comportamentos são construídos pelo discurso, e a comunicação textual é parte importante deste processo. Segundo Herring (2001), o discurso mediado por computador é a comunicação produzida quando os seres humanos interagem uns com os outros através da transmissão de mensagens via computadores ligados em rede.

A autora afirma que o estudo do discurso mediado por computador é uma especialização dentro do estudo interdisciplinar mais amplo de comunicação mediada por computador e distingue-se pelo seu foco na linguagem e uso da linguagem em ambientes de rede de computadores, e pelo uso de métodos de análise de discurso específicos. Neste sentido, Herring (2001) afirma que o discurso mediado pelo computador é uma comunicação que é produzida quando os sujeitos interagem uns com os outros através de uma rede de computadores.

Para analisar como se dá o comportamento online, Herring (2001) propõe que os estudos dos discursos online sejam feitos por uma abordagem chamada *Computer-Mediated Analysis Discourse* (CMDA). Tendo em vista a natureza do objeto de análise deste estudo, então, a ferramenta metodológica proposta por Herring será levada a efeito nesta pesquisa.

A CMDA, segundo Soares (2013), surgiu no estudo da linguagem falada e escrita, como a sociolinguística, análise crítica do discurso, pragmática, conversação, entre outros, no qual o objetivo era discutir como o significado e o uso da linguagem varia conforme o contexto. A ideia da autora, é levar a perspectiva linguística para o ambiente online. Para Herring, os comportamentos são construídos pelo discurso e a comunicação textual é parte fundamental neste processo. Herring diz que as pessoas deixam rastros textuais que tornam a interação entre as pessoas mais acessível do que a comunicação falada. A CDMA trata, então, de aplicar métodos de linguagem voltados à linguística, comunicação mediada e retórica, além de poderem ser complementados por pesquisas quantitativas, qualitativas,

entrevistas, etnografia, entre outras (SOARES, 2013). Resumindo, Herring analisa o comportamento online através da linguagem.

Os pressupostos teóricos subjacentes à CMDA, propostos por Herring (2004), são aqueles da análise linguística do discurso, em sentido lato. Em primeiro lugar, supõe-se que o discurso exhibe padrões recorrentes. Um objetivo básico da análise do discurso é o de identificar padrões presentes, mas que podem não ser óbvios para o observador casual ou para os próprios participantes do discurso. Em segundo lugar, supõe-se que o discurso envolve escolhas. Estas escolhas não são condicionadas por considerações puramente linguísticas, mas refletem fatores cognitivos e sociais. Desta forma, segundo Herring, a análise do discurso pode fornecer informações sobre fenômenos não-linguísticos, assim como linguísticos.

Além destas duas suposições sobre o discurso, a CMDA adiciona uma terceira suposição no que se refere à comunicação on-line: o discurso mediado por computador pode ser, mas não é, inevitavelmente, moldado pelas características tecnológicas dos sistemas da comunicação mediada por computador.

De acordo com Herring (2004), a metodologia de análise da CMDA entende que os fenômenos linguísticos podem ser divididos em micro e macro-fenômenos. Os micro-fenômenos referem-se à formação de palavras online, estruturas frasais ou escolhas lexicais. Já os macro-fenômenos envolvem a coerência, a identidade, a equidade de gênero, entre outros. Herring diz que os níveis de linguagem são divididos em quatro domínios, a saber: estrutura; sentido (significado); interação; e comportamento social, apresentados na Tabela 2.

A estrutura são as formações de palavras, expressões e estruturas de frases. O sentido corresponde aos atos de fala, locuções e o sentido de palavras. Já a interação diz respeito às trocas conversacionais, turnos, sequenciamentos e reciprocidade. Por fim, o comportamento social refere-se ao gerenciamento de face, discurso, negociações de conflitos, além da frequência e duração de mensagens enviadas e recebidas. A interpretação destes níveis depende da análise do pesquisador, a partir das questões propostas e dos dados coletados (HERING, 2004). Mais especificamente Hering (2004) propõe que a interpretação dos resultados da CMDA deve levar em consideração as variáveis situacionais, que ocorrem em três níveis: proximidade com os dados, proximidade com a questão de pesquisa e, opcionalmente, além da questão de pesquisa. A proximidade com os dados envolve resumir e sintetizar os resultados obtidos aplicando os métodos analíticos, buscando

identificar padrões, segundo a autora. Já a proximidade com a questão da pesquisa exige que o pesquisador revise as questões de pesquisa levantadas no início do estudo e indique, explicitamente, como os resultados respondem às questões. Para Hering, a interpretação é um ato intelectual e criativo e pode haver mais de uma interpretação possível para qualquer resultado analítico. Além disso, a pesquisadora afirma deve-se ter em mente que a evidência textual é limitada, pois o texto só pode dizer o que as pessoas quiseram dizer ao redigir o texto (e não o que elas realmente pensam ou sentem). Ainda assim, o pesquisador deve tentar construir o mais forte possível caso, com base em evidências, na direção das interpretações que acredita serem verdade (HERING, 2004).

**Tabela 2: Quatro domínios de linguagem**

<b>Nível</b>	<b>Questões</b>	<b>Fenômeno</b>	<b>Métodos</b>
<b>Estrutura</b>	Oralidade, formalidade, eficiência, expressividade, características de gênero	Tipografia, ortografia, morfologia, sintaxe, esquema do discurso, convenções de formatação	Linguística estrutural e descritiva, Análise textual, Corpus linguístico, estilística
<b>Sentido</b>	Qual a intenção, O que é comunicado, O que é realizado	Sentido das palavras, atos de fala, locuções, trocas	Semântica, Pragmática
<b>Interação</b>	Interatividade, tempo, coerência, reparação, interação como construção	Turnos, sequenciamentos, trocas	Análise da Conversação, Etnometodologia
<b>Comportamento Social</b>	Dinâmica social, poder, influência, identidade, comunidade, diferenças culturais	Expressões linguísticas de status, negociação de conflito, gerenciamento da face, jogos, discurso	Sociolinguística Interacional, Análise Crítica do Discurso, Etnografia da Comunicação

Fonte: Herring (2004) p. 18, traduzida por mim.

No que se refere à seleção dos dados, Hering (2004) propõe que pode se dar por cinco aspectos: de forma randômica, por tema, por recortes de tempo, pela presença dos fenômenos a serem investigados, por indivíduos ou grupos e por

conveniência. Para este estudo, selecionei por recortes de tempo e coletei os textos na página de fãs do Facebook oficial do filme Mulher-Maravilha, chamada “Mulher-Maravilha<sup>46</sup>”.

Quatro publicações (e comentários) em quatro recortes de tempo foram analisados, a saber: 1) um post na 2ª semana que antecede o lançamento do filme (de 14 a 20 de maio de 2017); 2) um post na 1ª semana que antecede o lançamento do filme (de 21 a 27 de maio de 2017); 3) um post na semana do lançamento do filme (de 28 de maio a 03 de junho de 2017); e 4) um post na 1ª semana que sucede ao lançamento do filme (de 04 a 10 de junho de 2017), doravante chamados posts 1, 2, 3 e 4 respectivamente. Os posts analisados foram os mais curtidos em cada uma das semanas citadas.

Além disso, comentários dessas publicações também foram analisados, sendo estes os sete comentários que mais receberam interações nestas postagens (conforme algoritmo do Facebook). A identificação do post mais curtido da semana e dos comentários deu-se na segunda-feira seguinte ao término da semana a que se refere o recorte do corpus.

## **5 ANÁLISES**

---

<sup>46</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/MulherMaravilhaFilme/>>

A página de fãs “Mulher-Maravilha<sup>47</sup>” é a página oficial (conforme selo de identificação fornecido pelo Facebook) do filme Mulher-Maravilha no Brasil e foi criada em 21 de novembro de 2015. Exatamente no mesmo período em que começa a produção do longa pela Warner Bros. Pictures.



Figura 11: Print<sup>48</sup> do topo da página de fãs no Facebook do filme Mulher-Maravilha.

Entendo que a página de fãs tem como objetivo principal divulgar a obra, além de se posicionar como canal oficial de comunicação, reunir os fãs e aumentar o impacto da divulgação. A página informa dados de contato no aplicativo de chat do Facebook, o Messenger, e também informa o site oficial brasileiro do filme como referência. Em adição, a página informa os dados principais da ficha-técnica do filme, como atores, direção, roteiro, direção e produção. Em sua descrição, há o seguinte texto: “Página oficial do filme MULHER-MARAVILHA, estrelado por Gal Gadot. Estreia em 2017 nos cinemas.”.

Em agosto de 2017, a página contava com 2 (dois) milhões de seguidores. Das publicações da página<sup>49</sup>, 82 foram do tipo vídeo e 181 do tipo foto. Em 2017, a página veiculou publicações em diferentes frequências. Em meados de abril e maio, realizou uma média de uma a duas postagens por dia. Em junho, no mês de lançamento do filme, as publicações aumentaram para uma média de três por dia. Já a partir da segunda semana de julho, após o lançamento do filme, as postagens se espaçaram

<sup>47</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/MulherMaravilhaFilme/> Acesso em: 05 ago. 2017

<sup>48</sup> Print é uma sigla que representa a tecla Print Screen do computador e que permite copiar a imagem exibida no formato de uma imagem.

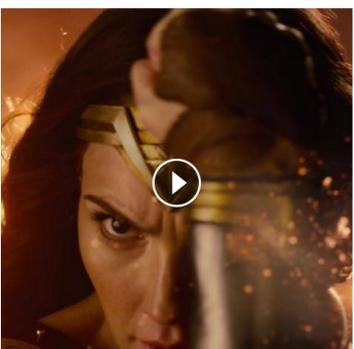
<sup>49</sup> Dado coletado em 06 de agosto de 2017.

mais, passando a acontecer uma vez ao dia, sendo que na última semana, houve um espaçamento maior entre uma publicação e outra (no dia 06 de agosto, a última publicação veiculada datava o dia 26 de julho de 2017).

Os laços sociais (RECUERO, 2009) estabelecidos entre a página de fãs e seus seguidores são laços fracos, porque a interação é assíncrona, sem criação de vínculos para manutenção das trocas conversacionais. O capital social é alto, tendo em vista o elevado número de seguidores, os quais podem ter até cinco mil outros amigos e que terão acesso às suas postagens se, por exemplo, houver um compartilhamento de alguma publicação da página. O status é elevado, há popularidade e visibilidade. A página agrega fãs da personagem Mulher-Maravilha, bem como fãs da Marvel e de super-heróis de um modo geral. Além de pessoas interessadas no filme, especificamente.

Neste estudo, então, analisei quatro publicações da página, sendo duas que antecedem o lançamento do filme, uma na semana do lançamento e a última na primeira semana que sucede o lançamento da obra, conforme Quadro 1.

**Quadro 1: Prints das postagens analisadas, suas respectivas legendas e número de curtidas de cada uma das publicações.**

Data	Imagem	Legenda	Curtidas
14 de maio	 A imagem mostra a personagem Mulher Maravilha em sua armadura dourada, segurando o cetro e emitindo uma luz brilhante. O texto 'MULHER MARAVILHA' e 'TRAILER FINAL OFICIAL' está visível na base da imagem.	Testemunhe a origem de uma Guerreira. Assista AGORA ao novo trailer de #MulherMaravilha! Estreia 1° de junho nos cinemas. Garanta seu ingresso antecipado a partir de 18 de maio.	23 mil
27 de maio	 A imagem mostra um close-up da personagem Mulher Maravilha com o cetro em sua mão. O texto '5 DIAS' está escrito em letras grandes e douradas no centro da imagem.	Dia 1° de junho, ninguém vai ficar no caminho de #MulherMaravilha Ingressos antecipados aqui: <a href="http://bit.ly/MMingressos">http://bit.ly/MMingressos</a>	61 mil
01° de junho	 A imagem mostra a personagem Mulher Maravilha em sua armadura, segurando o cetro. O texto 'EM EXIBIÇÃO NOS CINEMAS' está escrito em letras grandes e douradas no centro da imagem.	O mundo precisa dela. #MulherMaravilha chega HOJE aos cinemas. Compre seu ingresso agora: <a href="http://bit.ly/MMingressos">http://bit.ly/MMingressos</a>	71 mil
10 de junho	 A imagem mostra um close-up da personagem Mulher Maravilha com o cetro em sua mão. O texto '#MulherMaravilha é "entretenimento de primeira"' está escrito no topo da imagem.	#MulherMaravilha é "entretenimento de primeira"! Assista HOJE ao filme nos cinemas. Ingressos: <a href="http://bit.ly/MMingressos">http://bit.ly/MMingressos</a>	9,6 mil

Apresento, a seguir, as postagens e os comentários selecionados para fins de análise deste estudo.

Quadro 2: Print da 1ª publicação analisada e os respectivos comentários selecionados para análise.

Post 1 - dia 14 de maio de 2017

A publicação

**Mulher-Maravilha**  
14 de maio às 16:00 · 🌐

Testemunhe a origem de uma Guerreira. Assista AGORA ao novo trailer de #MulherMaravilha! 🌟 ✕

Estreia 1º de junho nos cinemas. Garanta seu ingresso antecipado a partir de 18 de maio.

MULHER-MARAVILHA  
TRAILER FINAL OFICIAL

509 mil visualizações

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

👍❤️😂 23 mil    Comentários mais relevantes ▾

11.318 compartilhamentos

## Os comentários selecionados

👍❤️👤 23 mil Comentários mais relevantes ▾

11.318 compartilhamentos

 Escreva um comentário... 😊 😬

 **Tati Pacheco** Quase tive um treco... Fico imaginando quando for assistir! Esperei tanto por esse filme, enfim está pronto p ficar na história do cinema!!!!  
😂😂😂😂  
Curtir · Responder · 🗨️👤 91 · 14 de maio às 16:42 · Editado  
↳ 9 Respostas

 **Ronaldo Marques** Cara, esse filme vai ser ÉPICO. Não sei pra qual estou mais ansioso, se pra Mulher Maravilha ou Liga da Justiça 🤔🤔🤔🤔🤔🤔  
👉👉👉👉👉  
Curtir · Responder · 🗨️👤 62 · 14 de maio às 17:15  
↳ 5 Respostas

 **Ludmilla Jesp** Diogo Guedes, olha que massa! 🤔🤔. Ai sim eu concordo e aplaudo, investirem em heroínas que já existem, ou mesmo criarem outras. E não trocaram nossos "heróis" por mulheres.  
Curtir · Responder · 🗨️👤 11 · 14 de maio às 21:21  
↳ 2 Respostas · 3 h

 **Sarah Souza** Jesus, tava tentando manter as expectativas para esse filme baixas, mas depois desse trailer com Warriors ficou impossível 🤔🤔  
Só vem junho...  
Curtir · Responder · 🗨️👤 9 · 14 de maio às 20:04

 **Fábio Alves** O último trailer antes da estreia!!!!!!  
Alguém viu onde foi parar o meu queixo??? Quando eu parar de tremer vou procurar. Uma VIDA INTEIRA de espera por esse filme. Meu coração vai ter que aguentar!  
Detalhe: Hipólita diz "Be careful of mankind, Diana" ("Tenha cuidado com a humanidade, Diana"), e põem na legenda "Tenha cuidado com os seres humanos, Diana". Well... as amazonas também são seres humanos, viu?  
Curtir · Responder · 🗨️👤 3 · 15 de maio às 14:15 · Editado  
↳ 10 Respostas

 **Deborah Linhares** Não superei a escolha dessa atriz. Mulher maravilha sem aquele olho azul é difícil de encarar. Mas vou tentar curtir o filme de qualquer jeito 😬  
Curtir · Responder · 🗨️👤 5 · 15 de maio às 21:32  
↳ 7 Respostas · 11 h

 **Claudia Bompani** As amazonas não se consideram parte da humanidade. Na mitologia grega, são guerreiras que se afastaram dos humanos e dos homens para fugir da maldade da raça. E Diana é filha de Zeus, ou seja, uma deusa mesmo.  
Curtir · Responder · 🗨️👤 1 · 18 de maio às 10:42

Quadro 3: Print da 2ª publicação analisada e os respectivos comentários selecionados para análise.

Post 2 - dia 27 de maio de 2017

A publicação

Mulher-Maravilha com Guillen David e outras 9 pessoas.  
27 de maio às 09:00 · 🌐

Dia 1º de junho, ninguém vai ficar no caminho da #MulherMaravilha  
Ingressos antecipados aqui: <http://bit.ly/MMingressos>

#MulherMaravilha 1º DE JUNHO NOS CINEMAS

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

👍❤️😱 Leandro Penco e outras 61 mil pessoas    Comentários mais relevantes ▾

3.282 compartilhamentos

## Os comentários selecionados

   Leandro Penco e outras 81 mil pessoas

Comentários mais relevantes ▾

3.282 compartilhamentos



Escreva um comentário...



**Mônica Weber** Minha sessão é quarta feira as 21:00. As 20:00 eu já tenho q ta lá.

Já avisei o boy, pode sair mais cedo do trabalho, pq as 19:30 eu to saindo com vc ou sem vc. Ai gesuis. Perco o boy mas não perco o filme

Curtir · Responder ·   45 · 27 de maio às 10:34

↳ 4 Respostas



**Ana Karoline Lessa** Só acho que deveríamos assistir, mesmo mortas, fenecidas, sonolentas e pobres, ao retornarmos da viagem... Kkkk (se chegamos ainda a tempo...)

Karol, Manu, Hellen, Marina

Curtir · Responder ·  2 · 27 de maio às 21:34

↳ 4 Respostas



**Beatriz Vallentina** Victor Medeiros Hugo Silva Ascenção já se decidiram se vcs vão cmg? Se não deixem o dinheiro da pipoca e o ingresso... Obg ❤️

Curtir · Responder ·  4 · 27 de maio às 10:39

↳ 1 resposta



**Dayane Braz Anderson Sayhr** Já achei um filme pra gente assistir... demorou mas vai estréia! Ansiosas eu e a Isabelle. Estávamos contando os dias 😊😊

Curtir · Responder ·  1 · 27 de maio às 15:07 · Editado

↳ 1 resposta



**Danielly Fernandes** Bora Eridam Santos nessa

A nos mulheres que somos uma maravilha 🥰🥰🥰🥰

Curtir · Responder ·  2 · 27 de maio às 14:17

↳ 1 resposta



**Cassia Manso Ferrou, Cristiane Machado!** Temos que correr pro cinema para assistir Tom Tom e Sparow!

Curtir · Responder ·  1 · 27 de maio às 10:42

↳ 2 Respostas



**Janilde Guedes** Bruna Luiza, se eu não estivesse de castigo, iria assistir com você.

Curtir · Responder ·  1 · 27 de maio às 14:22

Quadro 4: Print da 3ª publicação analisada e os respectivos comentários selecionados para análise.

Post 3 - dia 01º de junho de 2017

A publicação

 **Mulher-Maravilha** 😊 sentindo-se Maravilhosa com Cris Tavares Alkamin e outras 22 pessoas.  
1 de junho às 10:01 · 🌐

O mundo precisa dela.  
#MulherMaravilha chega HOJE aos cinemas.  
Compre seu ingresso agora: <http://bit.ly/MMingressos>



👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

👤 Leandro Penco e outras 71 mil pessoas    Comentários mais relevantes

7.109 compartilhamentos

## Os comentários selecionados

   Leandro Penco e outras 71 mil pessoas Comentários mais relevantes

7.109 compartilhamentos

 Escreva um comentário...  

 **Julio Diniz** Sai da sessão neste instante e .... olha.... estou sem palavras. A Gal lacrando como Mulher maravilha. Inocente, ousada, curiosa, persistente, tem suas dúvidas e medos, mas não foge a luta. E ao perceber seu erro, corrige-o, lutando pela humanidade.  
Curtir · Responder ·    144 · 1 de junho às 16:36 · Editado  
↳ 15 Respostas

 **Diego Ferreira Borges** Maior heroína da historia finalmente esta no cinema e é um filmaço 🍷  
Curtir · Responder ·    142 · 1 de junho às 10:05  
↳ 18 Respostas · 11 h

 **Juliana Carboni Cacimiro** MA RA VI LHO SO. Melhor heroína 🍷🍷🍷  
simplesmente arrasou . Não percam.  
Curtir · Responder ·    75 · 1 de junho às 10:18  
↳ 7 Respostas

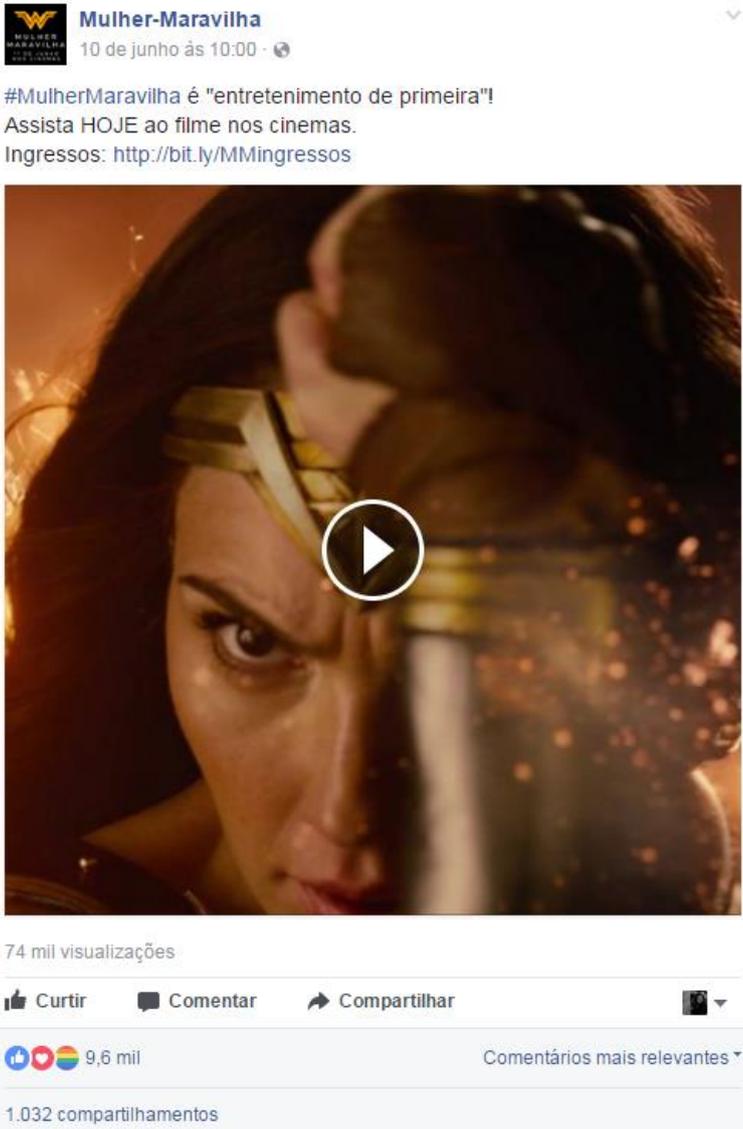
 **Fabiana Fernandes** MUITO BOM! Vão assistir, ontem foi demais, sonhei a noite toda e já quero ir de novo e de novo e de novo  
Curtir · Responder ·    54 · 1 de junho às 10:22  
↳ 6 Respostas

 **Maycon Meister** Filme Maravilhoso, que mostra o Poder feminino e não só o que os Homens sabem fazer , e sim O que a Mulher em si nos dias de Hoje Conquista!  
Por mais Mulheres Maravilhas no Mundo !!  
Curtir · Responder ·    27 · 1 de junho às 20:35  
↳ 4 Respostas

 **Gustavo Ananab** Vamos sabotar e não assistir esse filme! Tiraram o dublador oficial da Mulher Maravilha: Marco Antonio Costa. Sem Marcos Antônio como dublador, sem dinheiro do ingresso!  
Curtir · Responder ·    12 · 1 de junho às 16:21  
↳ 20 Respostas

 **Nayara Nunes Cordeiro** Melhor filme de todos os tempos! Sem comparação, superou minhas gigantescas expectativas, fio fenomenal e valeu cada centavo e toda minha atenção, estou simplesmente apaixonada pelo filme !! 🍷🍷🍷  
Curtir · Responder ·    10 · Ontem às 00:02

Quadro 5: Print da 4ª publicação analisada e os respectivos comentários selecionados para análise.

Post 4 - dia 10 de junho de 2017	
A publicação	 <p><b>Mulher-Maravilha</b> 10 de junho às 10:00 · 🌐</p> <p>#MulherMaravilha é "entretenimento de primeira!" Assista HOJE ao filme nos cinemas. Ingressos: <a href="http://bit.ly/MMingressos">http://bit.ly/MMingressos</a></p> <p>74 mil visualizações</p> <p>👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar</p> <p>👍❤️🌈 9,6 mil    Comentários mais relevantes ▾</p> <p>1.032 compartilhamentos</p>

## Os comentários selecionados

 **Drica Lazzarini** Finalmente assisti .... e assim que terminou o filme, queria dar meia volta e assistir novamente a próxima sessão ❤️ Gal Gadot perfeita ❤️  
Curtir · Responder · 🗨️👍👎 47 · 10 de junho às 10:43

↳ 1 resposta

 **Leonardo Barreto** Gostei do filme! Mulher-Maravilha é bom porque, dentre outras coisas, possui identidade própria e uma atriz extremamente carismática, além da boa história que é contada! Deixo uma opinião mais ampla: <http://quartaparedepop.com.br/.../critica-mulher.../>

 **Crítica | Mulher-Maravilha | Quarta Parede**  
Mulher-Maravilha é, finalmente, o grande acerto da...  
QUARTAPAREDEPOP.COM.BR | POR QUARTA PAREDE

Curtir · Responder · 🗨️👍👎 16 · 10 de junho às 13:17

 **Jefferson Ventura** A diferença que notei de 2D para o 3D, foi o gasto de 10 reais a mais pra ter que usar um óculos por cima do outro (miope) only. De resto O FILME É MARAVILHOSO!  
Curtir · Responder · 🗨️👍👎 7 · 11 de junho às 03:52

↳ 1 resposta

 **Camila Nunes** As expectativas pro filme eram altas e fiquei com medo de estar esperando demais e não ser tudo aquilo, porém não. O filme é mesmo maravilhoso. O melhor filme de heróis que já vi. Gal Gadot ficou perfeita no papel. Assistiria várias vezes! ❤️  
Curtir · Responder · 🗨️👍👎 1 · 11 de junho às 16:52

 **Flavio Zanatta** Eu achei o filme tão bom e pensei que iria ter uma bilheteria maior. Tipo a Bela e a Fera chegou a 5 milhões de pessoas aqui no Brasil então pensei que este teria mais sucesso... meio triste isso.  
Curtir · Responder · 9 h

 **Nath Guedes** Filme MARAVILHOSO ❤️ emocionante, gostei tanto que verei de novo no cinema  
Curtir · Responder · 🗨️👍👎 8 · 10 de junho às 20:02

↳ 3 Respostas

 **Edna Sousa** Muito emocionante e cheio de efeitos especiais que nos faz ficar sem se mexer. Vou ver novamente.  
Curtir · Responder · 🗨️👍👎 7 · 10 de junho às 13:47

A seguir, realizo a análise conforme os níveis de linguagem propostos por Herring (2004).

### Sobre a Estrutura

Duas das postagens analisadas, o post 1 e o post 4, são no formato vídeo. As outras duas postagens, são no formato de imagens, sendo o post 2 uma divulgação com indicação de contagem regressiva (para a estreia do filme) e o post 3, um cartaz oficial de divulgação da obra. Os vídeos no Facebook possuem autoplay, ou seja, começam a rodar no momento em que aparecem na linha do tempo do usuário. Ainda assim, as publicações do tipo vídeo, nesta rede social, apresentam uma imagem que é exibida ao final do vídeo ou quando um mesmo usuário retorna à publicação após ter rodado o vídeo completo. Isto é, o autoplay funciona apenas na primeira

visualização da publicação. Nas outras vezes ou ao término do vídeo, uma imagem com um botão de play é apresentada.

No que se refere aos aspectos visuais, tanto os vídeos, quanto as imagens, são em cores de tons sépia (amareladas) e tons frios (acinzentadas e azuladas). Todas as imagens das publicações têm, em primeiro plano, a personagem da Mulher-Maravilha, em posição corporal de defesa, com pelo menos, um dos braços na frente do corpo, com punhos cerrados. Neste sentido, vale ressaltar que o bracelete utilizado no braço pela personagem é uma de suas armas de luta (assim como um laço e uma espada, que não aparecem nas imagens das publicações deste estudo). Nas quatro postagens, também, a legenda aplica o uso de hashtag para indicar o nome da personagem ou do filme: #MulherMaravilha.

O post 1, pontualmente, apresenta o trailer (oficial) do filme e a imagem ilustrativa é exatamente a mesma do post 3: o cartaz oficial de divulgação do filme. Na imagem, a heroína aparece correndo e com expressão facial cerrada. Ela está com o braço na frente do corpo, como se defendendo-se de um raio com seu bracelete. O outro vídeo, apresentado no post 3, é uma sequência de pequenas cenas do filme contendo frases citadas por críticos e veículos de comunicação sobre o filme, todos elogiando a película. Os posts 2 e 4, apresentam uma imagem do rosto da Mulher-Maravilha parcialmente coberto por seus braços. No texto da imagem do post 2, a inscrição “5 dias” remete ao tempo que falta para estreia do filme.

No post 1, o trailer começa com a personagem lançando-se contra uma janela de vidro, protegida por um escudo. Os tons da cena são acinzentados. Ela surge lutando contra os soldados. A cena é entrecortada com outras cenas de explosões. Em meio às cenas de batalha, surge um flashback em que a Mulher-Maravilha aparece quando criança em um diálogo com sua mãe, quando esta autoriza a filha a usar apenas o escudo e afirma que lutar não faz dela uma heroína. Em seguida, é apresentada a cena em que a guerreira, já adulta, resgata um homem, que a contextualiza sobre uma guerra que acontece na Terra (que no filme é a Segunda Guerra Mundial).

O trailer ilustra o momento em que a personagem decide deixar sua família, a ilha mítica em que vive e ir lutar para acabar com a guerra. As tomadas em que a personagem está na ilha são muito coloridas. Na Terra, uma cena em que a personagem veste roupas típicas das mulheres da época é apresentada. A guerreira afirma não entender como as mulheres conseguem lutar com aquelas roupas. Cenas

da Mulher-Maravilha lutando alternam com cenas dela quando criança ou quando estava na ilha. Em um dos *takes*, identifica-se o momento em que a princesa reconhece o seu próprio poder e se surpreende. Muitas explosões e cenas de luta são ilustradas, então.

Na legenda do post 1, tem-se o seguinte texto: “Testemunhe a origem de uma Guerreira. Assista AGORA ao novo trailer de #MulherMaravilha! Estreia 1º de junho nos cinemas. Garanta seu ingresso antecipado a partir de 18 de maio.”. Tal inscrição utiliza a palavra “guerreira” com a primeira letra em maiúsculo e a palavra “agora” toda em caixa alta. Além disso, a publicação informa a data de estreia e possui dois CTA’s<sup>50</sup>. Um para assistir ao vídeo e o outro para a aquisição de ingressos antecipados. De fato, todas as quatro publicações possuem um CTA para aquisição de ingressos. Além disso, a legenda do post 1 conta com dois ícones gráficos, um representando uma explosão e outro, duas espadas cruzadas.

Na legenda do post 2, o texto: “Dia 1º de junho, ninguém vai ficar no caminho da #MulherMaravilha. Ingressos antecipados aqui <http://bit.ly/MMingressos>. O post 3 tem a seguinte legenda: “O mundo precisa dela. #MulherMaravilha chega HOJE aos cinemas. Compre seu ingresso agora: <http://bit.ly/MMingressos>” Já a legenda do post 4 diz: “#MulherMaravilha é “entretenimento de primeira”! Assista HOJE ao filme nos cinemas. Ingressos: <http://bit.ly/MMingressos>. A expressão “entretenimento de primeira” está entre aspas porque se refere à uma citação feita por um veículo de comunicação e foi ilustrada, também, no vídeo.

### **Sobre o Sentido**

O sentido das quatro postagens analisadas é de divulgação do filme. Tanto os vídeos quanto as imagens, ilustram ação. Nos vídeos, principalmente, a personagem parece ser ativa e forte. O uso da hashtag, empregado também nas quatro publicações estudadas, dá destaque ao nome da personagem e do filme. Nas postagens 1, 3 e 4, a página utiliza advérbios de tempo em letras maiúsculas, o que gera um sentido de emergência, chamando atenção para a questão do imediatismo da ação que a frase sugere. Este é um recurso bastante utilizado nas estratégias de Marketing Digital. A postagem 2 não utiliza explicitamente este recurso, mas toda a publicação se refere a um tempo, que é o da data de lançamento do filme.

---

<sup>50</sup> Call-to-action, ou chamada para ação. Recurso utilizado em marketing digital com o intuito de direcionar o usuário a uma determinada ação.

Na legenda do post 1, ao ser utilizada a expressão “testemunhe”, identifico a tentativa de colocar o leitor na posição de espectador de algo importante e fatal. Ao utilizar o sujeito “guerreira” com letra maiúscula, entendo a ênfase dada à expressão, reforçando o brilhantismo da personagem, empoderando-a. Além disso, a escolha pela expressão “guerreira” em detrimento à utilização do termo “princesa”, por exemplo - tal como visto no estudo piloto desta pesquisa - também, empodera a personagem. Já no post 2, a expressão “ninguém vai ficar no caminho” indica que nada irá impedir que aconteça o lançamento do filme, além de empoderar novamente a personagem. Na legenda do post 3, também identifiquei uma tentativa de empoderar a personagem, através da inscrição “O mundo precisa dela.”.

Os tons sépia e frios das cenas apresentadas nos vídeos dão o sentido de passado, contextualizando a história do filme. Além disso, dá ideia de sujeira e tristeza, como se fosse algo ruim, em contraste às imagens extremamente coloridas das cenas da ilha vistas no post 1, que dão um sentido de alegria e vida. As diversas cenas de explosões e lutas dão a tônica do filme.

No post 1, um comentário pontua a cor dos olhos da atriz e fala sobre beleza. Como se atriz do filme atual não fosse tão sedutora por seus olhos escuros como a personagem. É relevante destacar que os atributos físicos, ao meu ver, não deveriam ser o enfoque da discussão, uma vez que a legenda e o trailer não tratam sobre beleza. Apesar da legenda do post trazer o termo “guerreira”, a questão do empoderamento feminino não foi trazida à tona diretamente nos comentários. Neste sentido, apenas uma pessoa (mulher) elogiou o fato de ser dado destaque no Cinema às heroínas mulheres, empoderando a personagem.

Pontualmente, o post 2 tem a intenção de gerar expectativa e desejo pelo filme, anunciando uma contagem regressiva para a estreia. O rosto parcialmente coberto passa o sentido de que algo está para ser desvendado, como se a personagem estivesse aparecendo aos poucos. Um dos comentários realizados na publicação refere noção de empoderamento feminino no seguinte trecho “a nós mulheres que somos uma maravilha”, dando o sentido de que as mulheres fossem maravilhosas e os homens, não.

No que se refere às imagens das postagens em geral, o fato da personagem aparecer em todas as publicações em posição de defesa pareceu-me curioso. Questiono, assim, por que uma super-heroína não aparece em posição de luta proativa ou agressiva na divulgação de seu filme? Possivelmente, este fato esteja

relacionado ao estereótipo feminino de que mulher não é agressiva, não tem atitude, nem toma iniciativa.

No post 2, ainda, uma mulher demonstra empoderamento feminino quando afirma que já avisou ao namorado que irá com ele ou sem ele ao cinema. Os demais comentários referem-se à intenção de assistir ao filme.

No post 3, o comentário que obteve um maior número de curtidas diz o seguinte: “Sai da sessão neste instante e... olha... estou sem palavras. A Gal lacrando como Mulher-Maravilha. Inocente, ousada, curiosa, persistente, tem duas dúvidas e medos, mas não foge a luta. E ao perceber seu erro, corrige-o, lutando pela humanidade.”. A intenção parece ser elogiar a personagem, mas, ao analisar mais profundamente, identifiquei exatamente o oposto. Ele pontualmente tenta elogiar a atriz com a expressão “lacrando”<sup>51</sup>. O uso da expressão “lacrar” tem uma conotação sexual e, possivelmente, o usuário está elogiando mais a beleza da atriz do que seu talento profissional. Deste modo, entendo que ele desempodera a heroína, elogiando-a por seus atributos físicos, mas não por seu poder heroico. Além disso, ele a menospreza quando diz que ela admite seus erros, que tem dúvidas e medo e a chama de “inocente”. Inocente é uma característica curiosa para se designar a Mulher-Maravilha. Inocente é o oposto de culpada, como se ela não fosse ou não pudesse ser, responsável pelos atos heroicos e fortes apresentados no filme.

Em contrapartida, um outro comentário proferido por um homem diz: “Filme Maravilhoso, que mostra o Poder feminino e não só o que os Homens sabem fazer e, sim O que a Mulher em si nos dias de Hoje Conquista! Por mais Mulheres Maravilhas no Mundo !!”. Este comentário faz menção à luta do movimento feminino por empoderamento, o que, para ele, é característico dos dias de hoje. Parece que ele deseja que haja mais mulheres heroínas no mundo, o que indica sua percepção de viver em uma cultura patriarcal.

Ainda no post 3, identifico referência ao empoderamento da personagem quando dois comentários dizem “Maior heroína...” e “Melhor heroína...” para se referir à personagem. Já no post 4, duas pessoas também comentam sobre a escolha da

---

<sup>51</sup> Lacrar é uma gíria utilizada especialmente para designar as mulheres que estão fazendo algo bem, que obtém sucesso. A primeira vez que se tem registro do termo, segundo o site YouPix, dedicado à assuntos digitais, a expressão “lacrar” foi utilizada no vídeo de Romagaga Guidini, youtuber que costuma comentar o sucesso de mulheres de sucesso. No dia 27 de novembro de 2013, ao comentar o novo álbum de Britney Spears, ele disse “que o novo álbum chicoteia, samba, fecha e lacra o cu das inimigas”. Deste modo, identifica-se um teor sexual no uso da expressão. Disponível em <http://youpix.virgula.uol.com.br/memepedia/lacrou-o-cu-origem/> Acesso em: 06 ago. 2017

atriz para a personagem, elogiando-a. O sentido de todos os comentários desta publicação refere-se aos aspectos do filme, tais como bilheteria e 3D e emitem opiniões sobre a obra. Duas pessoas referem a intenção de assistir ao filme novamente.

Em todas as postagens, houve comentários no sentido de elogiar o filme.

### **Sobre a Interação**

Em nenhuma das postagens analisadas, identifiquei interação da página com os usuários. O que deixa claro que não há intenção de relacionamento ou vínculo entre a marca (que representa, neste caso, um filme) e os seguidores. Mas sim, reforça a intenção de divulgação, caracterizando um capital social do tipo Informativo.

No post 1, cinco dos sete comentários analisados foram proferidos por mulheres. Dois deles (um homem e uma mulher) interagem entre si e debatem aspectos da mitologia que envolve a personagem. Mais especificamente, o homem fala que a personagem é humana. Já a mulher, fala que é uma deusa mítica. Ao meu ver, quando o comentarista homem designa à personagem a condição de humana, ele pretende desempoderar a heroína.

Ainda no post 1, quatro comentários ilustram a expectativa sobre o filme, sendo emitidos por dois homens e duas mulheres. Uma comentarista considera acerca da escolha da atriz (temática também debatida pelos comentaristas do estudo piloto) que questiona, neste caso, o atributo físico da cor dos olhos da atriz atual não ser azul como os da atriz do primeiro filme. No post 2, todos os comentários foram realizados por mulheres - o que indica o público-alvo interessado - e respondem ao propósito da publicação e sinalizam a pretensão de assistir o filme. Não há interação entre os comentários. Nos comentários, as usuárias marcaram outras pessoas que foram notificadas pelo Facebook da marcação de seu nome em uma postagem. Deste modo, a interação acabou acontecendo mais entre as comentaristas e as pessoas marcadas do que entre as próprias comentaristas entre si.

No post 3 também não há interação entre os comentaristas e, dos sete comentários analisados, apenas um não elogia o filme. Os demais comentários deste post parecem ser proferidos por pessoas que assistiram o filme e elogiam a obra. O mesmo acontece com o post 4, em que as pessoas emitiram suas opiniões acerca do filme sem interagirem entre si.

## **Sobre o Comportamento Social**

Nos posts analisados, os comentários respeitam o sentido proposto nas publicações, na medida em que a maioria dos comentários refere-se à expectativa e opiniões sobre o filme.

No post 1, uma comentarista escreve sobre o fato das produções cinematográficas dedicarem-se a apresentar heroínas mulheres como sendo positivo em detrimento de trocar um herói homem por uma mulher. A expressão “heróis” foi descrita entre aspas, como se questionasse o poder quando advindo da masculinidade. Duas das comentaristas utilizam como foto de perfil a imagem da Mulher-Maravilha. Em adição, o fato de um comentarista homem pontuar que a Mulher-Maravilha é humana, busca desempoderar a personagem. Em contrapartida, e em sinal de disputa pelo poder, uma comentarista mulher dizer que a Mulher-Maravilha é uma deusa mítica, e parece empoderar a personagem, tornando-a superior aos homens. Os únicos comentários que, sutilmente, trataram sobre o empoderamento feminino foram proferidos por mulheres. O que indica uma luta por reconhecimento pela sua condição de gênero. Usar a foto de perfil da heroína denota identificação com a personagem. Estas foram exatamente as mulheres que trataram do empoderamento feminino nos comentários, o que fortalece o sentido da luta feminista.

No post 2, dois comentários demonstram autoridade. Uma comentarista diz “já avisei o boy, pode saindo mais cedo do trabalho pq 19h30 to saindo com vc ou sem vc...” e outra comentarista afirma “só acho que devemos ir mesmo mortas...”

No post 3, uma outra comentarista tenta influenciar os demais quando diz “Vão assistir...”. Em oposição, um outro comentarista tenta persuadir os demais quando diz “Vamos sabotar e não assistir esse filme...”. Ele sugere que as pessoas não devem assistir ao filme porque a dublagem brasileira, segundo o autor do comentário, não foi realizada pelo dublador oficial do filme. Não identifiquei, aqui, negociação de conflito direto entre os comentaristas. Mas, sim, uma tentativa de se contrapor aos demais comentários por parte do autor que sugere sabotar o filme, uma vez que se posiciona em oposição a todos os demais comentários elogiosos. Ainda quanto a este comentário, ele diz “... Sem Marco Antônio como dublador, sem dinheiro do ingresso!”. Em contrapartida a este comentário, uma pessoa diz “... valeu cada centavo e toda minha atenção...”. Neste caso, de forma oposta, os comentaristas tentam usar o dinheiro como forma de poder.

No post 4, um comentarista tenta se posicionar como autoridade, na medida em que fornece um link para sua crítica à obra. Este mesmo comentário fala que a personagem possui identidade própria e é carismática.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os dados nos mostram que, na página Mulher-Maravilha, de modo geral, o

tema do empoderamento feminino não foi diretamente abordado, mas houve tentativas sutis de empoderar a personagem. No post 1, identifiquei uma tentativa de empoderamento da personagem através do uso da expressão “guerreira” para designar a personagem e um comentário proferido por uma mulher em que pontua o destaque dado pelo Cinema às heroínas mulheres. No post 2, o uso da expressão “ninguém vai ficar no caminho” e o comentário que traz o trecho “a nós mulheres que somos uma maravilha” fazem referência ao empoderamento feminino. Ainda no post 2, uma mulher demonstrou-se empoderada quando afirmou que havia comunicado ao namorado que irá com ou sem ele ao cinema. Já no post 3, identifiquei uma tentativa muito sutil de empoderamento quando afirma que “o mundo precisa dela” e outros 2 comentários que designaram a personagem como sendo a maior e melhor heroína. Houve apenas um comentário que fez referência direta ao empoderamento feminino como uma causa social.

Neste estudo, analisei quatro publicações, com sete comentários cada. Considerei tanto as postagens quanto os comentários para analisá-los de acordo com as quatro categorias propostas por Herring. Como vimos, elas são: estrutura, sentido, interação e comportamento social.

Quanto à estrutura, fica claro a intenção de conduzir o leitor para assistir o filme, na medida em que em todos os posts houve a presença de orientação para compra de ingressos para o cinema. Os posts analisados foram bastante parecidos, contendo basicamente as mesmas características. O uso da hashtag #MulherMaravilha nos 4 posts analisados dá destaque à personagem e facilita a busca por indexação. Em todos os posts houve a presença de temporalidade, criando um senso de emergência. No post 1, foi utilizado expressões como “Assista AGORA...”, “Estreia 1º de junho...” e “... a partir de 18 de maio.”, No post 2, houve a expressão “Dia 1º de junho...”. Além disso, na imagem do post continha o texto “5 dias” indicando o tempo que faltava para a estreia do filme. No post 3 as expressões “...chega HOJE aos cinemas” e “Compre seu ingresso agora...”. E no post 4, o trecho “Assista HOJE...”.

**Tabela 3: Aspectos observados quanto à Estrutura e o número de ocorrências**

Estrutura	Número de Ocorrências
-----------	-----------------------

Imagem	2
Vídeo	2
Tonalidade de cores sépia e tons frios	4
Imagem da personagem	4
Personagem na posição defensiva	4
Orientação para compra de ingressos	4
Uso da hashtag #MulherMaravilha	4
Orientação de temporalidade	4
Presença de ícones gráficos na legenda	1

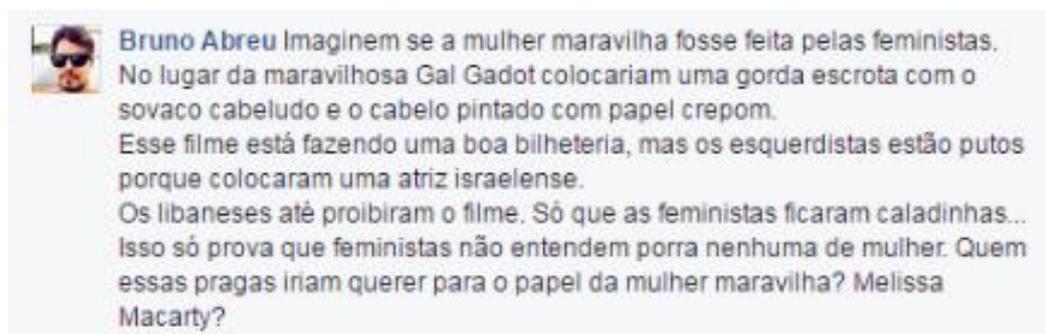
No que se refere ao Sentido, identifiquei o propósito de divulgar o filme, tanto nas postagens quanto nos próprios comentários. Foram poucos os comentários que abordaram o empoderamento feminino e apenas um trouxe à tona as questões do movimento feminista de forma direta. No entanto, outros canais de comunicação, tais como a página Quebrando Tabu, apresentada no capítulo sobre a Mulher-Maravilha, bem como as revistas Veja, Marie Claire e Carta Capital e os sites de notícias especializados em cinema Omelete e Observatório de Cinema abordaram o tema do feminismo mais diretamente, questionando e criticando a potencialidade da obra e da personagem para efetivamente posicionar as mulheres de forma empoderada ou se, na verdade, trata-se do extremo oposto.

Quanto ao Sentido do corpus, observei as seguintes ocorrências, apresentadas na tabela 4.

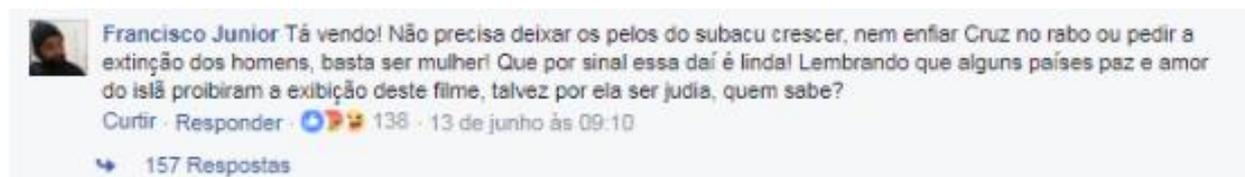
**Tabela 4: Aspectos observados quanto ao Sentido e o número de ocorrências**

Sentido	Número de ocorrências
Divulgação e críticas ao filme	23
Empoderamento da personagem	5
Empoderamento das mulheres	5
Atributos físicos e elogios à aparência da atriz	4

Quanto ao Sentido, há um ponto que me chamou a atenção: a relação do empoderamento com a beleza física da atriz. Tanto na página Mulher-Maravilha como na página Quebrando o Tabu (ilustrado nos exemplos a seguir), a discussão sobre os atributos físicos da personagem foi trazida à tona. É interessante identificar que as questões feministas, inevitavelmente, abordam a aparência das mulheres. Fica evidente a pressão social sobre a aparência da mulher e os padrões de beleza impostos em nossa cultura, que, num primeiro momento, não eram tema deste estudo, mas que tornam inevitável abordar. Na página Quebrando o Tabu, alguns exemplos de comentários,<sup>52</sup> que nesses termos, reforçam os dados encontrados que direcionam para o olhar de que o poder feminino está diretamente relacionado com a beleza física, conforme exigência de padrões estéticos de nossa cultura ocidental atual.

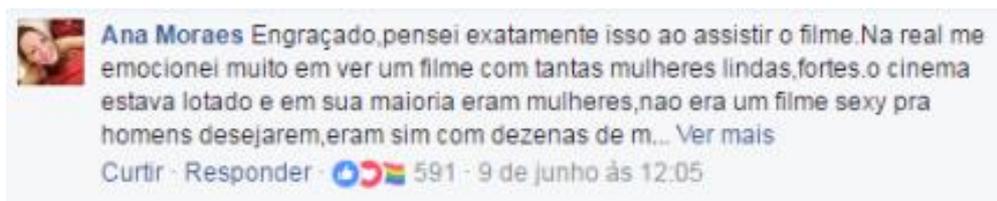


**Figura 12: Exemplo de comentário retirado da Página de Facebook Quebrando Tabu, na publicação sobre o filme Mulher-Maravilha**



**Figura 13: Exemplo de comentário retirado da Página de Facebook Quebrando Tabu, na publicação sobre o filme Mulher-Maravilha**

<sup>52</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/quebrandootabu/> Acesso em: 06 ago. 2017



**Figura 14: Exemplo de comentário retirado da Página de Facebook Quebrando Tabu, na publicação sobre o filme Mulher-Maravilha**

Os dados arrolados apontam para uma análise voltada à objetificação da mulher, ou, mais especificamente, aos padrões de beleza impostos às mulheres e sua relação com o empoderamento feminino. A preocupação com a aparência da Mulher-Maravilha, vista no comentário da página Mulher-Maravilha em que se aponta a cor dos olhos da atriz, ou na referência de que a atriz estaria “lacrando” e que seria “perfeita”, ou ainda nos comentários sobre a aparência das mulheres feministas, vistos nos na página Quebrando Tabu, apontam nesta direção.

Para os comentaristas analisados neste estudo, o “ser linda” está associado ao “ser poderosa”. Elogios à aparência da personagem remetem a esta conclusão quando afirmam que ela é “linda e forte”, por exemplo. Nesse sentido, Lourenço, Artemenko e Bragaglia (2014) afirmam que a propagação de estereótipos de gênero que objetificam a mulher frente ao gênero masculino ocorre também no meio midiático. As autoras reforçam que, assim como acontecia na publicidade de antigamente, ainda nos tempos atuais os meios de comunicação têm contribuído para perpetuar estereótipos de gênero. De fato, parece haver não só o reforço destes como sua ampla aceitação pelo público. Neste sentido, assim como Andrade (2012), percebo que a figura de uma super-heroína mulher é constituída a partir de um modelo masculino opressor. Andrade diz que o que foge disso ameaçaria o masculino. Exemplos claros de medo frente a ameaça de uma Mulher-Maravilha fora dos estereótipos de beleza são os comentários que dizem “...no lugar da maravilhosa Gal Gadot colocasse uma gorda escrota com sovaco cabeludo...” e “não precisa deixar os pelos do suvaco crescer, ou enfiar cruz no rabo, nem pedir extinção dos homens...”. De acordo com Mageste; Melo e Ckagnazzaroff (2008), existe uma confusão geral e certa ansiedade dos homens com respeito ao empoderamento feminino, uma vez que, para muitos, uma mulher empoderada os desempoderaria.

Além disso, cabe ressaltar que nem sempre a relação entre o discurso e poder é perceptível; pois funciona pulverizadamente em toda a extensão social como efeitos

de poder, segundo Foucault (2013). Para entender a lógica da relação entre os saberes e o poder, é preciso considerar o fato de que a produção dos discursos é controlada por uma série de mecanismos de poder, de controle, seleção, organização e redistribuição, a fim de suavizar sua carga e dissipar-lhe o perigo de sua produção (FOUCAULT, 2013). Conforme Viana (2009), o discurso é não só limitado por quem detém o poder, mas é também reprodutor deste poder e é uma de suas formas de manifestação.

Já quanto à Interação, observei que foi praticamente inexistente, como ilustro na Tabela 5. No post 2, todas as comentaristas marcaram através de recurso do Facebook um ou mais contatos para sinalizar as pessoas marcadas - o que indica a intenção de interação com pessoas que estavam fora da postagem. Tais interações ocorreram na publicação que descrevia o tempo que faltava para a estreia. Observo, assim, a grande expectativa pela ida ao cinema que o post provocou. Mas em nenhum post analisado, houve intenção de provocar interação ou relacionamento. Deste modo, parece que estreitar os laços não era um propósito presente na página analisada.

**Tabela 5: Aspectos observados quanto à Interação e o número de ocorrências**

<b>Interação</b>	<b>Número de Ocorrências</b>
Página x Usuários	0
Usuário x Usuário	1
Marcação para usuários fora da conversação	7

Por fim, no que se refere ao Comportamento Social, observei que alguns comentários buscaram demonstrar autoridade, influenciar as pessoas para irem assistir ou não o filme através de expressões linguísticas de status, tais como no post 2, os seguintes trechos nos comentários "... eu tô saindo com vc ou sem vc...", "...deveríamos assistir mesmo mortas...", "...já achei um filme pra gente assistir...", "...já decidiram se vcs vão comigo? Se não, deixem o dinheiro da pipoca e o ingresso...", "...temos que correr pro cinema assistir...". No post 3, também uma comentarista tenta influenciar quando diz "não percam" e outra diz "vão assistir", e em outro comentário o trecho "Vamos sabotar e não assistir esse filme...". No post 4, um usuário dá sua opinião sobre o filme e divulga sua crítica através de um link que direciona para um post de blog, na tentativa de influenciar as pessoas a acessarem

sua opinião.

Observei também algumas questões de identidade. No post 1 uma comentarista parece identificada com o empoderamento da personagem e questiona o poder masculino quando afirma “Aí sim eu concordo e aplaudo, investirem em heroínas que já existem ou mesmo criarem outras. E não trocarem nossos “heróis” por mulheres”. Ainda no post 1, duas comentaristas utilizavam na foto de perfil uma imagem da Mulher-Maravilha, identificadas com a heroína. No post 2 uma mulher que diz “...a nós mulheres que somos uma maravilha” parece estar identificada com o empoderamento da personagem.

Identifiquei duas ocorrências de negociação de poder. Primeiro no post 1, um homem diz “...as amazonas também são seres humanos...” e o comentário de uma mulher em oposição diz “...é filha de Zeus, ou seja, uma deusa mesmo.”. Segundo no post 3 um homem diz “...sem dinheiro do ingresso” e em oposição uma comentarista diz “...valeu cada centavo...”. Em ambos os casos não houve interação direta, mas os comentários se opunham e pareciam buscar defender posicionamentos opostos. Nestes dois casos, o posicionamento contrário aconteceu por parte de comentaristas mulheres em oposição a comentaristas homens. Também nos dois casos, as mulheres lançaram-se em defesa às críticas proferidas pelos homens.

O empoderamento da personagem e da atriz também ficou evidente. Trechos como “Gal lacrando como Mulher Maravilha”, “Maior heroína”, “Melhor heroína” estavam presentes nos comentários do post 3; e trechos como “Gal Gadot perfeita” e “Gal Gadot ficou perfeita” foram apresentados no post 4. Em oposição ao empoderamento dado à personagem e atriz, identifiquei no post 1 uma tentativa de desempoderar a atriz na medida que se refere aos seus aspectos físicos como sendo piores que os da personagem, com o trecho “Não superei a escolha dessa atriz. Mulher Maravilha sem aquele olho azul é difícil de encarar.”.

Uma única tentativa de empoderamento feminino em oposição à cultura patriarcal foi identificada no post 3, no comentário que continha o seguinte trecho: “mostra o poder feminino e não só o que os homens sabem fazer, e sim o que a mulheres nos dias de Hoje Conquistam. Por mais Mulheres Maravilha no mundo”.

**Tabela 6: Aspectos observados quanto ao Comportamento Social e o número de ocorrências**

Comportamento Social	Número de Ocorrências
----------------------	-----------------------

Expressões linguísticas de status	9
Negociação de poder	2
Identificação com empoderamento da personagem	4
Empoderamento feminino	1

A esta altura, é inevitável mencionar o texto de Adorno e Horkheimer (1985), *Dialética do Esclarecimento*. Os autores apresentam uma crítica à sociedade ocidental contemporânea. Para eles, o programa iluminista transformou o saber em algo objetivo e neutro e o controle sobre a natureza acaba sendo levado ao extremo através do desmonte dos mitos. Em tese, a destruição dos mitos traria liberdade e, pela superação da própria dominação, foi substituída pela razão do mercado. De fato, o controle sobre a natureza não foi apenas mantido, mas agravado pela dominação dos próprios homens, através das forças do mercado. Para os autores, as pessoas só encontram um lugar social quando se tornam consumidores. É o fetiche da igualdade, comum a todas as sociedades ocidentais, democráticas ou não, que torna o indivíduo genérico, impotente em uma sociedade dirigida pela coerção do mercado. E, como correlato da coação atribuída à natureza não dominada, manifesta-se a mistificação das massas, promovida pelo esclarecimento que antes viria para impedi-la.

Para Adorno e Horkheimer, o totalitarismo do mercado e da política é capaz de produzir o homogêneo com o suporte da mídia de massa, isto é, a indústria cultural. A indústria cultural é, para eles, um produtor de mercadorias impregnadas de conteúdos simbólicos, que promovem, ao mesmo tempo, relações materiais de produção e formas ideológicas de dominação. É o último elo da cadeia de sujeição e atua para que o sistema se perpetue. Prometendo liberdade, a indústria cultural estabeleceu novas formas de dominação, que tornam os seres humanos homogeneizados pelo mercado e sem espaço para a crítica.

E é esse o cenário em que o filme da Mulher-Maravilha foi criado. A personagem, em primeira instância, parece tentar quebrar o estereótipo de mulher donzela, mas na verdade, o filme é um produto de consumo e, assim, fortalece os padrões na medida em que a atriz que representa a personagem é exatamente o modelo de beleza exigido na nossa cultura atual. Houve, inclusive, um comentário que exigia ainda mais da atriz, que tivesse olhos azuis como sinal de beleza. Para Carrera (2007), dentro de gêneros do entretenimento, como o cinema, é mais difícil ver a

abordagem da mulher fora dos padrões, uma vez que, para esses gêneros, o belo tem uma importância muito grande e pode ser determinante de sucesso, comercial e ideológico.

Desse modo, a noção de beleza está diretamente relacionada à de empoderamento, na medida em que, para as próprias mulheres, inseridas na indústria da cultura, a aparência, definida pela beleza e poder de atração, definem o valor próprio (SHAW, 2003). Como identifiquei neste estudo, em que as mulheres relacionam o poder da personagem com sua beleza física.

Quanto ao comportamento social, especificamente no que se refere à disputa de poder, em todas as publicações encontrei indicativos de demonstração de autoridade ou busca por influência, tanto no que se refere à imposição de assistir ao filme, quanto de resistência ao patriarcado ou tentativas de validar suas opiniões frente aos demais comentaristas. Nas negociações de poder encontradas, ficou evidente a disputa de poder entre homens e mulheres, ou, mais especificamente, fica evidente a luta das mulheres pelo empoderamento feminino.

Lopes (2009) afirma que, em uma cultura hegemônica, há indicativos de resistência como forma de performar contra um modelo de imposição cultural vigente. Mais especificamente, a autora discute a obra de George Yúdice<sup>53</sup>, intitulada *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*, e afirma que a cultura é hoje um recurso que gera e atrai investimentos, Lopes diz que a concepção de "cultura como recurso" é tomada por Yúdice desde a absorção da ideologia e da sociedade disciplinar pela racionalidade econômica e ecológica, na contemporaneidade.

Inserida no movimento global das indústrias culturais, que discursam pela preservação das tradições como forma de manter a biodiversidade, a cultura conteria e expressaria elementos importantes para os agenciamentos da sociedade civil, visando o desenvolvimento político e econômico. As diferenças são vendidas como produtos culturais, em alguns casos como exotismo, mas a administração das massas pelos padrões estereotipados não só se mantém (como no caso do padrão de beleza em que a atriz se enquadra), como é usada para criar produtos (como o próprio filme em si).

Através da ampla difusão da tecnologia e do acesso à Internet, os atores

---

<sup>53</sup> [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832009000100014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000100014) Acesso em 03 set. 2017.

culturais desenvolvem uma economia das experiências, encenando e desempenhando as normas sociais, ou criticando-as. Para Yúdice, o uso da tecnologia se apresenta como um apelo que agrupa e ordena, revelando uma verdade que bloqueia outras verdades. Daí que a reflexão sobre a tecnologia deve considerar, simultaneamente, a familiaridade com a essência normativa e suas diferenças.

Para Lopes, Yúdice propõe que o termo "performatividade" "[...] se refere aos processos pelos quais identidades e entidades de realidade social são constituídas pelas repetidas aproximações dos modelos (ou seja, o normativo), bem como por aqueles 'resíduos' ('exclusões normativas') que são insuficientes" (p. 53) – um movimento de superação à hegemonia.

Atuando na contramão dos produtos gerenciados pela hegemonia cultural, surgem o que Yúdice chama de *sujeitos performativos subversivos* que, vão além da negociação da agência cultural, e posicionam-se de forma rival à alteridade das normas globais. Lopes explica que no interior do campo de forças performativas emergem interpretações rivais que buscam desconstruir o modelo totalizador, onde os atores agenciam sua autonomia e legitimidade em modalidades alternativas de poder, enquadrando interpretações que canalizam a significação dos seus discursos e atos.

Desse modo, entendo que, assim como temos a beleza como padrão de status social e de poder, temos forças contrárias à hegemonia cultural, como a página Quebrando Tabu e sua publicação apresentada neste estudo. A luta das mulheres pelo empoderamento feminino aparece como força contrária à hegemonia masculina, mas muitas vezes, no íntimo, atua a favor, como o caso da personagem Mulher-Maravilha e todo seu potencial de discussão sobre o feminino. Apesar de a personagem ter sido criada para representar uma mulher forte que defendesse questões feministas, a figura da Mulher-Maravilha em si é bastante controversa, uma vez que representa exatamente o estereótipo de mulher contra o qual o movimento feminista luta: uma mulher branca e de proporções físicas inatingíveis. Tanto é que o filme não demonstrou ter potencial para discussão das questões feministas nas redes sociais, como demonstrei nos dados deste estudo.

A própria diretora do filme, Patty Jakens, se contradiz quando se refere ao potencial feminista da personagem. Ela declarou em entrevista para o site Omelete<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> Disponível em: <https://omelete.uol.com.br/filmes/artigo/mulher-maravilha-superman-de-1978-e-indiana-jones-dao-o-tom-do-filme-de-patty-jenkins/> Acesso 02 out. 2017

que a Mulher-Maravilha não é uma personagem feminista, ao mesmo tempo em que declarou em seu Twitter<sup>55</sup> “[...]Mas se as mulheres sempre precisam ser difíceis, duronas e perturbadas para serem fortes, e não estamos livres para sermos multidimensionais ou celebrar um ícone para mulheres do mundo todo por ela ser atraente e amável, não chegamos muito longe, não é mesmo?[...]”, referindo-se às críticas do diretor de cinema James Cameron que disse em entrevista para o jornal The Guardian<sup>56</sup> que o filme Mulher-Maravilha seria um retrocesso, pois se trataria de mais uma produção hollywoodiana predominantemente masculina. Ele afirmou que a personagem seria um ícone objetificado.

Muitas são as críticas das mulheres à referência da personagem como representação de causas feministas. Por exemplo, na ocasião da nomeação da ONU que conferiu à personagem Mulher-Maravilha o título de Embaixadora Honorária pelo Empoderamento das Mulheres e Meninas, uma petição online<sup>57</sup> arrecadou 45 mil assinaturas contrárias à nomeação. Na petição, ativistas feministas alegam que a sexualização explícita da personagem iria de encontro aos conceitos do empoderamento feminino e que uma personagem fictícia não seria a melhor escolha para a representação do empoderamento feminino.

Declarações como "Uma mulher branca peituda de proporções impossíveis, seminua em um pequeno e justo macacão com uma bandeira americana" e "O empoderamento feminino é tão inacreditável que precisamos escolher uma personagem fictícia?" foram usadas como argumentos na petição. O resultado foi que a ONU voltou atrás e revogou o cargo apenas 2 meses depois, como noticiado no jornal The Guardian<sup>58</sup>. Fica evidente, assim, o tamanho do embate que a personagem é capaz de promover quando se refere ao seu potencial de representar o empoderamento feminino, seja em disputas de poder no contexto digital, no Cinema, ou em organizações mundiais. Tendo em vista este potencial para discussão sobre o empoderamento feminino, eu esperava encontrar um debate sobre gênero de maneira mais contundente. Sobre esta negociação de poder na cultura digital, Buzato e Severo

---

<sup>55</sup> Disponível em: <https://twitter.com/PattyJenks/status/900917648015405062> Acesso em 02 nov. 2017

<sup>56</sup> Disponível em [https://www.theguardian.com/film/2017/aug/24/james-cameron-well-never-be-able-to-reproduce-the-shock-of-terminator-2?CMP=tw\\_t\\_a-film\\_b-gdnfilm](https://www.theguardian.com/film/2017/aug/24/james-cameron-well-never-be-able-to-reproduce-the-shock-of-terminator-2?CMP=tw_t_a-film_b-gdnfilm) Acesso em 02 nov. 2017

<sup>57</sup> Disponível em <https://www.thepetitionsite.com/pt-br/741/288/432/reconsider-the-choice-of-honorary-ambassador-for-the-empowerment-of-women-and-girls/> Acesso em 02 nov. 2017

<sup>58</sup> Disponível em <https://www.theguardian.com/world/2016/dec/12/wonder-woman-un-ambassador-gender-equality> Acesso em 02 nov. 2017

(2010) afirmam que:

[...] a web 2.0 proveria o cidadão, essencialmente, de uma "arquitetura de participação social" muito mais flexível e menos regulamentada e/ou cooptada pelo Estado e/ou outros agentes centralizadores do poder político do que as mídias tradicionais e, por essa razão, estaria essencialmente ligada a valores democráticos tais como a liberdade de expressão, o "empoderamento" do cidadão comum, e a horizontalização das relações entre produtores e consumidores midiáticos (p. 3).

No ambiente de cultura digital e, pontualmente, os sites de redes sociais, para Buzato e Severo (2010), o poder parece ter uma falsa ilusão de que pode ser driblado, uma vez que a Web 2.0 se trata de um espaço aberto e livre do controle das instâncias jurídicas ou políticas. Em princípio, identifica-se neste contexto, a sensação de se tratar de um espaço público, emancipatório e democrático, livre das malhas do poder. Porém, na verdade, para os autores, esta sensação “é só mais um efeito do funcionamento do poder, que, para ser tolerável, cria a ilusão de que a (aparente) ausência de um poder-jurídico implicaria um espaço de liberdade” (2010, p.11).

Assim, os autores afirmam que os pressupostos que fazem a Web 2.0 funcionar são políticos, na medida em que incitam a circulação e a proliferação de discursos e informações; registram os movimentos e dados dos usuários; produzem saberes e verdades que direcionam desejos e modos de ser; ao mesmo tempo que produz a sensação de ser vigiado e a possibilidade de vigilância lateral contínua. O que os autores postulam, não é que a Internet não tenha vocações libertárias, mas que o funcionamento e circulação do poder acontece exatamente quando os sujeitos podem agir livremente. Destacam, ainda, o fato de que há um complexo jogo de resistência e vigilância, em que a liberdade está permeada de práticas não-discursivas e discursivas que assujeitam sujeitos de modo que “podem ser rastreados, calculados, hierarquizados e tornados mercadoria” (p.12).

O que se vê, então, é uma outra forma de subjetivação, resistência e um novo olhar sobre os espaços de liberdade. Neste sentido, recorro à reflexão de que, muitas vezes, discursos feministas de empoderamento estão, de fato, a serviço da cultura capitalista e que traz o feminismo como uma mercadoria. Levanto, ainda, o fato de que também o filme Mulher-Maravilha pode estar a serviço desse jogo de poder, o que, se de um lado reforça o patriarcado, ao mesmo tempo pode servir para empoderar mulheres.

Desse modo, entendo que os discursos de empoderamento que envolvem a personagem Mulher-Maravilha estão engendrados com discursos de uma indústria cultural cruel e machista. Identifico que a disputa de poder está exposta. Os movimentos de resistência feminista, apesar de submetidos ao patriarcado, fazem parte deste novo cenário de liberdade, vislumbrado pelo contexto digital.

Meus objetivos de pesquisa neste estudo foram “identificar se e de que maneira discursos sobre a super-heroína Mulher-Maravilha se articulam com questões feministas” e “analisar se discursos sobre a Mulher-Maravilha têm relação com o empoderamento feminino” a partir do objetivo geral de “investigar discursos no Facebook acerca do lançamento do filme Mulher-Maravilha a fim de verificar a presença de questões feministas e quais são os temas debatidos”, e, mais especificamente, “identificar se o filme mobiliza discursos sobre o empoderamento feminino.”

Quanto aos objetivos, identifiquei que nos discursos sobre a super-heroína Mulher-maravilha há uma tentativa de articulação com as questões feministas e que trazem à tona o debate sobre empoderamento feminino. Porém, chamou minha atenção o fato de que o empoderamento feminino esteja relacionado aos atributos físicos da personagem. Os aspectos da beleza da atriz foram destacados como modo de ressaltar o empoderamento da heroína. Uma mulher bela, de acordo com um dado padrão, parece ser a única mulher possível de ser empoderada - o que perpetua os estereótipos socialmente aceitos de mulher.

Os discursos de empoderamento feminino, especialmente na página de fãs Mulher-Maravilha, passam inevitavelmente por critérios preestabelecidos e impõe uma imagem idealizada de mulher. Este fato vem a consolidar valores implícitos de nossa sociedade de que uma mulher forte é uma mulher bela. E as relações de poder impostas pelo patriarcado são identificadas mesmo num contexto de uma mulher figurando o heroísmo, mesmo em um ambiente democrático, como o Facebook.

Já nas páginas de fãs direcionadas para o debate das questões de gênero, o empoderamento feminino apareceu de modo muito mais contundente. O que limita a discussão. No meu entender, mesmo um filme altamente popular, com uma personagem notoriamente feminista, não foi capaz de suscitar discurso de empoderamento feminino de forma enfática, como eu esperava. Não é fácil quebrar os paradigmas, especialmente com suporte da mídia, especialmente quando a mulher é o produto, e não um sujeito.

Superar as questões normativas impostas culturalmente à mulher continua sendo um desafio para homens e mulheres que buscam uma sociedade mais justa. As mulheres passaram a ocupar os espaços cibernéticos com intuito de veicular discursos de empoderamento e desnaturalizar o patriarcado, mas ao invés disso, reforçam crenças culturalmente aceitas em nossa sociedade.

Assim, a meu ver, para desnaturalizar os discursos que legitimam as práticas simbólicas de poder do masculino normativo típico sobre o feminino é preciso, primeiro, uma tomada de consciência da opressão e este é um exercício que deve ser praticado diariamente nos debates sobre gênero, seja nos sites de redes sociais ou em outros ambientes. Seja nos espaços designados à discussão de gênero, ou não.

A verdadeira liberdade das mulheres reside em elas serem o que quiserem ser. Mas será que elas conseguem identificar o que realmente querem, ou o que podem querer? Será que seu querer não depende de normatividades sutis que as afetam sem que elas percebam? Essas e outras questões podem ser uma motivação para novos estudos. Elas surgem das ambivalências que consegui identificar.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Dialética do esclarecimento**. Zahar, 1985.

ANACLETO, Aline Ariana Alcântara; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. **A Questão Do Feminino E O Cinema Brasileiro**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2012. Disponível em: <[http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1381509257\\_ARQUIVO\\_AlineArianaAlcantaraAnacleto.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1381509257_ARQUIVO_AlineArianaAlcantaraAnacleto.pdf)> Acesso em: 17 ago 2016.

ANACLETO, Aline Ariana Alcântara; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. **A Reflexão De Uma Estética Feminista No Cinema Brasileiro**. Anais do Colóquio Nacional de Estudos de Gênero e História – LHAG/UNICENTRO, p.577. 2013. Disponível em: <<http://sites.unicentro.br/wp/lhag/files/2013/10/Aline-Anacleto-e-Fernando-Teixeira-Filho.pdf>> Acesso em: 17 ago. 2016

ANDRADE, Ana Flávia Pereira. **Grande hera!** A representação do feminino na Mulher-Maravilha. (2012) Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4234/1/2012\\_AnaFlaviaPereiraAndrade.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4234/1/2012_AnaFlaviaPereiraAndrade.pdf)>. Acesso em: 14 ago 2016.

ANTUNES, Marta. O caminho do empoderamento: articulando as noções de desenvolvimento, pobreza e empoderamento. In: ROMANO, Jorge; ANTUNES, Marta. **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002.

ARAÚJO, Flávia Monteiro; ALVES, Elaine Moreira; DA CRUZ, Monalise Pinto. Algumas reflexões em torno dos conceitos de campo e de habitus na obra de Pierre Bourdieu. **Revista Eletrônica Perspectivas da Ciência e Tecnologia**-ISSN: 1984-5693, v. 1, n. 1, p. 31-40, 2008.

BARON, N. Language of the Internet. Chapter 5. In: Ali Farghali, ed. **The Stanford Handbook for Language Engineers**. Stanford: CSLI Publications, pp. 59-127, 2002.  
BATLIWALA, Srilatha. El significado del empoderamiento de las mujeres: nuevos conceptos desde la acción. In: LEÓN, Magdalena. **Poder y empoderamiento das mujeres**. Santa Fe de Bogotá: TM Editores, 1997, pp.187-211.

BERNARDES, Márcia. **Uma reflexão inicial sobre feminismo na internet: gênero e corpo**. 2014.

BITTENCOURT, Naiara Andreoli. **Movimentos Feministas**. Revista Insurgência, v. 1, n. 1, p. 198, 2015.

BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

\_\_\_\_\_. The forms of capital.(1986). **Cultural theory: An anthology**, v. 1, p. 81-93, 2011. Disponível em: <<https://faculty.georgetown.edu/irvinem/theory/Bourdieu-Forms-of-Capital.pdf>>. Acesso em out. 2017

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. 311p.

\_\_\_\_\_. A economia das trocas linguísticas. **São Paulo: Edusp**, p. 116, 1996.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

BOYD, Danah. "Why Youth (Heart) Social Network Sites: The Role of Networked Publics in Teenage Social Life." **MacArthur Foundation Series on Digital Learning -Youth, Identity, and Digital Media Volume** (ed. David Buckingham). Cambridge, MA: MIT Press, pp. 119-142, 2007. Disponível em: <http://www.danah.org/papers/WhyYouthHeart.pdf> Acesso em 28/10/2017.

BUZATO, Marcelo El Khouri; SEVERO, Cristine Gorski. Apontamentos para uma análise do poder em práticas discursivas e não-discursivas na WEB 2.0. **Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos DO SUL**, v. 9, 2010.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.

CARRERA, Fernanda Ariane Silva. Publicidade politicamente correta: a construção do Sentido da Beleza feminina no Anúncio da Dove. In: **Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação Da Região Nordeste, IX**, Salvador. 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2007/resumos/R0268-1.pdf>> Acesso em 03 set. 2017.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COSTA, A. A. Gênero, poder e empoderamento das mulheres. **Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher**. NEIM/UFBA, 2000.

\_\_\_\_\_. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**, v. 5, n. 2, 2013. Disponível em: <https://pactoglobalcreapr.files.wordpress.com/2012/02/5-empoderamento-ana-alice.pdf> Acesso em 08 jun. 2017

COSTA, R.; MADEIRA, M.; SILVEIRA, C.. RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina. **17º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero**, Brasil, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/56>>. Data de acesso: 22 Out. 2017.

DE BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2014.

DOMINGOS, J. J. **Discurso, poder e subjetivação**. Uma discussão foucaultiana. 3ª Ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2015.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. Pearson Education, 2001.

FARAH, Marta Ferreira Santos. **Gênero e políticas públicas**. Estudos feministas, v. 12, n. 1, p. 47, 2004.

FLOR, Gisele. Corpo, Mídia e Status Social: reflexões sobre os padrões de beleza. **Rev. Estud. Comun., Curitiba**, v. 10, n. 23, p. 267-274, set./dez. 2009

FREITAG, Raquel Meister Ko; SEVERO, Cristine Gorski (Ed.). **Mulheres, linguagem e poder**: Estudos de gênero na sociolinguística brasileira. Ed Blucher, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio, v. 3, p. 49, 2013.

GIORDANI, Rosselane Liz. **As Relações de Poder Exercidas através do Discurso**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2011.

GOFFMAN, E. **A representação do Eu na Vida Cotidiana**: tradução de Maria Célia Santos Raposo. 19. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HEBERLE, Viviane Maria; OSTERMANN, Ana Cristina; FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. **Linguagem e gênero**: no trabalho, na mídia e em outros contextos. Florianópolis: Ed. UFSC, 2006.

HERRING, Susan C. (2001) Computer-mediated discourse. In: D. Schiffrin, D. Tannen, & H. Hamilton (Eds.), **The Handbook of Discourse Analysis** (pp. 612-634). Oxford: Blackwell Publishers. Disponível em: <<http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmd.pdf>> Acesso: em 01 ago. 2016

\_\_\_\_\_. (2004) Computer-Mediated Discourse Analysis: An approach to researching online behavior. In: BARAB, S. A., KLING, R., & GRAY, J. H. (Eds.). **Designing for Virtual Communities in the Service of Learning** (pp. 338-376). New York: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_. C. Language and the Internet. **The International Encyclopedia of Communication**, 2008.

HILGERT, José Gaston. A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na Internet. Fala e escrita em questão. São Paulo: Humanitas, FFLCH, USP, 2000.

LEMOS, Lúcia. O poder do discurso na cultura digital: o caso Twitter. **Jornada Internacional de Estudos do Discurso**, v. 1, 2008.

LEMOS, Marina Gazire. Ciberfeminismo: novos discursos do feminino em redes eletrônicas. 2009. 129 f. **Dissertação (Mestrado em Comunicação)** - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

LLOSA, Claudia. **A Teta Assustada** (La Teta Asustada), Espanha- Peru, Colorido, 2009.

LOURENÇO, Ana Carolina Silva; ARTEMENKO, Natália Pereira; BRAGAGLIA, Ana Paula. A “objetificação” feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste Intercom Sudeste**. São Paulo: Intercom. 2014. p. 1-15.

LOPES LOURO, G. Cinema e Sexualidade. **Educação & Realidade**, 33 (1), 81-97, 2008.

MAGESTE, Gizelle de Souza; MELO, Mcol; CKAGNAZAROFF, Ivan Beck. Empoderamento de Mulheres: uma proposta de análise para organizações. **Encontro de Estudos Organizacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação Em Administração**, V, Belo Horizonte, 2008.

MARTINS, Clitia Helena Backx. Trabalhadores na reciclagem do lixo: dinâmicas econômicas, socioambientais e políticas na perspectiva de empoderamento. **Tese** (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2003.

MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do movimento sul global. **Revista de Sociologia Política**, p. 67-92, 2010.

MIRA, Maria Celeste. O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar. **Cadernos pagu**, v. 21, p. 13-38, 2003.

NOGUEIRA, Conceição. **Feminismo e discurso do gênero na psicologia social**. 2001.

PINTO, Céli Regina J. Feminismo, História e Poder. **Rev. Sociol. Polít., Curitiba**, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010

PRADO, Luciana Ferreira Serenini; INSTITUCIONAL, Vinculação. Feminismo pós-redes sociais: reflexões sobre marcas e empoderamento. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 06 - Comunicação, consumo e subjetividade, do **6º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon**, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

PRIMO, Alex. **Interação Mediada Por Computador**. 1ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RAGO, Margareth. 1998. Epistemologia Feminista, Gênero E História. Este artigo foi publicado em Pedro, Joana; Grossi, Miriam (orgs.)- **Masculino, Feminino, Plural**. Florianópolis: Ed.Mulheres,1998

REBS, Rebeca Recuero; DA SILVA ZAGO, Gabriela. As potenciais formas de interações em ambientes virtuais. **Observatorio (OBS\*)**, v. 5, n. 3, 2011.

REBS, Rebeca Recuero. Pós Graduação em Marketing e Inovações em Comunicação. Pelotas, UCPel, 2013. **Aula ministrada**.

RECUERO, R. **Linguagem e Comunicação no IRC**, 2001. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/intercom.htm>> Acesso em: out. 2017

\_\_\_\_\_. Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão. **Metamorfoses jornalísticas**, v. 2, p. 1-269, 2009. Disponível em: <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>> Acesso em: out. 2017

\_\_\_\_\_. **Redes sociais na internet**. 2ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2011.

\_\_\_\_\_. A conversação como apropriação na comunicação mediada pelo computador. **Comunicação, cultura de rede e jornalismo**, p. 259-274, 2012.

\_\_\_\_\_. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, v. 28, n. 68, p. 117-127, 2014.

REID, Elizabeth M. Electropolis. **Communication and Community on Internet Relay Chat**. University of Melbourne, Department of History. URL: ftp.wuarchive.wustl.edu/doc/EFF/cud/papers/electropolis.ps.z, 1991.

ROMANO, Jorge O. Empoderamento: Enfrentemos primeiro a questão do poder para combater juntos a pobreza. **Documento de Apoio apresentado no International Workshop Empowerment and Rights Based Approach in Fighting Poverty Together**. Rio de Janeiro, 2002. <  
[http://www.desarrollolocal.org/conferencia/cuarta/Documento\\_Romano\\_portugues.doc](http://www.desarrollolocal.org/conferencia/cuarta/Documento_Romano_portugues.doc) > Consultado em 22/01/2008.

SAFFIOTI, Heleieth IB. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos pagu**, n. 16, p. 115-136, 2001.

SARDENBERG, CECÍLIA; MACEDO, MÁRCIA. Relações de Gênero: uma breve introdução ao tema. **Ensino e gênero: perspectivas transversais**. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher/UFBA, 2008.

SCHINESTOCK, Leticia Ribeiro et al. "Se a carapuça serviu..." estudo de caso sobre a cultura das indiretas e a violência simbólica no Facebook. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Católica de Pelotas, 2015.

SCOTT, Joan W. Uma categoria útil para análise histórica. **Cadernos de Historia UFPE**, n. 11, 2016.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

SHAW, I. S. O corpo feminino na propaganda. In: BERNADETTE, L.; SANTANA, G. (Org.). **Corpo e mídia**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003. p. 193-206.

SIQUEIRA, V. Sexualidade e gênero: mediações do cinema na construção de identidades. **Anais da 27ª ANPED Sociedade democrática e educação: qual universidade**, p. 01-19, 2004.

SOARES, Pricilla Farina *et al.* **O discurso da violência sistêmico-simbólica e sua replicação nos memes de humor da fanpage Diva Depressão**. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Pelotas, 2013.

SOBRAL, A.; SOLIGO, R.; PRADO, G. V. T. A subjetividade autoral em textos acadêmicos: algumas considerações. **Nonada: Letras em Revista**, n. 28, vol. 1. Maio de 2017. pp. 174-193.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 28-62, 2007.

TOMAZETTI, Tainan Pauli. O feminismo na era digital e a (re) configuração de um contexto comunicativo para políticas de gênero. **Razón y palabra**, n. 90, p. 39, 2015.

TRAVERSO-YÉPEZ, Martha. Os discursos e a dimensão simbólica: uma forma de abordagem à Psicologia Social. **Estudos de psicologia**, v. 4, n. 1, p. 39-59, 1999.

VIANA, Nildo. **Linguagem discurso e poder**: ensaios sobre linguagem e sociedade. Virtual books, 2009.

## **APÊNDICES**

### **APÊNDICE A - ESTUDO PILOTO**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**  
**DISCIPLINA T. E. METODOLOGIAS DA PESQUISA EM LINGUAGEM E**  
**INTERNET**  
**RESPONSÁVEL: PROF.<sup>a</sup> RAQUEL RECUERO**

**ALUNA: MARIA CECILIA MARTINS BAINI**

**Análise de Discurso Mediada por Computador:  
Um estudo sobre o trailer do filme Mulher-Maravilha**

**Resumo**

O presente trabalho se propõe a analisar duas publicações veiculadas nas redes sociais sobre o trailer do filme Mulher-Maravilha. A metodologia utilizada foi a Análise de Discurso Mediada por Computador (CMDA). O objetivo geral é identificar a percepção dos usuários acerca do trailer.

**Palavras-chave:** Mulher-Maravilha, empoderamento feminino, Análise de Discurso Mediada por Computador

Este artigo se propõe a analisar as percepções dos usuários dos sites de redes sociais sobre o lançamento do filme Mulher-Maravilha e identificar quais são os discursos relacionados com a personagem Mulher-Maravilha. O filme será lançado em junho de 2017 e em meados de 2016 lançou o trailer de divulgação na página de fãs oficial do filme chamada “Mulher-Maravilha”, no Facebook. Esta publicação é o primeiro objeto de análise neste estudo.

O lançamento do filme tem trazido à tona o debate sobre as questões de empoderamento feminino. Um exemplo disso foi uma publicação veiculada na página de fãs feminista, também no Facebook, chamada “Empodere Duas Mulheres” em que levanta a discussão sobre a dominação masculina através de uma *print* do trailer. Tal publicação é o segundo objeto de análise deste estudo.

Para análise dos comentários, elegeu-se os 6 primeiros que, conforme algoritmo do Facebook, são os que mais receberam interações (curtidas e respostas). A metodologia utilizada foi a Análise de Discurso Mediada por Computador. A seguir, apresenta-se os dados analisados.

<b>POST 1</b>
---------------

## A publicação

 **Mulher-Maravilha**  
23 de julho · 🌐

Conheça a princesa amazona Diana de Themyscira! Assista agora ao primeiro trailer de #MulherMaravilha com Gal Gadot. Estreia em junho de 2017 nos cinemas.



7,9 M visualizações

[Curtir](#) [Comentar](#) [Compartilhar](#)

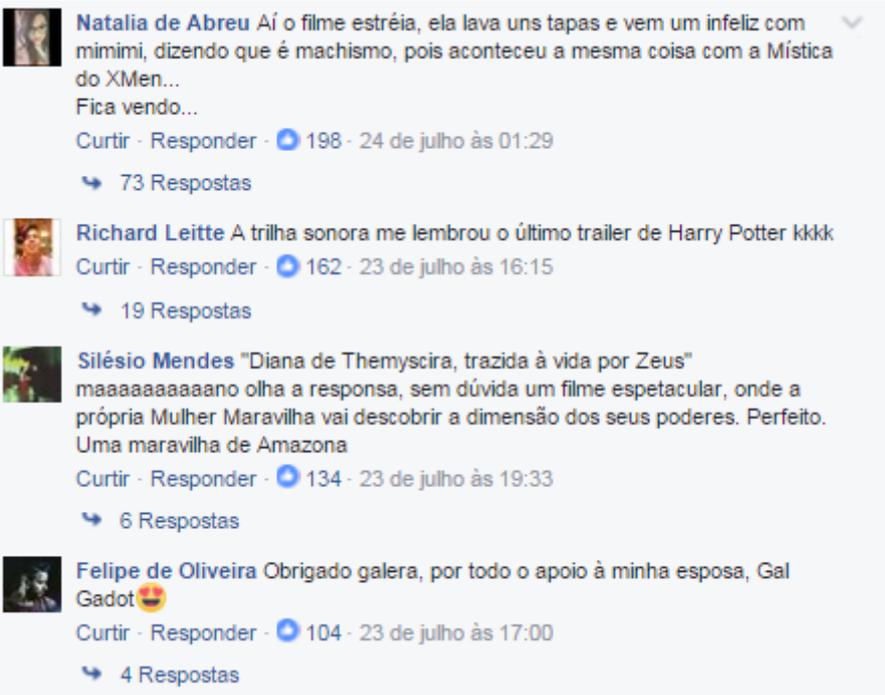
[👍👎👉](#) 186 mil [Principais comentários](#)

94.811 compartilhamentos

## Os comentários

 **Carlos King** ESSE FILME VAI SER ESPETACULAR!!! Gal Gadot foi uma escolha perfeita para o papel, já tenho dito isso desde o início! Esse trailer entãaaoooo.... caramba, ja quero 2017 aqui logo!!  
Curtir · Responder · 🌐 1.299 · 23 de julho às 16:26  
👉 64 Respostas

 **Carolinne Oliveira** FINALMENTE as heroínas ganham espaço no cinemaaaa!!! Finalmenteeee um filme recente sobre minha heroína preferida ❤️ tá certo, que Gal no começo não agradou muito (pra mim, pelo menos) por ser beem diferente da Mulher Maravilha dos quadrinhos (magra, olhos escuros...), mas assistindo a essa prévia, amei (apesar que com toda essa produção, seria difícil não criar a personagem perfeitamente).  
Curtir · Responder · 🌐 449 · 23 de julho às 18:01 · Editado  
👉 82 Respostas

	 <p><b>Natalia de Abreu</b> Aí o filme estréia, ela lava uns tapas e vem um infeliz com mimimi, dizendo que é machismo, pois aconteceu a mesma coisa com a Mística do XMen... Fica vendo... Curtir · Responder · 198 · 24 de julho às 01:29 73 Respostas</p> <p><b>Richard Leitte</b> A trilha sonora me lembrou o último trailer de Harry Potter kkkk Curtir · Responder · 162 · 23 de julho às 16:15 19 Respostas</p> <p><b>Silésio Mendes</b> "Diana de Themyscira, trazida à vida por Zeus" maaaaaaaaaano olha a resposta, sem dúvida um filme espetacular, onde a própria Mulher Maravilha vai descobrir a dimensão dos seus poderes. Perfeito. Uma maravilha de Amazona Curtir · Responder · 134 · 23 de julho às 19:33 6 Respostas</p> <p><b>Felipe de Oliveira</b> Obrigado galera, por todo o apoio à minha esposa, Gal Gadot 😊 Curtir · Responder · 104 · 23 de julho às 17:00 4 Respostas</p>
Estrutura	<p>O post foi veiculado na página de fãs oficial do filme Mulher-Maravilha.</p> <p>Legenda do post: “Conheça a princesa amazona Diana de Themyscira! Assista agora ao primeiro trailer de #MulherMaravilha com Gal Gadot. Estreia em junho de 2017 nos cinemas.”</p> <p>A legenda do post usa hashtag #MulherMaravilha e marca a atriz que representa a personagem através de uma <i>tag</i><sup>59</sup>, a qual direciona para a página de fãs da artista.</p> <p>A legenda também informa a data de lançamento do filme e apresenta uma característica da personagem, que é o fato dela ser uma princesa amazona.</p> <p>O trailer do filme mostra muitas cenas de luta em que a Mulher-Maravilha está em destaque.</p> <p>A primeira cena do trailer é a personagem encontrando um homem afogado na praia.</p> <p>As cores das cenas são, na maioria, em tons frios e escuros,</p>

<sup>59</sup> Uma tag é uma palavra-chave (relevante) que o descreve e permite uma classificação da informação. Fonte: Wikipedia. Acesso em 11 mar. 17

	<p>como cinza e azul.</p>
Sentido	<p>O sentido da postagem é de divulgação do filme, apresentando características da personagem e informando a data de lançamento da obra.</p> <p>Utiliza de marcação da atriz de modo a destacar a mesma. Parece que o objetivo é atrair os fãs não só pelo filme, mas pela própria atriz que tem carisma junto ao público.</p> <p>O fato da legenda destacar através da hashtag o nome da personagem indica o destaque dado ao filme e a figura da persona da Mulher-Maravilha.</p> <p>A marcação à atriz, logo em seguida do nome do filme, indica, também, que a página deseja estabelecer uma relação forte entre a personagem e a artista.</p> <p>A Mulher-Maravilha é uma semideusa, uma guerreira, uma heroína e uma princesa. Chama atenção o fato da página destacar na legenda que ela é “princesa”. Tal fato indica a posição patriarcal em que é estabelecido o discurso, uma vez que a figura de princesa geralmente se refere à donzelas indefesas - o que não é o caso da personagem.</p> <p>Os tons escuros das cenas do trailer apresentam um sentido de falta de clareza e de nitidez e, talvez, até de confusão. Os tons frios trazem a impressão de falta de calor e, com isso, falta de afetividade. O sentido de que uma guerreira não sente afeto é trazido à tona, então, pela escolha da luminosidade do vídeo.</p>
Interação	<p>Os comentários analisados não interagem entre si. Quatro, dos seis comentários analisados, foram proferidos por homens.</p> <p>De um modo geral os comentários demonstram expectativa positiva pelo lançamento do filme, elogiando a produção do trailer.</p> <p>A grande maioria dos comentários traz opiniões sobre a escolha da atriz para interpretar a personagem. Há indícios de que as pessoas aprovam a atriz pelas características físicas da mesma, e não pelo seu talento profissional.</p> <p>Há comentários que indicam aprovação pelo empoderamento feminino representado através da Mulher-Maravilha. Um comentário é explícito ao afirmar que as heroínas estão ganhando espaço no cinema.</p>

	<p>Três dos comentários masculinos se colocam numa posição de dominação e de autoridade no discurso. O primeiro deles afirma que já havia dito que a escolha da atriz era adequada. Como se ele tivesse mais autoridade no assunto. O segundo disse que a personagem vai descobrir os seus poderes, como se ele já soubesse e ela não. Por fim, o último comentário masculino afirma que a atriz é sua esposa, estabelecendo uma relação de domínio perante os demais comentaristas.</p> <p>Há um comentário que opinia acerca da escolha da trilha sonora.</p> <p>Há um comentário que parece ter a intenção de enaltecer o empoderamento feminino, mas o que de fato é dito é que o fato da mulher lutar pode ser entendido sob uma perspectiva machista.</p> <p>As respostas dos comentários interagem entre si e debatem a escolha da atriz e o empoderamento da personagem.</p>
Comportamento social	<p>O sentido da postagem que dá destaque à atriz reverberou no teor das interações.</p> <p>Apesar do trailer apresentar muitas cenas em que a personagem aparece heroicamente lutando, o destaque maior nos comentários foi dado às características físicas da atriz e não ao seu empoderamento.</p> <p>Observou-se disputa pelo poder em dois aspectos. Um deles é quando os homens se colocaram num lugar de autoridade no discurso. O outro é quando estabeleceu-se um debate sobre as questões de empoderamento da personagem.</p>
Análise	<p>O post provocou os usuários a interagirem acerca da atriz e foi o que aconteceu nos comentários.</p> <p>O fato dela ser uma heroína empoderada aparece pouco nas interações analisadas. Desta forma, observa-se que os usuários dão mais importância aos atributos físicos da atriz do que ao seu empoderamento.</p> <p>É possível que os usuários homens tenham se sentido intimidados pelo empoderamento feminino, na medida em que buscaram demonstrar autoridade.</p>

## POST 2

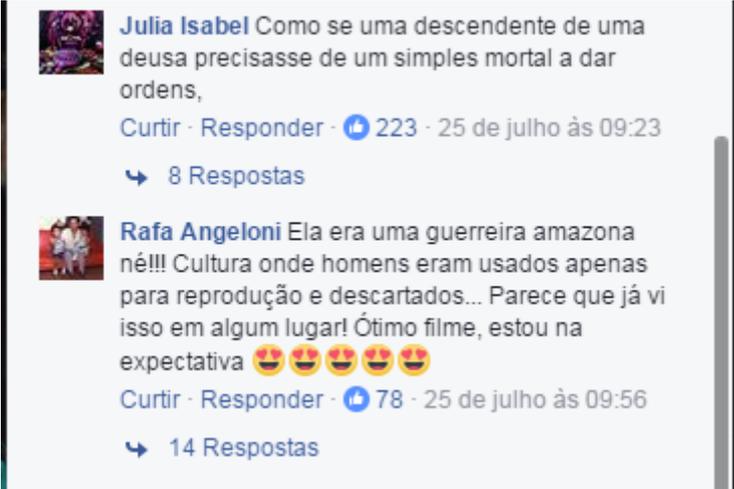
### A publicação



The screenshot shows a Facebook post from the page "Empodere Duas Mulheres", dated July 25th. The post features a video trailer for the movie "Mulher Maravilha" (Wonder Woman). The video frames show Gal Gadot as Diana Prince and Chris Pine as Steve Trevor. The text overlaid on the video reads: "Não posso deixá-la fazer isso." and "Não cabe a você decidir o que faço." The post has 27 mil likes, 3,329 shares, and 255 comments. A link to the YouTube trailer is provided: <https://www.youtube.com/watch?v=03gLP6WNbo>. The page name "Empodere Duas Mulheres" is visible in the top right corner of the post area.

### Os comentários

-  **Nati Oliveira** "Ain, ele quis ser cavalheiro mimimimi \*homi chorando\*\*"
- Primeiro que eu teria muita vergonha de falar uma coisa dessas para a própria deusa Diana Prince, segundo que essa é sempre a desculpa usada pelos macho pra fazer uma mulher submissa. "Eu só queria te proteger." Hum... não, obrigada.
- Curtir · Responder ·  884 · 25 de julho às 10:11 · Editado
-  29 Respostas
-  **Lalaine Rabêlo** Vi o trailer e só tenho uma reclamação a fazer: vai demorar muito pra ser lançado!
- Não vejo a hora de ver esse filme.
- Curtir · Responder ·  281 · 25 de julho às 09:13
-  **L Sama Luiz** Diana: O que é uma secretária?
- Secretária: Vou aonde ele manda ir e faço o que ele manda fazer
- Diana: Na minha terra isso se chama escravidão... [Ver mais](#)
- Curtir · Responder ·  247 · 25 de julho às 13:04 · Editado
-  4 Respostas

	
Estrutura	<p>Postagem veiculada em uma página de fãs do Facebook que debate temas feministas, chamada Empodere Duas Mulheres.</p> <p>A postagem apresenta o trailer do filme Mulher-Maravilha.</p> <p>Para esta publicação, a página utilizou dois <i>prints</i> do trailer e formou uma única figura. Na cena, a Mulher-Maravilha dança com um homem. O foco é no rosto dos personagens. Eles estão em uma festa. Ela aparece de cabelo preso e com pouca maquiagem.</p> <p>Em cada uma das imagens um trecho das falas dos personagens é apresentado.</p> <p>Quando o homem fala a Mulher-Maravilha está em primeiro plano. Quando ela fala, o homem está em primeiro plano.</p> <p>Texto da legenda do vídeo:  Homem: <i>Não posso deixá-la fazer isso.</i>  Mulher-Maravilha: <i>Não cabe a você decidir o que eu faço.</i></p> <p>No post há um texto de apoio, que segue: “Saiu o trailer da Mulher-Maravilha e... &lt;3”</p>
Sentido	<p>No texto de apoio, há a intenção de explicar que se trata do trailer do filme e a presença do coração denota aprovação, pois a imagem do coração representa emoções positivas nas redes sociais.</p> <p>O fato da personagem aparecer pouco produzida, mesmo estando numa festa, representa que o filme não tem interesse em destacar aspectos femininos da personagem.</p> <p>Na legenda que narra as falas do filme, observa-se que o homem tem uma conduta patriarcal, quando tenta proteger a</p>

	<p>personagem, indicando que não deixaria que ela fizesse algo. Ela, no entanto, empoderada, o destitui dessa posição de dominação afirmando que ele não tem poder sobre as suas decisões.</p> <p>A postagem parece ter o sentido de destaque ao empoderamento feminino.</p> <p>Os planos em que as cenas foram filmadas apresenta a intenção de elucidar a expressão facial do interlocutor em relação à fala.</p>
Interação	<p>A maioria dos comentários foi proferido por mulheres.</p> <p>O primeiro comentário é da própria página que traz o <i>link</i> pro trailer completo</p> <p>Dois comentários demonstram expectativa pelo lançamento do filme. Um comentário opina sobre uma outra cena do trailer, diferente da divulgada pela página, mas que tem uma conotação feminista.</p> <p>A maioria dos comentários possui um viés feminista no discurso.</p> <p>Os comentaristas não interagem entre si.</p> <p>Nas respostas dos comentários é levantada a questão do empoderamento feminino.</p>
Comportamento social	<p>Nos comentários analisados, os usuários parecem entusiasmados com a questão do empoderamento feminino da personagem.</p> <p>Observa-se que os usuários demonstram aprovação aos aspectos de empoderamento feminino levantados pela publicação.</p> <p>Parece haver identificação dos usuários com a heroína, que, na postagem, não demonstra submissão à postura machista do homem na imagem publicada.</p>
Análise	<p>Os comentários da publicação giraram em torno do empoderamento feminino.</p> <p>Parece haver identificação das usuárias mulheres com a heroína, que, na postagem, não demonstra submissão à postura machista do homem na imagem publicada.</p>

## Considerações Finais

A Mulher-Maravilha, apesar de ser tão importante quanto outros super-heróis, tem características peculiares em sua estrutura e sua aparência. Andrade (2012) permite dizer que essas características, objeto de alguns dos comentários analisados, são, em geral, inerentes a personagens femininas, constantemente submetidas ao olhar masculino, como beleza e sensualidade.

No entanto, as falas dessa heroína registram seus valores, que refletem tendências feministas e de defesa de minorias e oprimidos. As personagens femininas são constantemente objetificadas e fetichizadas, vestidas de maneira que não seria efetivamente prática para o combate corpo a corpo, mas muito atraente, para remeter ao sexo.

As personagens masculinas de modo geral representam o que o homem típico padrão gostaria de ser, uma projeção ideal criada para estabelecer a ilusão de poder e masculinidade perfeita. Já as personagens femininas representam o que o homem típico padrão gostaria de ter, uma mulher interessante, poderosa e incrivelmente bela, a única capaz de se equiparar ao homem superpoderoso presente na construção da auto-imagem masculina (ANDRADE, 2012).

De modo geral, dois grandes aspectos podem ser considerados destacados nesta análise: o sentido que páginas de fãs do Facebook procuraram trazer às postagens e o gênero dos usuários que comentaram. Quanto ao primeiro aspecto, observa-se que as interações respeitaram a abordagem trazida pelas páginas, na medida em que a discussão esteve em sintonia com os temas trazidos nas publicações, mesmo que nem sempre em termos de posicionamento. Quanto ao segundo aspecto, detecta-se que os homens posicionaram-se de modo autoritário e, as mulheres, apresentaram uma postura de resistência à cultura patriarcal, identificando-se com o empoderamento proposto pela personagem.

Quanto ao sentido que as publicações procuraram abordar, observa-se dois temas centrais: a escolha da atriz para interpretar a personagem (na primeira publicação analisada) e o empoderamento feminino dela (na segunda publicação analisada). A discussão sobre a quem é a atriz foi levantada, na maioria dos casos, por usuários homens, independentemente da publicação.

Já a discussão sobre quem é a personagem, em termos de suas características de coragem e empoderamento, foi trazida à tona, na maioria, por mulheres,

especialmente na segunda publicação. Isto se deve, talvez, ao contexto em que as publicações foram realizadas. A segunda postagem se deu em uma página de fãs em que a proposta é discutir o feminismo e isto pode ter autorizado as mulheres a se posicionarem nesses termos.

Quanto ao gênero, vimos que os usuários homens talvez tenham se sentido intimidados ou ao menos ameaçados pelo empoderamento feminino, na medida em que buscaram demonstrar autoridade em termos defensivos. Andrade (2012) fala que, no cinema, a mulher é heroína porque assim se constitui a partir de um modelo masculino e sob a autorização de um masculino opressor. O que foge disso provavelmente ameaça o masculino. De acordo com Mageste; Melo e Ckagnazzaroff (2008), existe uma confusão geral e certa ansiedade dos homens com respeito ao empoderamento feminino, uma vez que, para muitos, uma mulher empoderada os desempoderaria.

No que se refere ao teor dos comentários, na primeira publicação analisada, a maioria dos comentários foi proferido por homens e o fato de a Mulher-Maravilha ser uma heroína empoderada aparece pouco nas interações analisadas. Observa-se que os usuários deram mais importância aos atributos físicos da atriz do que ao empoderamento da personagem. Já na segunda postagem analisada, a maioria dos comentários foi realizado por mulheres e o tema do empoderamento feminino foi a tônica da discussão.

## REFERÊNCIAS

ANACLETO, Aline Ariana Alcântara; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. **A Reflexão de uma Estética Feminista no Cinema Brasileiro**. Anais do Colóquio Nacional de Estudos de Gênero e História – LHAG/UNICENTRO, p.572

ANDRADE, Ana Flávia Pereira. **Grande heral: a representação do feminino na Mulher-Maravilha**. 2013. Disponível em: [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4234/1/2012\\_AnaFlaviaPereiraAndrade.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4234/1/2012_AnaFlaviaPereiraAndrade.pdf). Acesso em 14 de agosto de 2016.

ANTUNES, Marta. O caminho do empoderamento: articulando as noções de desenvolvimento, pobreza e empoderamento. In: ROMANO, Jorge e ANTUNES, Marta. **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002.

ARAÚJO, Renata. O Novo Lugar da Mulher no Cinema: a realidade peruana e Claudia Llosa. **Monografia**. Salvador, 2009.

BATLIWALA, Srilatha. El significado del empoderamiento de las mujeres: nuevos conceptos desde la acción. In: LEÓN, Magdalena. **Poder y empoderamiento das mujeres**. TM Editores, Santa Fe de Bogotá, 1997, pp. 187-211.

BERNARDES, Márcia. **Uma reflexão inicial sobre feminismo na internet: gênero e corpo**. 2014.

COSTA, Ana Alice Alcantara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**, v. 5, n. 2, 2013.

HERRING, Susan C. (2001). **Computer-mediated discourse**. In D. Schiffrin, D. Tannen, & H. Hamilton (Eds.), *The Handbook of Discourse Analysis* (pp. 612-634). Oxford: Blackwell Publishers. Disponível em: <http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmd.pdf>

MAGESTE, Gizelle de Souza; MELO, MCOL; CKAGNAZAROFF, Ivan Beck. Empoderamento de Mulheres: uma proposta de análise para organizações. **ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, V, Belo Horizonte, 2008**.

SIQUEIRA, V. Sexualidade e gênero: mediações do cinema na construção de identidades. **Anais da 27ª ANPED Sociedade democrática e educação: qual universidade**, p. 01-19, 2004.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 28-62, 2007.